

EXISTE RECEITA PARA O AMOR?

Não seu lado
Novamente

GISLAINE SOUZA



Não seu lado
Novamente
Existe receita para o amor?

Sinopse



Maria Clara com vinte anos se mudou para Itália confiante em ser tornar uma grande pintora. Estudou nas melhores escolas de artes, as expôs em diversos lugares do mundo, mas nenhum desses anos longe de sua cidade natal a trouxe de volta para Florianópolis. Nasceu e cresceu nessa cidade. Sorriu e chorou. Amou e foi amada. Agora com seus vinte e nove anos é uma grande artista. Ao se mudar, ela deixou seu grande amor para trás quando decidiu se mudar para outro país, Luís Henrique. Ele se tornou um belo homem de trinta e dois anos, dono de um renomado restaurante em Florianópolis.

Ao se reencontraram no Natal seus sentimentos foram expostos e revelados apenas com os olhares um para o outro. Um ainda amava o outro, mas tinha muita coisa em jogo além do amor. Carreira em países diferentes, familiares e um casamento. Maria Clara nunca imaginou que se veria refém do amor novamente, principalmente um grande amor que sentia pelo Luís Henrique e ela sabia que jamais iria largar a sua carreira na Europa.

Luís Henrique já era ao contrário, estava disposto a enfrentar os desafios para ter a mulher da sua vida de volta, mas sabia que ela não cederia tão facilmente assim e que muito menos iria deixar a carreira de lado por causa de amor. Ambos estavam se conhecendo novamente após nove anos separados, conheciam um pouco do amor, mas ainda não sabia que o amor era capaz de coisas inimagináveis.

Após o Natal ambos seguiram as suas vidas, mas era impossível controlar ao amor que estava renascendo em ambos e eles decidiram esconder de todos fingindo que eles voltaram a serem amigos. Maria Clara voltou para Itália no início do ano e deixando Luís mais uma vez para trás, mas em Junho está de volta a sua cidade natal por causa de problemas na família.

Prólogo



Dezembro de 2017...

Faz nove anos não volto para a minha cidade natal, mas é por um ótimo motivo, conquistei alguns sonhos que sempre tive e me tornei uma renomada pintora. Desde pequena eu vivia desenhando pelas paredes de minha casa, até os meus pais se irritarem com as minhas artes e me comprarem telas apropriadas para pinturas. Sempre foi um modo de eu relaxar, esquecer o mundo e libertar a minha imaginação em traços coloridos. Ao passar da minha infância e adolescência nunca abri mão do meu sonho em ser uma maravilhosa pintora.

Meus pais e avós sempre apoiaram o meu sonho, e me ajudaram em tudo quando eu decidi me inscrever na escola de artes em Florença na Itália. Decidi isso quando tinha apenas quinze anos e nessa época eu tinha um namoradinho, nunca deixei o meu sonho de lado por causa de amor. Ele também tinha os seus sonhos e também não os deixariam de lado por causa do nosso romance. O resultado foi, quando eu estava prestes há completar vinte anos consegui uma vaga na escola de artes em Florença e fui.

Luís Henrique não pensou na possibilidade de ir comigo e eu nem queria isso, pois ele estava estudando gastronomia e eu não queria atrapalhar os seus sonhos. A nossa separação, o termino de namoro foi extremamente triste e complicado para nós. Eu sempre soube que seria daquele jeito quando eu decidir seguir os meus sonhos.

Agora, nove anos depois eu estou voltando para a minha cidade natal para passar o Natal com a minha família e com certeza irei trombar com ele em algum momento. Nesses anos que se passaram nunca perguntei do Luís e tentei esquece-lo. Em certos momentos eu o esqueci, mas quando eu estava sozinha em meu quarto chorava de saudade, mas não podia abandonar tudo e voltar para Florianópolis.

Chorar olhando as nossas fotos do nosso relacionamento de cinco anos era a única coisa que eu fazia ao pensar nele. Um suspiro cansado e carregado de

saudade escapa da minha boca, e encaro a janela do avião ao meu lado. Mas isso tudo não significa que eu ainda o amo, pois não o amo. Acredito que ainda exista um sentimento forte por ele, mas tenho certeza que não é amor.

Estou prestes a desembarcar, sei disso, pois a comissária de bordo nos pede para prender os nossos cintos. Sinto a mão do Augusto tocar em meu braço, olho para ele e sorrio. Somos apenas bons amigos, é apenas amigos mesmo. Conhecemo-nos no primeiro dia de aula e fiquei extremamente surpresa em saber que ele é da mesma cidade que eu. Dividíamos um apartamento com mais uma amiga italiana, éramos um trio, quero dizer, somos um trio de pintores maravilhosos. Irei voltar para Florença assim que passar as festas do final de ano. Augusto fará a mesma coisa e já até estamos com as nossas passagens de volta marcadas.

— Senhores passageiros, vamos pousar em cinco minutos na pista do Aeroporto Internacional de Florianópolis - Hercílio Luz. — A voz do comandante soa através dos alto-falantes do avião. — A nossa companhia agradece a preferencia e desejamos boas festas.

Em seguida o comandante repete suas palavras em italiano e logo após em inglês. Retiro o meu travesseiro de pescoço, afivelo o meu cinto e observo o avião pousar pela janela. Suas rodas tocam o chão causando um leve tremor e em pouco tempo o avião taxia na parte do desembarque. Solto o meu cinto, me espreguiço e levanto da poltrona. Augusto pega as nossas malas de mão do compartimento acima de nossas cabeças, entrega a minha e caminhamos para fora do avião.

Seguimos em silêncio para a aérea de desembarques das malas, paramos ao lado das esteiras e ligo o meu celular enquanto esperamos as nossas malas. Pedi para ninguém da minha família vir me buscar no aeroporto, não gosto de quando eles criam mil e uma possibilidades de algum possível romance entre eu e o Augusto. Já disse um trilhão de vezes e vou continuar dizendo que somos bons amigos. Tá, o Augusto é bem bonito, mas não quero um romance por enquanto.

Pouco mais de cinco minutos pegamos as nossas malas e seguimos para fora do aeroporto. Espero um táxi ao lado do meu amigo e de repente me assusto com uma buzina alta. Olho para o lado e um grande sorriso banha os meus lábios. Minha cunhada salta do carro do meu irmão e corre em minha direção. Abraçamo-nos bem apertado, Debora se afasta de mim e passa um demorado olhar avaliativo pelo corpo do Augusto até focar em seu rosto. Eles se cumprimentam com dois beijos no rosto, me afasto deles e abraço o meu irmão.

— Pensei que você nunca mais voltaria para cá. — Wallace fala num tom de reprovação.

— A minha vida não é mais aqui e sim em Florença. — O empurro pelo

ombro e ele sorrir.

— Vamos embora, aquarela que a nossa família está te aguardando ansiosamente.

— Nos vemos depois, Clarinha. — Augusto fala e se despede de mim com um abraço apertado.

A sua família mora num bairro diferente da minha família e por isso não vamos embora juntos. Meu irmão coloca as minhas malas no porta-malas do seu carro, entro no banco de trás e ele se senta na frente ao lado da minha cunhada. Nesses nove anos que se passaram, a minha família sempre ia para Florença passar os finais de ano comigo, mas esse ano, nós tivemos que fazer diferente. Vim para cá, pois os meus avós já não aguentam mais passar horas dentro de um avião e eu que fui obrigada a fazer isso.

Durante o caminho para a casa dos meus pais, meu irmão e cunhada contam as novidades da minha família. Descubro que o meu irmão caçula se alistou no exercito brasileiro, meus pais estão planejando mais uma viagem de lua de mel no ano que vem e os meus avós vão ficar na casa do meu irmão durante essa nova lua de mel dos nossos pais. Dona Zuleica e senhor Marcelo são casados há muitos anos, antes mesmo do meu irmão mais velho, Wallace, nascer.

— Olha para o seu lado esquerdo, Clarinha. — Minha cunhada pede e assim eu faço. Estamos na avenida principal do meu bairro e os meus olhos se arregalam levemente ao ver o nome do restaurante por onde estamos passando. — É o restaurante do Luís Henrique.

Restaurante Morales. Eu sempre acreditei nos sonhos do Luís e estou feliz por ele ter conquistado o seu maior sonho. O seu restaurante.

— Legal. É bom ver que ele conseguiu.

— Ele se casou recentemente. — Minha cunhada informa me fazendo engasgar com a minha saliva.

— Casou?

— Sim, com a Ingrid.

— Com aquela vaca? — Questiono quase gritando e vejo pelo retrovisor o meu irmão ri. — Que bom para eles.

Ingrid é minha ex-melhor amiga. Estudamos desde a quinta serie até o terceiro ano juntas, e ela sempre se insinuava discretamente para o Luís. Não era tão discretamente, pois eu percebi, mas todos falavam que eu estava vendo demais. Até Luís Henrique falava isso e eu ficava me corroendo de ódio, pois eu sabia que não estava vendo demais. Eu estava enxergando a verdade, até que um belo dia eu vi e ouvi a Ingrid se declarando para o meu namorado.

— Deixe de rinha boba. Vocês já são adultos. — Wallace murmura me provocando.

— Ela era minha melhor amiga e dava em cima do Luís que era o meu namorado. Eu estou certa em ter rinha com ela, irmãozinho.

— Então guarde essa rinha por pelo menos hoje. Eles e a família do Luís vão passar o Natal lá em casa.

— Está de brincadeira, né? — Questiono irritada.

— Não.

Calo-me, pois não quero me estressar e eu fecho os meus olhos. Não estou preparada vê-lo, ainda mais de ouvir essa novidade. Eu sabia que ele poderia estar com alguém, mas não esperava isso. Casado com a Ingrid. Sinto vontade de gritar, mas me contenho. Assim que chegamos em minha casa sou recebida com braços, beijos e milhões de perguntas.

Meus pais querem saber por que o Augusto não veio comigo, eu informo que ele foi para a casa de seus pais, mas a noite virá com a família para cá. Vejo a alegria estampar os seus rostos, converso um pouco com os meus avós e retiro a minha atenção deles quando vejo a minha sobrinha correr em minha direção. Abro os meus braços e a Clarita pula em meus braços. Ela tem apenas seis anos, é a copia do meu irmão internamente e extremamente é a minha cunhada.

— Que saudade, Clarita.

— Também estava, tia. — Clarita informa sorridente.

— Você está linda.

Seu cabelo loiro igual de sua mãe está um pouco acima dos cotovelos e tem diversos cachos em suas pontas. Seus olhos claros é a única coisa que lembra o meu irmão, ou melhor, é a única coisa que lembra a genética da família Garcia. Clarita sai dos meus braços quando meu irmão a chama para ir ajuda-lo a colocar os presentes em baixo da árvore de Natal e eu resolvo subir para o meu quarto. Preciso descansar e dormir um pouco antes da ceia de Natal.

[...]

O relógio em meu pulso está marcando quase seis horas da tarde e eu acabei de acordar. Levanto da minha cama, tomo um banho rápido e me visto com a primeira roupa que encontro na minha mala. Calça jeans e camiseta azul de manga longa. Pego os presentes em minha mala, desço para o primeiro andar da minha casa e ando em direção as vozes após colocar os presentes em baixo da árvore.

Encontro os meus pais, avós e o irmão conversando na cozinha, mas os meus olhos se fixam na pessoa que está ao lado do Wallace. *Ele*. Luís Henrique. Meus olhos analisam rapidamente as suas mudanças e sinto vontade de assobiar. Seus cabelos agora estão mais curtos do que na época que nós namorávamos, seu

corpo quase o mesmo, mas consigo ver que os músculos estão mais definidos e em sua rosto existe uma barba nunca existente antes.

— Acordou, querida. — Minha mãe fala fazendo todos olharem para mim. — Olha quem veio te visitar antes da ceia, o Luís.

— Oi. — Me limito a dizer apenas isso ao olhar para o Luís.

— Oi Maria Clara. — A sua voz é como música para os meus ouvidos.

— Deixei os presentes embaixo da árvore de Natal. — Informo olhando para os meus pais.

Ficou bem evidente que eu fiz isso apenas para fugir do olhar do Luís. Desde quando eu namorava o Luís, ele sempre foi muito próximo e querido da minha família. Todos sempre o adoraram e isso não mudou com o nosso termino, mas nunca se passou pela minha mente que ele passaria o Natal conosco, logo nesse ano que eu vim para cá.

— Tia, eu vou ir terminar o pato e volto antes das oito da noite. — Luís informa olhando para a minha mãe.

— Querido, nós tínhamos combinado que ia te ajudar, mas eu me esqueci disso e combinei de dar uma passadinha no salão de cabelereiro da Helen. — Minha mãe faz um bico e se vira para mim. — Clarinha, você poderia ir no meu lugar. Você sabe fazer aquele molho que é receita de família.

— Acho melhor não, mãe. Faz tempo que eu não o faço e...

— Não vejo problema algum nisso. — Wallace se intromete na conversa. — Você sabe muito bem, não duvido nada que saiba fazer de olhos fechados.

— Wallace. — Resmungo revirando os olhos.

— Vá, por mim, por favor, e aproveite para conhecer o restaurante do Luís. — Minha avó sorri de forma doce para nós e cochicha algo com a minha mãe. — Não irá demorar e você terá tempo para se arrumar antes do seu namorado chegar.

— Namorado? O Augusto? — Rio debochada e percebo os olhos do Luís em cima de mim. — Somos... — Deixo a frase no ar. Por que eu não poderia fingir que namoro o Augusto, somente para provocar o Luís. Seria infantil? Não, eu acho. Assim eu posso conseguir saber se ele sente algo por mim. Eu ainda gosto dele e tal, mas amor já não me domina mais. — Tudo bem, eu vou, mas quero voltar logo.

— Prometo que a trago de volta em segurança. — Luís informa debochado olhando para os meus pais.

[...]

Confesso que o caminho da minha casa até o restaurante foi extremamente

desconfortável. Luís e eu viemos em completo silêncio. Não temos o que conversar e mesmo que tivéssemos, não saberíamos como começar. Descemos do seu carro, o espero vim para perto de mim e o sigo em direção ao restaurante que está fechado.

Assim que entramos no ambiente meus olhos avaliam cada pedacinho. Bem aconchegante e com aquela impressão de ser familiar. Piso de madeira, paredes em tons claros e mesas bem modernas. Alias tudo é bem moderno. Percebo que o Luís não está mais por aqui, ando em direção aonde presumo ser a cozinha e acerto em cheio ao passar pelas portas duplas de cor escura.

— Espero que ainda saiba, se ficar ruim o molho, a culpa vai ser toda sua. — Luís informa divertido chamando a minha atenção.

— Seu restaurante é bem moderno e tem uma cozinha muito bem equipada. — Comento ignorando o que ele acabou de dizer. — Realizou o seu grande sonho.

— Sim, e eu me orgulho disso. — Luís sorri de forma doce e eu retribuo. — Você também, não é? Fiquei sabendo que é uma grande pintora.

— É a verdade, e não estou me gabando. — Rio, bem humorada e encosto-me a pia que tem perto de mim. — Não sou uma Simone Martini, mas estou bem onde estou. Quando viajo para expor as minhas obras, não sou a atração principal, mas já um sonho em estar ali.

— Imagino. Você merece muito mais com todos os seus cursos e quadros que eu já vi.

— Você também merece tudo isso. — Aponto ao nosso redor e ele agradece. — Vamos começar esse molho logo, quero voltar cedo para me arrumar.

— Pode mexer aonde quiser, fique a vontade e finja que a cozinha é sua. Vou ir fazer uma ligação da minha sala aqui ao lado e já volto. — Luís informa me fazendo assentir.

Observo-o sair da cozinha, pego um avental junto com uma touca que estava em cima do balcão e me visto. Pego todos os ingredientes necessários para o molho que é segredo de família e começo por cortar os tomates. Percebo que o celular do Luís está próximo a mim e franzo o cenho. Se ele foi fazer uma ligação, porque não levou o celular? É o questionamento que fica em minha mente até eu lembrar que ainda existe telefone fixo.

Sou tão avoada.

Confesso que quando eu olho para ele, tenho vontade de questionar sobre o seu casamento, mas me controlo. Eu não tenho esse direito, mesmo que tenhamos namorado por cinco anos e ele ter se casado com a minha ex-melhor amiga. Luís seguiu a sua vida, assim como eu deveria fazer, mas não fiz porque

fiquei muito focada em crescer em minha carreira. Tive alguns casinhos rápidos, inclusive com o Augusto, mas nada muito sério ou duradouro.

— Droga! — Exclamo quando sinto a lamina da faca cortar levemente o meu dedo e corro para coloca-lo em baixo d'água. — Odeio isso.

Sempre quando me lembro do rápido romance com o Augusto algo acontece me trazendo de volta para a realidade. Sinto a presença do Luís próxima a mim, ele toca em minha mão analisando o corte e o tira debaixo d'água.

— É superficial. Daqui a pouco para de sangrar. — Ele informa e coloca um pequeno curativo em meu corte. — Está tudo bem?

— Sim. — Afirmo e volto para perto da onde eu estava. — Me ajude a cortar as cebolas e cenouras.

— Claro.

Luís para ao meu lado, ele pega outra taboa com a faca e começa a cortar as cebolas. Uma música chama a minha atenção e uma batida falha em meu coração. É a música que costumávamos escutar enquanto ficávamos deitados em minha cama ou na dele. Ouço o Luís um pequeno suspiro, olho para o seu celular ao meu lado e vejo a foto do contado da Ingrid. São eles como um belo casal feliz. O celular para de tocar e continuamos a fazer o que estávamos fazendo.

— O pato já está pronto? — Pergunto fingindo que nada acabou de acontecer.

— Você já deve saber que eu me casei com a...

— Ingrid. Minha ex-melhor amiga que dava em cima de você quando namorávamos? Sim, eu fiquei sabendo assim que encontrei o meu irmão.

— Eu imagino o que você deve pensar sobre esse assunto, mas eu queria te contar sobre como aconteceu.

— Não, obrigada. Eu não quero saber do romance do meu ex-namorado com a minha ex-melhor amiga.

— Maria Clara, somos adultos e podemos conversar sobre isso.

— Sim, somos adultos e não precisamos conversar sobre isso.

— Por favor. — Ele pede de uma forma que faz o meu coração se apertar e isso me faz lembrar a época do nosso namoro. — Nós nos casamos, mas não foi por amor...

— Não quero ouvir sobre isso! — Exclamo largando tudo que estou fazendo e encaro o Luís. — Não devemos satisfações um ao outro. Não temos mais nada há anos...

— Nos casamos apenas para ela receber uma herança da família paterna, era preciso que ela estivesse casada. Estava escrito no testamento. Clarinha, eu

nunca me casaria por amor com a Ingrid, pois não sinto isso por ela.

— Se casaram apenas por uma herança? Poupe-me, *LH*.

Calo-me quando o seu apelido escapa da minha boca e eu volto a cortar os tomates.

— Acredite se quiser. — Luís dá de ombros. — Assim que você foi embora, a Ingrid percebeu o quão errada foi em relação aos seus sentimentos e me disse que ela tinha confundido as coisas.

— Vamos terminar de fazer isso daqui logo, quero ir embora.

Não quero ouvir mentiras, não quero ouvir verdades e não quero reviver o meu passado, pois isso pode renascer algo que está dormindo dentro de mim. Não sei o que é, mas não quero que isso aconteça. Olho rapidamente para o Luís e respiro mais aliviada em saber que ele concordou com a minha decisão.

[...]

Luís Henrique me deixou em casa oito e meia da noite, fez questão de nos atrasar só porque eu não quis conversar com ele sobre o seu casamento de mentira. Assim que entrei em casa olhares curiosos caíram sobre mim e eu me apressei em ir para o meu quarto. Precisava me arrumar, o meu amigo chagaria aqui em menos de meia hora e eu precisava estar arrumada para recepcioná-lo. Respiro fundo após finalizar o meu batom vermelho, passo a mão em minha franja pela última vez e calço meu salto alto.

— Aquarela... — Ouço o meu irmão me chamar e ele logo entra em meu quarto. — Seu namorado chegou...

— Eu não tenho namorado. — Resmungo encarando o meu irmão.

— Me deixa acabar de falar. — Ele resmunga no mesmo tom que eu. — Seu namorado, ou ainda ex-namorado, acabou de chegar com a esposa de mentirinha e o Augusto com a família também.

— Você sabia que o casamento deles é falso? — Questiono ignorando o seu aviso.

— Sim.

— E não me contou?

— Esqueci. — Ele dá de ombros. — Mentira. Queria que você ficasse sabendo por ele mesmo.

— Você foi um babaca, Wallace. Eu não acredito que todos esconderam isso de mim.

— Ninguém escondeu. Você apenas não tinha interesse em saber sobre a vida do Luís.

— Não quis e ainda continuo não querendo, mas você podia ter me

contado. Eu pensava que o casamento tinha sido por amor.

— E você acha que ele já te esqueceu? Enganou-se, aquarela. Ele ainda te quer.

Ignoro-o me olhando pela última vez no espelho, passo a mão no meu vestido sereia de cor vermelha e passo pelo meu irmão após sair do meu quarto. O que Wallace acabou de dizer está martelando em minha mente e se passa em meus olhos como um letreiro. *O Luís Henrique ainda me quer?* Não é possível, não depois de tantos anos separados. Chego à sala de estar chamando a atenção de todos e me direciono ao Augusto que está ao lado do meu pai.

— Você está belíssima. — Augusto me elogia assim que os seus olhos me avaliam e recebo um beijo em minha bochecha. — Só está faltando uma coisa.

— O que? — Questiono intrigada.

— Isso. — Ele me entrega uma caixa de veludo em cor escura e eu nego com um sorriso. — Aceite. Comprei junto com os meus pais e é o nosso presente de Natal pra você.

— Você sabe que não precisava.

— Não seja boba e se vire para eu colocar em seu pescoço.

Faço o que ele pede, coloco o meu cabelo para frente e sinto o cordão frio tocar em meu pescoço. Levo a minha mão em sua direção, toco no pequeno pingente e sorrio ao olhar diante do espelho que tem atrás da porta de entrada. É uma tela em cima do cavalete. Agradeço-o com um beijo demorado em sua bochecha seguido de um abraço apertado e vou em direção aos seus pais para agradecer.

Ouço a porta de entrada ser aberta, meus olhos encontram os de Luís e logo depois de Ingrid que está ao seu lado. Levo o meu olhar para o outro canto da sala rapidamente e vejo que o Augusto encara o Luís com uma expressão estranha. Eles não se conhecem e eu nunca mostrei nenhuma foto do Luís para os meus amigos.

— Boa noite a todos. — Luís fala suavemente e os seus olhos veem até a mim. — Temos que finalizar o pato, Maria Clara.

Apenas assinto com a cabeça, ando em direção à cozinha, mas paro quando o Augusto segura em meu braço. Sua expressão continua estranha e eu o encaro, preocupada.

— Podemos conversar? — Sua pergunta me pega de surpresa.

— Me deixe apenas finalizar o pato com o Luís e volto para conversarmos.

— Ele é o Luís Henrique, seu ex?

— Sim. — Afirmo diante de sua pergunta e sigo para a cozinha, que está vazia a não ser pelo Luís que está observando o pato assado. — Não sei por que pediu a minha ajuda para isso, é somente jogar o molho em cima e colocar de

volta no forno para não esfriar.

— Você está com aquele cara desde a época que foi para Florença e só agora que fez questão em apresentá-lo para a sua família? — Seu questionamento me pega de surpresa e me irrita no mesmo segundo. — Você é inacreditável.

— Não estou te entendendo, Luís. Augusto é apenas o meu amigo, melhor amigo na verdade.

— Não mesmo. — Luís nega irritado e me puxa para o quintal dos fundos da casa dos meus pais. — Eu fui atrás de você quando fez seis meses que você tinha partido, eu fui lá porque queria reatar, mas quando eu cheguei ao endereço que o seu irmão me deu aquele cara abriu a porta e me informou que você estava no banho assim que eu perguntei de você.

— Você não foi atrás de mim, pois se estivesse ido eu saberia.

— Então pergunta para aquele idiota! — Ele exclama ainda mais nervoso. — Ele abriu a porra da porta usando apenas uma bermuda e com cara de quem acabou de...

— Não, não. — Balanço a minha cabeça para os lados e me afasto do Luís. — Nós moramos juntos com mais uma amiga nossa e eu nunca soube que você foi lá.

— Eu fui, mas me arrependi no segundo que entendi que você tinha seguido a sua vida.

— Espera um segundo. — Peço tentando entender o que está acontecendo e dou um passo para trás batendo num corpo masculino.

— Conta para ela que eu fui atrás dela quando fez seis meses que ela estava em Florença e foi você que abriu a porta. — Luís pede olhando para o Augusto que está atrás de mim.

— Eu não sabia quem você era e ainda é o Luís que a Clara tanto fala. Eu nunca contei, pois nunca achei necessário, até eu ver você entrando por aquela porta. — Ouço o Augusto explicar e eu enfim olho em seus olhos. Eu sei que ele está sendo verdadeiro e também sei que ele não tinha como saber que ele era o meu ex-namorado. — Você não se apresentou e assim que eu disse que a Clara estava no banho, você simplesmente foi embora.

— Você não teve culpa dele ter ido embora ou qualquer outra coisa, Gus. Apenas me deixe um segundo com o Luís. — Peço o fazendo assentir antes de se afastar e me viro para o Luís. — O que você quer com todo esse assunto? Nós seguimos em frente, principalmente você quando decidiu se casar com a Ingrid e já se passou nove anos que estamos separados.

— Nove malditos anos! Eu sempre quis a sua felicidade e realizações a cima de tudo, mas isso não quer dizer que o que eu sentia por você simplesmente

morreu.

— Se passou nove anos, não é possível que ainda exista amor de sua parte...

— Da sua não? — Seu questionamento me faz querer cavar um buraco e me enfiar nele, mas eu me mantenho em silêncio. — Eu nunca te esqueci.

— Não vamos mexer em assunto já encerrados.

Não lhe dou a chance de me responder, me afasto e vou em direção a grande sala de estar onde todos estão reunidos. Sento-me ao lado do Augusto, seguro em sua mão e lhe direciono um sorriso. Como eu não soube da parte da minha família que o Luís foi atrás de mim? Eles não podiam ter escondido isso. Mina mãe chama a minha atenção e eu vejo que os meus ex-sogros chegaram. Cumprimento cada um com um abraço apertado e um amplo sorriso nos lábios. Sempre nos demos muito bem, principalmente quando namorava o filho deles.

— Não imaginávamos que você voltaria. — Judith, mãe do Luís comenta sorrindo para mim.

— Nesse ano tive que vim para cá, pois ninguém da minha família quis ir até mim. — Finjo chateação ao olhar para a minha mãe e ela revira os olhos.

— É muito bom em você estar de novo aqui. Ficaré por quanto tempo? — Henrique, pai do Luís me pergunta.

— Até dia dois.

— Confesso que quando soubemos da sua volta, pensamos que era definitiva.

— Não. Minha vida não é mais aqui. — Assim que as palavras saem de minha boca vejo a Ingrid parar ao lado de sua sogra.

— Oi Maria Clara.

— Oi Ingrid. — Meu tom é frio e todos percebem. — Mãe, porque não vai vê se o Luís precisa de ajuda? Tenho certeza que você vai querer experimentar o molho antes.

— Oh, meu Deus. Me esqueci disso. — Minha mãe coloca a mão em sua testa e vai rumo a cozinha sendo seguida pelos pais de Luís. — Quer algo, Ingrid?

— Apenas contar que Luís te ama e você é uma tola por não querer dar uma chance a ele.

— Já deu o seu recado, querida. — Informo irônica voltando para perto do Augusto.

[...]

— Tia, você pode me desenhar naquelas suas telas? — Clarita pede chamando a atenção de todos.

— Claro, meu amor, mas a tia não tem nada aqui. Posso fazer quando chegar em Florença.

— Mas eu não vou estar lá. — Ela fala cabisbaixa.

— Eu mando para cá, boneca. — Informo a fazendo concordar sorrindo.

— Então é uma farsa o casamento? — Augusto questiona chamando a minha atenção novamente.

— Sim.

Eu contei por cima e discretamente tudo o que aconteceu para o meu melhor amigo, e ele ficou surpreso quando soube que o casamento deles é uma mentira. Claro que ele disfarçou bebendo um pouco mais do vinho em sua taça e em seguida ficou em silêncio digerindo a notícia. Estamos todos na sala de estar, o relógio marca quase onze horas da noite e eu quero que tudo isso acabe logo para eu ir me deitar.

Preciso entender com calma tudo o que aconteceu hoje. Ao saber que o casamento é uma farsa eu fiquei um pouco aliviada e o meu coração se aqueceu, mas não quero voltar com o Luís. Não quero passar por despedidas novamente quando eu voltar para Florença, ainda mais viver um relacionamento á distancia.

— Eu imagino a surpresa que você tomou ao saber disso. — Augusto comenta. — Ele gosta de você, assim como você dele, mas você não consegue ver isso, pois colocou outras coisas na frente desse amor.

— Talvez você esteja certo, mas eu não sei se consigo me relacionar novamente com ele. Não será a mesma coisa de nove anos atrás, não é o mesmo amor, a mesma intensidade e não somos as mesmas pessoas.

— Não mesmo. — Luís concorda. — Mas pode dar certo, essa nova chance para ambos, o amor ainda existe entre vocês.

— Como você consegue me aconselhar mesmo depois do que rolou entre nós dois? — Pergunto divertida o fazendo sorrir.

— Foi bom, gostoso, mas a nossa amizade veio antes disso, Clarinha.

— Amizade em primeiro lugar.

Brindamos com as nossas taças e quando levo a minha á boca percebo o olhar do Luís em cima de mim. Esses nove anos fizeram muito bem para ele, assim como para todos nós. Observo ao meu redor, vejo os meus pais conversando com os pais do Luís e do Augusto. Meu irmão conversa com o Luís, minha cunhada conversa com a Ingrid e a Clarita está em seu colo. Levanto-me do sofá chamando a atenção de alguns, me direciono para a cozinha e encho a minha taça com vinho novamente. Aproveito para pegar um pequeno pedaço do pato e experimento junto com o molho. Ótima combinação.

— Como sempre apressada. — Ouço a voz do Luís perto de mim e viro de frente para ele. — Está bom?

— Muito.

— Seu molho ficou muito bom.

— Ficou do mesmo jeito de sempre. É receita de família. — Dou de ombros levando o dedo à boca cheio de molho.

— Qual o ingrediente principal? — Seu corpo já está mais próximo do meu e eu estou quase encurralada entre o seu corpo e o armário.

— Amor, tudo se faz com amor. Você é chefe de cozinha, dono de um restaurante e deveria saber disso.

— Então é *receita de amor*.

— Sim. — Afirmo.

Meus olhos estão presos nos seus, sua boca próxima a minha e eu estou parecendo um robô respondendo tudo automaticamente. Quando eu desembarquei daquele avião mais cedo, disse para mim mesma que eu não amava o Luís Henrique, mas me enganei. Eu ainda o amo. Esse amor é ainda mais forte do que há nove anos e eu não sei como reagir sentindo tudo isso novamente. Eu não tinha noção disso até tê-lo tão próximo a mim e de ter dito que não me esqueceu.

Capítulo

Junho de 2018...

O pincel passa lentamente sobre a tela dando o último retoque na pintura que fiz para Clarita, eu demorei meses para realizar o pedido dela, mas hoje eu resolvi que iria me dedicar, ainda mais sabendo que daqui algumas horas eu estarei embarcando de volta para Florianópolis. Meus avós estão doentes, minha mãe me ligou desesperada pedindo para eu ir para casa e eu vi que eu não podia negar.

— Está lindo. — Gus elogia ao olhar para a tela á minha frente.

— Tem certeza? — Questiona receosa.

— Absoluta.

Sorrio levemente para ele e volto a prestar atenção á pintura. Clarita ficou devidamente linda nessa pintura, tenho certeza que ela irá amar. A notificação do meu MacBook chama a minha atenção e eu vejo que Luís está me chamando. Aqui em Florença é quatro da manhã e em Florianópolis apenas meia noite. Às vezes Luís e eu passamos horas conversando via mensagens ou vídeo-chamada.

No dia de Natal que houve aquele turbilhão de sentimentos, mas nenhum contato intenso, eu vi que eu estava quase caindo á mercê do amor novamente. Luís e eu quase nos beijamos naquela noite, mas por sorte... ou azar, a Clarita entrou na cozinha atrapalhando o nosso momento.

Nós não voltamos a se aproximar depois daquele momento, preferimos ficarmos afastados e eu estava muito receosa com tudo aquilo. Ele foi embora com a sua família durante a madrugada, viemos nos reencontra três dias depois e desde então mantemos contato como amigos. Apenas isso.

No dia dois de janeiro quando eu tive que voltar para cá, Luís apareceu na casa dos meus pais para se despedir de mim e o beijo aconteceu. Foi profundo, intenso e rápido. Eu fiquei sem nenhuma reação e ele apenas sorriu antes de ir embora. Balanço a cabeça para os lados afastando esse pensamento, pego o meu fone que está conectado no MacBook e coloco em uma das minhas orelhas.

— Você deveria estar dormindo. — Luís comenta assim que conectamos a vídeo-chamada. — Vai embarcar daqui algumas horas.

— Eu sei, mas estava finalizando o quadro que a Clarita me pediu.

— Com certeza ficou lindo. — Ele comenta sorridente, mas logo fica sério ao ver Gus passar atrás de mim saindo do nosso pequeno ateliê. — Que horas você chega aqui?

— De madrugada.

— Wallace vai ir te buscar?

— Não sei. Ainda não falei com ele.

— Entendi. — Ele murmura pensativo e se espreguiça.

— Ainda está no restaurante?

— Sim, estava fazendo o fechamento da noite.

Fico sem saber o que falar, largo o pincel e limpo as minhas mãos numa toalha que está em meu colo. Luís está quieto me observando atentamente, olho para trás por cima do meu ombro e vejo o Gus pendurando o seu mais novo quadro na parede. Elogio o fazendo sorri em forma de agradecimento, continuo a limpar as minhas mãos e levo o meu olhar até a tela do meu MacBook.

— Por que tanto me olha em silêncio? — Questiono.

— Porque você é linda... — Sinto minhas bochechas corarem com o seu elogio e eu desvio o meu olhar. —, e porque eu estou louco pela sua chegada.

— Luís...

— Eu não consigo esquecer aquele beijo. — Ele confessa ao me interromper.

Eu também não, mas eu não vou fazer esse tipo de confissão também. Volto a olhar para ele através da tela e não consigo esconder o meu sorriso.

— Como estão os seus pais? — Pergunto mudando o assunto.

— Bem, sempre perguntam de você para os seus pais.

— Eu imagino.

Eu era muito apegada a eles, sempre estava na casa deles no tempo que eu namorava o Luís e eu era tratada como uma filha. Deixo a minha pintura secando, pego o meu MacBook e saio do ateliê. Gus se despede de mim com um abraço apertado, pois ele não me verá mais porque ele já está indo para o trabalho e em seguida ele vai para o curso.

— Quando você volta? — Ele me questiona sem se importar que o Luís esteja nos vendo.

— Não sei, mas mantenho contato.

— Se cuida e vê se volta.

— Claro que eu vou voltar. — Garanto o fazendo ri debochado.

Observo ele sair pela porta, devidamente arrumado, vou rumo ao meu

quarto e deito em minha cama. Prendo o meu cabelo, passo os dedos em minha franja e volto a minha atenção para Luís.

— Os meus pais querem que você vá almoçar na casa deles amanhã. — Ele informa.

— Não posso dar certeza, tenho que ver como estão os meus avós primeiro.

— Eu os vi hoje, estavam bem na medida do possível.

— Eu fiquei tão assustada quando soube deles.

— É normal por causa da idade.

— É. — Concordo em meio de um bocejo. — Sinto que eu estou indo me despedir deles.

— Se for isso, pelo menos você vai conseguir se despedir. Bem melhor do que chegar no dia do velório.

— Nem me fale isso. — Peço num sussurro. — Mudando de assunto. Como foram esses dias que se passaram?

— Tranquilos. O restaurante não está dando muito trabalho, meu pai está trabalhando aqui comigo e... — Luís se cala de repente e eu franzo o meu cenho. —, quando você chegar aqui, podemos conversar?

— Claro que sim, mas o que você quer conversar?

— Algumas coisas. — Ele responde ao dar de ombros. — Tenho que desligar. Vou para casa.

— Nos vemos amanhã.

— Nos vemos amanhã. — Ele concorda. — Boa viagem.

— Obrigada.

Ainda ficamos nos observando por longos segundos até eu decidir encerrar o vídeo, fecho a tela do MacBook e respiro fundo. O turbilhão de sentimentos está fervendo dentro de mim, mas eu não queria que isso estivesse acontecendo. É melhor para Luís e eu, mantermos a amizade, apenas isso.

A minha vida é aqui, na Europa e eu não quero me despedir novamente, como aconteceu há anos. Se for para se despedir de alguém, que seja da minha família e a mesma despedida de sempre. Jamais vou querer novamente uma despedida que eu tive que ter com o Luís no passado. Deixo tudo isso de lado, eu olho para a mala no canto do meu quarto e tento me preparar pelo o que está por vir.

Luís pode ser o homem da minha vida, pode ser aquele que está destinado para mim, mas vem à questão: Um de nós abriria mão do sonho por causa do amor?

Eu não sei se eu faria isso, além do amor, que é um sentimento muito forte, outras questões estão em jogo. Luís ainda mantém o seu casamento de fachada com a Ingrid e eu não sei nada sobre esse casamento.

Tá, que de início eu fiquei muito brava e não queria olhar na cara do Luís, mas ele chegou com aquele jeito e aquele olhar, falando coisas sabendo que eu iria aceitar a sua aproximação. Ele conseguiu bem mais que isso, conseguiu arrancar sorrisos, abraços olhares e até um beijo. Um maldito beijo que não sai da minha mente desde o dia que aconteceu, há pouco mais de cinco meses.

Enfio o meu rosto no travesseiro, solto um grito agudo, pois sei que o travesseiro irá abafa-lo e acabo sorrindo... apaixonada? Não!

Apenas sorrindo.

[...]

Puxo a minha mala com uma mão e seguro o grande quadro embaixo do meu outro braço e digito no meu celular. Wallace virá me buscar, ele disse que estaria aqui e iria me mandar uma mensagem avisando a sua localização, mas já faz uns dez minutos que eu estou procurando ele pelo aeroporto.

Paro perto de uma pilastra, suspiro frustrada quando ele não atende mais uma vez a minha ligação e jogo o celular dentro da minha bolsa. Como o meu irmão apronta uma dessa comigo? Inacreditável!

Tudo bem que são três e pouco da manhã, mas ele disse que estaria aqui. O meu voo não atrasou e eu nem cheguei mais cedo, e sim no horário certo. Seguro firme o quadro embaixo do meu braço, agarro a minha mala e dou um passo para frente. Assusto-me quando uma pessoa para na minha frente e eu levo o meu olhar até o rosto *dele*.

— Precisa de ajuda, Clarinha? — Ele me pergunta, sorridente.

— Cadê o meu irmão? — Pergunto fazendo o seu sorriso morrer.

— Eu vim no lugar dele, mas parece que você não gostou.

— Só estou surpresa, Luís.

Recebo um beijo demorado em minha bochecha, ele pega a mala da minha mão e tenta pegar o quadro, mas eu não deixo. Sou ciumenta e cuidadosa com as minhas pinturas, ainda mais com essa em minhas mãos. É uma especial para a minha sobrinha, quero que ela sinta todo amor e energia que eu coloquei em cada pincelada.

— Como foi o voo?

— Tranquilo.

— Está com fome?

— Sim. A comida que serviram no avião não foi suficiente.

— Então, vou levar você para ir comer.

— Vamos aonde?

— Eu por acaso, sou dono de um restaurante.

Rio do seu deboche e, ele olha diretamente para a minha boca. É tentador não beijá-lo, mas não podemos ficar agindo por impulso. Sigo o Luís em passos largos pelo aeroporto, vamos rumo ao estacionamento e ele procura o seu carro entre centenas. Ele parece perdido olhando para os lados, mas logo sorri de forma vencedora e continuamos a andar.

Sinto vontade de abraçar o meu corpo quando o vento frio da madrugada me atinge e repenso na escolha da roupa que fiz antes da viagem. Uma saia de couro dois palmos a cima dos meus joelhos, uma meia arrastão e uma regata branca junto com uma jaqueta de couro, também, além de uma bota cano curto. Luís coloca abre o porta-malas para guardar as minhas coisas e faz questão de abrir a porta para mim. Agradeço, eu me sento no banco do passeio e logo ele se senta ao meu lado.

— Por que trocou com o meu irmão? Aconteceu algo na minha casa?

Luís larga a chave no contato, fica de frente para mim e me observa por longos segundos.

— Não aconteceu nada. Eu apenas quis vir. — Ele dá de ombros. — Você não se esqueceu de nada?

Olho para o meu corpo, retiro a bolsa do meu ombro e coloco no banco se trás. Tinha me esquecido de tirá-la de mim. Luís ri da minha atitude, se inclina em minha direção e segura em minha nuca. *Oh, Deus!* Eu não vou permitir que um beijo aconteça, sem que algumas coisas estejam claras e devidamente explicadas.

Seguro o rosto do Luís entre as minhas mãos, aproximo os nossos rostos e beijo o canto de sua boca. Esse é o máximo que eu posso fazer nesse momento. Ele me olha surpreso, se afasta e balança a cabeça de forma positiva. Ele entendeu a minha atitude e não vai reclamar. Luís sempre foi assim, bom entendedor e muito maduro, para saber o que era certo e errado naquele momento.

— Então... — Luís coça a garganta chamando a minha atenção, mas mantém a sua nas ruas por onde passamos. —, é...

— Diz, *LH*. — Peço impaciente. — Aliás, o que você quer conversar comigo? Me deixou curiosa desde a noite anterior.

— Desde que você partiu, sinto que devemos esclarecer algumas coisas.

— O seu casamento, por exemplo? — Questiono sem rodeios.

— Principalmente isso. — Ele afirma.

Em poucos minutos já estamos descendo do carro, em frente ao restaurante do Luís e seguimos pata dentro do estacionamento, que está aberto apenas para nós dois. O sigo pelo ambiente pouco iluminado, ele empurra uma porta prata e entramos na cozinha. Não tenho essa frescura como algumas pessoas de não

entrar na cozinha de um restaurante, eu entro sim e ainda mais que o dono é meu... amigo.

Por mais que essa noite tenha sido movimentada por aqui, a cozinha está impecável e extremamente limpa. Luís abre o forno, retira de lá uma assadeira e a coloca em cima do balcão. Ele se movimenta pelo local como se dançasse um lindo clássico da Broadway... ou melhor, ele se move como se estivesse pintando o quadro mais raro do mundo. Luís corta alguns legumes, os faz salteados na manteiga e em seguida mexe em outra panela.

— Qual é o cardápio? — Pergunto chamando a sua atenção.

— Algo muito bom.

— O cheiro está ótimo.

— Espero que o gosto também.

Luís é muito modesto, ele é um homem simples e um chefe de cozinha excelente. O seu restaurante tem duas estrelas, em pouco tempo de funcionamento e eu sei que essas estrelas irão aumentar muito em breve. Ele tem um enorme potencial, uma incrível equipe e amor, que é essencial.

Luís prepara dois pratos com o que ele fez, eu me sento na bancada e ele coloca o prato a minha frente. Filé mignon ao molho de mostarda, acompanhado de batatas assadas e os legumes salteados, além de uma pequena porção de arroz branco. Ele se senta ao meu lado, serve uma taça de vinho tinto Argentino.

— Está maravilhoso, *LH*. — Elogio após experimentar.

— Fico feliz que tenha gostado.

Continuamos a comer em silêncio, mas em cheio de troca de olhares. Por mais que palavras não sejam ditas, esses olhares significam muito e mexem profundamente conosco. Eu quero muito conversar com o Luís, esclarecer tudo pendente, mas eu não sei como podemos começar a fazer isso. Não quero que a conversa seja desconfortável ou que nos deixe num clima estranho depois.

Sei que Luís me trouxe aqui, pois viemos jantar, mas não sei se a conversa vai ser aqui ou se ele vai me enrolar. Terminamos de comer, Luís leva a louça para a pia e me estica a mão. Seguro-a, andamos para fora da cozinha e entramos num corredor que tem uma escada. Chegamos ao segundo andar e eu olho o ambiente a minha volta. Uma grande sala, três sofás grande de cor cinza em casa canto do ambiente e uma grande mesa de centro. Na parede oposta à lareira, tem um minibar, e apesar de ter poucos moveis, é bem aconchegante e tranquilo.

— Por que tem uma sala dessas em cima do restaurante?

— Aqui é aonde os funcionários pode descansar e eu faço reuniões com eles aqui. — Luís responde e se senta no sofá em frente à lareira. — Senta aqui.

— Aqui é bem tranquilo.

Tento fugir do assunto, mas desisto quando caio na real. Isso tem que

acontecer logo. Maneio a cabeça para os lados, ando em sua direção e me sento ao seu lado. Cruzo as minhas pernas, entrelaço as minhas mãos e as deixo em cima do meu colo. O meu olhar encontra o do Luís, ele sorri de lado e deixa o braço esticado no sofá, bem atrás do meu pescoço. Está começando a ficar desconfortável para nós, antes mesmo de começar essa tal conversa.

— Eu sei que você está cansada da viagem, mas é melhor conversamos de uma vez por todas, do que ficar enrolando. — Ele começa a explicar. — Eu gostaria de ir para o meu apartamento, mas eu acho que você não iria aceitar, pois a Ingrid mora comigo.

— Vocês são casados. — Debocho.

Eu sinto raiva quando me lembro que eles são casados e eu também me sinto uma intrusa, mesmo que seja um casamento falso.

— Quando você foi embora, eu me afastei de todos por algum tempo e foquei nos meus estudos. Aos pouco fui me aproximando novamente e foi quando a Ingrid veio se desculpar pelo o que aconteceu e etc. Depois disso, continuamos a nossa vida normalmente, quando nos encontrávamos, nós conversávamos e assim foi. Há quase dois anos ela veio me contar sobre o testamento, disse que a madrinha estava doente e a herança ia toda para ela, apenas se ela estivesse casada e o responsável por isso queria vê-la casando.

— Então, ela te sugeriu o casamento e você embarcou nessa aventura?

— Mais ou menos. Ela sabia que não era certo fingir o casamento para receber uma herança, mas ela queria fazer a pessoa feliz. Pensei por longos meses sobre a proposta e vi que eu podia ajudá-la, mesmo que fosse errado.

— Muito errado e ridículo. — Resmungo olhando fixamente para a mesa de centro.

— Nos casamos apenas no civil, fizemos uma pequena festa na casa dos meus pais e a madrinha dela morreu duas semanas depois. A Ingrid recebeu a herança, chorou muito, pois ela mentiu para uma pessoa muito importante, mas ela queria dar uma alegria antes que a madrinha morresse.

— Eu conheci a madrinha da Ingrid, ela era até irmã do pai dela era muito importante. — Um pouco de melancolia toma conta da minha voz e enfim volto a olhar para o Luís. — Vocês vivem um casamento de fachada, além de morarem no mesmo lugar e não sentiram vontade de tornar realidade?

— Não. Nunca tivemos nada, além de uma amizade e parceria. Ingrid me deu o restaurante de presente e no início me ajudou muito, foi como uma forma de agradecimento.

— Vocês não têm medo dessa farsa ser revelada ou alguém ver que vocês não é um casal fiel?

— Sempre estivemos cientes dos riscos desde o início, mas chegou um

momento que acabamos entrando num acordo. Daqui três dias, vamos ir assinar o divórcio.

— Estava ficando difícil trair escondido ou continuar com a farsa?

O meu questionamento o faz franzir o cenho, Luís sai de perto de mim e vai até o minibar. Ele serve duas taças de vinho tinto, o mesmo que bebemos enquanto jantávamos e volta para perto de mim. Eu pego uma taça de sua mão, bebo um pequeno gole e observo o meu ex-namorado.

Ele senta-se à mesa de centro, bem na minha frente e segura a minha mão livre. Luís abriu o jogo comigo, me contou sobre o seu casamento e principalmente a decisão deles. Eles fizeram algo errado, arriscado e dolorido, mas vendo por outro lado, a Ingrid quis fazer a madrinha viver uma felicidade enorme. Bonito da parte dela, apenas essa preocupação de fazer alguém feliz.

— Eu não sinto nada pela Ingrid, a não ser, um enorme carinho, mas estava disposto a viver esse casamento, até eu te ver naquele Natal. Eu continuei amando você, mesmo depois de você partir, mas esse amor estava como um vulcão adormecido. — Ele sorri com os olhos cheios de amor. — E naquela mesma noite, decidimos que tinha chegado o momento da separação. Claro que no início foi bem difícil contar para todos a nossa decisão, pois ninguém entendia o porquê da nossa decisão.

— Seus pais sabem da verdade sobre o casamento?

— Não e eu me sinto mal por isso. Quando eu contei sobre o casamento eles não aceitaram, mas respeitaram a minha escolha.

— Quem apenas sabe da verdade?

— Wallace, apenas ele.

Bebo mais um gole do meu vinho e reflito em tudo que foi falado até o momento. Eu não tenho mais perguntas, por enquanto não e nem raiva de sua decisão. Estamos separados há anos, ele tentou seguir com a sua vida e eu com a minha, mas os nossos caminhos voltaram a se cruzarem.

Eu sempre tive uma frase muito presente em tudo em minha vida; se for para acontecer algo, vai acontecer, tendo explicações ou não. Maneio a cabeça para os lados, direciono um pequeno sorriso para o Luís e ele me olha com expectativa.

— Eu não tenho mais nenhuma pergunta, por enquanto e nem tenho raiva sobre a escolha que você fez.

— É muito bom saber disso.

— A gente viveu um lindo romance há anos, foi uma parte da minha vida, mas passou. O que aconteceu, ficará para sempre em nossas lembranças e em meu coração. Você foi o meu amor, meu maravilhoso namorado, mas muitas coisas mudaram.

— Muitas coisas mudaram, menos o meu amor por você. — A suas palavras batem com violência contra o meu peito e engulo em seco. — Vai me dizer que isso é apenas comigo?

Solto a minha mão da sua e ando para longe dele. Apoio o meu ombro na janela, olho por ela e observo a avenida. Poucos carros estão passando, casais andando pela rua e até mesmo pessoas com cachorros. Por mais que seja de madrugada, aqui é tranquilo fazer esse tipo de programa.

— Acontece o mesmo comigo, mas aí eu penso nas consequências. — Informo sem olhá-lo. — Eu moro em Florença, tenho uma vida e carreira lá. Você mora aqui e tem uma vida e carreira aqui. Se formos tentar algo sério novamente, um terá que abrir mão do seu sonho, algo que não aconteceu há mais de nove anos e eu nem quero que você desista de tudo aqui por mim, mas também não quero ter uma despedida como aquela ou pior.

— O que isso tudo quer dizer? Espero que não seja o que eu estou pensando.

— Eu quero dizer que, se for para acontecer algo, que aconteça, mas se você deseja algo muito sério, me desculpe, mas eu não posso me comprometer desse jeito. Não sem ter uma decisão de quanto tempo eu vou ficar aqui.

Enfim eu volto a olhar para o Luís e ele está próximo a mim. Seu corpo a menos de um metro do meu, seus olhos queimando sobre mim e me trazendo um calor gostoso, que eu não sentia há tempos. Namorar o Luís foi muito gostoso, ele sabia ser um belo namorado. Muito tranquilo, carinhoso, atencioso, bem humorado, amigo, beija bem e faz sexo muito bem. Meus pais o adoram, os pais dele me adoram e tudo ao nosso redor, coopera para o nosso amor.

— Eu entendo e por mais que seja você novamente em meu caminho, eu não quero nada sério, pois eu estou saindo de um casamento, por mais que falso tenha sido. — Ele confessa. — Então, temos um acordo?

— Qual? — Questiono com o cenho franzido.

— Se envolver, mas sem esperar pelo amanhã.

— Eu posso concordar com isso.

Luís diminui a distancia dos nossos corpos, sua mão direita acaricia a minha bochecha e passa levemente os dedos em minha franja, tirando os fios de perto dos meus olhos. Um pequeno sorriso toma conta dos seus lábios, ele aproxima os nossos rostos e seus lábios se raspam nos meus. A sua outra mão segura em minha cintura, me levando ainda mais perto para o seu corpo, eu seguro em seus braços e enfim as nossas bocas se colam, mas de forma bem sutil.

Sua língua encontra a minha e o nosso beijo resume num gesto tudo o que esperamos refazer nesses anos que se passaram. Paixão, saudade, desejo e... o

amor. Aperto as minhas mãos em seus braços quando o beijo se torna intenso, o seu corpo prensa o meu contra a parede e o controle á não existe mais. Suas mãos passeiam livremente pelo meu corpo, as minhas sobem para o seu cabelo e enfio os meus dedos em seus fios sedosos.

— Eu senti a sua falta. — Luís sussurra contra os meus lábios.

Eu também senti, muita falta e foi quase esmagadora, mas não posso confessar isso. Você nunca se abre totalmente para o homem, digo em relação aos sentimentos. Nunca sinta mais que ele, ou menos que ele, tem que ser recíproco. Se ele diz que te ama, diga que o ama também, mas nunca que o ama mais que ele a ama.

Eu sempre fui assim, minha mãe que me ensinou isso, pois aprendeu da minha avó e se algum dia eu tiver uma filha, eu vou ensinar isso também. Algumas pessoas podem achar isso errado, mas é o que eu quero e acho certo.

— Eu também senti a sua falta. — Confesso olhando em seus lindos olhos.

Luís sorri ainda mais, mas logo franze o seu cenho observando o meu olhar. Sinto que três benditas palavras querem sair da boca, mas não posso ouvi-las, não mais. Eu já as ouvi no passado, as guardei em meu coração, mas elas não devem voltar para este momento.

Dou um beijo casto em seus lábios e me afasto do seu corpo. O relógio em meu pulso já marca quase cinco da manhã, o sol ainda nem começou a nascer e eu estou louca para descansar. Eu nem sei se o meu irmão estava me esperando em sua casa ou os meus pais me esperando.

— Acho melhor, eu ir embora.

— Espera amanhecer. — Ele me pede. — Juro que te levo direto para a casa dos seus pais.

Esperar me parece ser uma boa ideia, do que chegar a plena madrugada na casa dos meus pais e ainda de correr o risco de assustar a todos. Concordo com um aceno de cabeça, Luís impede que eu me sente no sofá e eu franzo o meu cenho. Ele puxa o sofá, o abrindo e respiro de felicidade ao ver quase uma cama, pronta para eu me deitar. Retiro a minha bota, pego a taça de vinho e vou para o sofá-cama. Luís se senta ao meu lado, também segurando a sua taça e bebemos em silêncio.

Ainda estou um pouco surpresa com a informação que Luís vai assinar o divórcio em breve, gostei muito de saber disso e aliviada. Não estar sendo uma intrusa num casamento... Eu não nasci para ser essa pessoa. Não sinto vontade de questionar o *LH* em mais nada e nem conversar mais esse assunto, mas sinto vontade de conversar com uma pessoa muito importante nessa história; Ingrid.

Talvez, durante a tarde eu faça isso ou até mesmo à noite, pois não quero o Luís presente. Eu me lembro das palavras que ela me disse no Natal e confesso

que aquelas palavras eu deveria ouvir exatamente dela, mesmo que eu tenha raiva dela por tudo o que aconteceu. Coloco a minha taça de volta em cima da mesa de centro, Luís coloca a dele no chão e se deita. Faço a mesma coisa, apoio a minha cabeça em seu ombro e recebo um beijo demorado em minha testa.

— Seu pai está te ajudando aqui no restaurante, então? — Pergunto puxando assunto.

— Sim, ele está administrando. Eu não estava dando conta de fazer isso e ainda ser o chefe. — Luís confessa. — E você, como está se saindo em sua carreira?

— Se eu disser maravilhosamente bem, você acha muita presunção? — Pergunto, divertida.

— Eu acho sinceridade.

— Esse ano está sendo tão produtivo contra os outros, ainda não participei de nenhuma grande exposição, mas estou bem tranquila em relação a isso.

Luís manea a cabeça para cima e para baixo, como se me dissesse que estou me saindo bem e fica pensativo por longos segundos.

— Se eu te fizer uma pergunta, promete que não vai ficar chateada? — Olho intrigada para ele, mas assinto diante de sua resposta. — Se a sua carreira fosse aqui, você acha que teria tanta visibilidade e participações em exposições?

— Não, eu acho. Por mais difícil que seja em Florença, aqui é bem mais. Não teria tanto reconhecimento assim.

— Então você teria partido para outra carreira?

— Não. Eu partiria daqui e tentaria o risco em outro lugar, assim como eu fiz em Florença.

— Mas hoje em dia, você já consegue morar em outro país e expos em outros?

— Sim, mas supondo. Se eu morasse aqui e fosse expor por diversos lugares da Itália, como eu faço lá, eu gastaria muito em viagens.

— Entendi. — Ele murmura. Seu corpo fica um pouco tenso em seguida, coça a garganta e aperta o seu braço ao redor do meu corpo. — Continuando as suposições...

— *Hum...* fale.

— Se as nossas vidas tivessem tomado outro rumo, por exemplo, se você não tivesse ido embora, a gente não tivesse se separado e ainda estivéssemos juntos, como será que seria a gente? Casados? Com filhos? Viajando o mundo? Você me ajudando em constituir um restaurante?

Olho surpresa para o Luís diante de sua suposição, eu franzo o meu cenho um pouco assustada com isso e ele ri levemente. Eu nunca tinha parado para pensar nisso, mas agora essas perguntas começam martelar em minha mente.

Luís fez uma suposição apenas por fazer, pelo menos é isso o que eu acho, mas no fundo, sei que ele também sentiu o peso de sua fala.

Não temos a menor ideia do que poderia ter acontecido, mas temos a convicta certeza que seríamos casados. Quando completamos quatro anos e sete meses de namoro, tivemos uma conversa e entramos em acordo. Quando a gente completasse cinco anos e meio, ficaríamos noivo e iríamos casar depois de dois anos, pois seria tempo suficiente para organizarmos tudo.

— Você se lembra dos nossos planos? Seríamos casados, essa é a única certeza que eu tenho.

— Eu também tenho essa certeza. — Ele afirma.

— Então se isso tivesse acontecido, a gente estaria com... — Faço as contas mentalmente. — Mais ou menos três anos e pouco.

— Exatamente com três anos, se tivéssemos casado em junho, como queríamos.

— Sim.

Luís volta a ficar quieto, o observo encarando o teto e um sorriso no canto de seus lábios. E se ele for o homem da minha vida? Deus tem que me dar uma luz, explicar ou responder essa minha dúvida. É como eu disse antes e sempre vou dizer, temos vidas diferentes hoje em dia e se um romance voltar entre a gente, alguém vai ter que abrir mão de sua carreira, mas não devo ficar com a mente fixa nisso por enquanto, não é hora para isso.

Relaxo o meu corpo no seu e fecho os meus olhos. Nove anos eu dormi longe desses braços, desse corpo e desse cheiro, mas nem por isso eu não me sinto a vontade, muito pelo ao contrário. Meu corpo reconhece o dele e se sente em casa.

[...]

— Vai almoçar na casa dos meus pais? — Luís me pergunta.

— Vou sim. — Afirmo. — Você vai estar lá?

— Não sei. Tenho alguns compromissos do restaurante.

— Tudo bem.

Olho mais uma vez pela janela do carro para a casa dos meus pais, me volto para o Luís e ele está me observando atentamente. Uma pequena preocupação toma conta de mim porque, por mais que ele não tenha um casamento verdadeiro, todos acreditam no ao contrário e, eu não quero dar uma de amante e nem de destruidora de lares.

Eu tenho uma linda amizade com o Luís antes de qualquer coisa, sei que a minha família não irá dizer coisas ruins ou pensar. Pego a minha bolsa no banco

de trás, coloco a alça em meu ombro e me aproximo do *LH*. Sua boca fica a centímetros da minha, seus dedos passeiam pela minha bochecha e coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha.

— Ainda nos vemos hoje, tudo bem? Quero dar uma volta com você.

— Pode ser, *LH*. Só me avisa a hora e para aonde vamos.

— De tarde eu te aviso.

Concordo com um aceno de cabeça, Luís segura em minha nuca e cola as nossas bocas. Sua língua encontra a minha, seguro em sua camiseta deixando os nossos corpos mais próximos e a necessidade de um contato mais profundo toma conta de nós. Luís morde o meu lábio inferior, puxa entre os dentes e aprofunda o beijo.

Tateio o seu tórax por cima da camiseta, sua mão esquerda desce para a minha coxa e a alisa. O desejo entre a gente é palpável e gostoso de sentir. Eu o quero, sei que ele me quer, mas nesse momento não podemos. Nos afastamos poucos centímetros, o nosso olhar se cruza e sabemos o que um quer do outro. Antes de qualquer palavra seja dita, um toque no vidro do carro chama a nossa atenção e eu olho para a janela atrás de mim.

— Belo momento, Wallace. — Luís resmunga debochado.

Afastamo-nos completamente, voltamos para os nossos lugares e eu abaixo o vidro. É cedo, quase sete da manhã e eu não esperava ser atrapalhada. Não quero dizer que eu poderia transar com o Luís bem aqui, mas as coisas estavam esquentando muito. Meu irmão se debruça na janela do carro, beija a minha bochecha e aperta a mão do amigo.

— Pensei que fosse chegar mais tarde aqui.

— Não, deixei a Clarita na escola e vim para cá, antes de ir para o trabalho.

— Meu irmão informa. — Como foi de viagem?

— Bem. Fiquei surpresa quando vi que era o Luís, e não você lá.

— É uma reclamação?

— Não. — Nego de imediato. — Só fiquei surpresa.

— E era para ser surpresa. — Ele debocha. — Está saindo ou chegando?

— Chegando, chato. Para de fazer perguntas.

Ele maneia a cabeça para os lados ao nos olhar intrigado e sai de perto do carro. Olho para o Luís, eu dou de ombros e descemos do carro. Ele entrega a tela para o meu irmão, retira a mala e o meu irmão a pega. Observamos o Wallace ir rumo a casa dos meus pais, volto a ficar a sós com o Luís e eu me despeço dele com um abraço apertado.

Sua boca deposita um beijo molhado no canto da minha boca. Lhe dou um pequeno sorriso, mordo o meu lábio inferior e vou rumo a casa dos meus pais. Estou me sentindo uma adolescente apaixonada, mas eu sou uma mulher que

está se *re-apaixonando* – eu nem sei se é certo usar essa palavra, mas é a qual se encaixa –, pelo meu ex-namorado e amigo. Entro na casa dos meus pais sorrindo boba e deixo a minha bolsa na sala antes de ir para a cozinha. Wallace já está sentado a mesa degustando do café da nossa mãe e eu me assusto quando ela vem ao meu encontro.

— Que saudade, minha filha.

— Faz só seis meses que nos vimos.

— Faz muito tempo. — Ela me corrige e me aperta ainda mais. — Foi bem de viagem?

— Sim.

Dou um beijo em sua bochecha, vou até a pia da cozinha e lavo a minha mão. Seco-as no pano de prato, me sento ao lado do meu irmão e a minha mãe serve um pouco de café na minha xícara. A ouço contar os acontecimentos dos últimos meses na vizinhança e na cidade, mas a minha mente está longe. Está num homem atraente, bonito, gostoso, beija bem...

— Maria Clara!

Olho, alarmada para a minha mãe, ela está me encarando com as mãos na cintura e o meu irmão ri levemente.

— Me desculpe, mãe. Estou cansada da viagem.

— Eu sei, querida. Me desculpe por estar falando tanto.

Maneio a cabeça para os lados com um pequeno sorriso nos lábios e ela avisa que vai ir chamar o meu pai, pois ele irá se atrasar. A observo ir rumo ao segundo andar, bebo um pequeno gole do meu café e pego uma fatia de bolo de laranja.

— Você estava no apartamento do Luís? — Wallace me pergunta.

— Estávamos no restaurante. Eu não ia para o apartamento dele, a Ingrid mora lá.

— Mora e não mora ao mesmo tempo. Ela fica mais na casa dos pais, do que naquele apartamento.

— Daqui alguns dias, eles vão assinar o divórcio.

— Isso tem alguma coisa a ver com vocês? Tipo, vocês estão juntos novamente?

— Não, Wallace. Nós somos próximos, amigos e ex-namorados...

— Que ainda se gostam. — Ele informa ao me interromper.

Prefiro não dizer nada sobre isso, ou melhor, eu nem tenho o que dizer. É a verdade que ainda nos gostamos, mas eu não tenho nada a ver – diretamente – com a decisão do divórcio. Poucos segundos depois sinto braços rodearem o meu pescoço e recebo um beijo demorado em meu cabelo.

Meu pai é um homem muito importante em minha vida, ele foi o primeiro a

me incentivar no mundo da arte que percebeu o meu dom, ele sempre foi a primeira pessoa que via as minhas pinturas quando eu as terminava cada uma e sempre me deu bons conselhos. E eu estou precisando dos seus maravilhosos conselhos nesse momento.

Vim para Florianópolis com uma intenção, mas acabei me aproximando ainda mais do Luís e eu sinto que muito está por vir ainda. Eu não quero ficar confusa, não quero agir por impulso e nem ter algum sentimento que possa vir me atrapalhar, por isso eu preciso conversar com e o meu pai.

— Oi pai.

— Minha linda aquarela. Como você está?

Ele sai de trás de mim, cumprimenta o meu irmão e se senta na ponta da mesa. Senhor Marcelo é um homem com mais de cinquenta anos, mas está muito inteiro. Poucas rugas em seu rosto, corpo alto e esguio. Poucos fios brancos em seu cabelo, olhos claros iguais aos meus e tem muito disposição. Ele ainda trabalha, é porteiro num condomínio perto da praia.

— Bem, pai. E o senhor? Aliás, como estão as coisas aqui?

— Se lembra da Martinha, filha da Zelda? Está grávida! — Mamãe exclama.

Dona Zuleica é uma mulher de quase cinquenta anos, muito parecida comigo fisicamente. Alta, cabelo escuro, pele clara e a única diferença são os olhos, os dela são escuros. Minha mãe adora falar, é bem maluquinha e adora cozinhar. Ela faz bolos e salgados para fora, quase sempre está cheia de encomendas e com certeza hoje não é diferente.

— Me lembro, mãe. Nós estudamos juntas.

— Zuleica já encomendou o bolo do chá de bebê, será no final de semana. Quero dizer, amanhã, pois é sábado.

— Não se esqueça que é chá revelação, mãe. Não vá sair contando o sexo do bebê. — Meu irmão a lembra.

— Claro que eu não vou contar que é um menino.

Gargalho fazendo o Wallace fazer a mesma coisa. Meu irmão é um belo homem, alto, cabelos negros e olhos claros. Tem trinta e cinco anos, se casou com a Debora em pouco tempo de namoro e logo em seguida a Clarita nasceu. A minha cunhada ajuda a minha mãe nas encomendas, enquanto o meu irmão trabalha numa empresa de finanças. Por seu amor aos números, foi como eu consegui guardar dinheiro e os meus pais também, para eu embarcar no meu sonho.

Meu irmão logo termina o seu café da manhã, se despede dos nossos pais e antes de sair me avisa que vai vim à noite com a Clarita, pois eu tenho que entregar o quadro. Concorro com um aceno e o observo ir embora. Volto-me

para os meus pais que estão sentados na minha frente e eles sorriem para mim. Não me esqueci dos meus avós, eu sei que eles ainda estão dormindo e eu quero vê-los logo.

— Meus avós... como estão?

— Eu tenho certeza que você ficou preocupada quando contamos que eles estão doentes, mas já é comum da idade. Os órgãos já não funcionam tão bem, principalmente os pulmões, então ambos estão com pneumonia. Tem dia que eles estão piores, mas tem dia que estão bem. — Minha mãe responde.

— Desde quando eles estão com isso?

— Há algum tempo. Não queríamos te preocupar, mas tivemos que contar quando a sua vó ficou internada por uma semana e o seu avô por três dias. — Meu pai informa.

Desvio o meu olhar do deles quando as lágrimas inundam os meus olhos e eu balanço a cabeça para os lados. Eu amo demais os meus avós e sei que o tempo deles é curto, pois eles já estão com mais de oitenta anos e a pneumonia é crucial nessa idade. Por eles e por querer estar por perto em seus últimos meses ou dias, eu posso abrir mão da minha vida em Florença, mas isso não quer dizer que eu vá largar a minha carreira.

— Aquarela, queríamos te pedir uma coisa.

— Pode pedir, pai, mas eu já tenho ideia do que seja. — Informo ao olhar novamente para ele.

— Volte a morar aqui, por algum período de tempo, por favor. Seus avós amam quando você está por aqui, mas desde quando você se mudou, mal veio para cá e ficou diversas semanas.

— Eu quero aproveitar cada tempo que eu posso ter com eles, eu posso passar algum tempo aqui, mas antes de tomar qualquer afirmação, eu preciso avisar o pessoal de Florença.

— Faça o possível para conseguir ficar aqui, por favor. — Ele pede segurando as minhas mãos por cima da mesa. — Precisamos de você aqui.

— Precisamos muito. — Minha mãe reforça o que o meu pai acabou de dizer e junta uma de suas mãos, a nossa. — Por favor, querida.

— Vou fazer o possível.

E vou mesmo! Eu tenho alguns compromissos em Florença, mas creio que eu consigo me afastar por um tempo, só que eu não posso parar de pintar, então eu terei que comprar o material necessário para o meu trabalho. Beijo a mão de cada um deles e voltamos a tomar o nosso café em silêncio. Minha mente até está tranquila, mas meu coração acelerado. Uma nova etapa está começando na minha vida, mesmo que seja por um curto período de tempo.

Assim que terminamos o café da manhã, subo para o meu quarto levando

comigo a minha bolsa e o quadro. Meu pai vem atrás de mim trazendo a minha mala e eu percebo que deveria de ter trazido mais roupas. Entramos no meu quarto, deixo o quadro bem longe de qualquer possível acidente e me sento na cama. Mesmo sem eu dizer nada, meu pai sabe que tem algo me incomodando e sabe que eu preciso conversar. Ele deixa a mala perto do guarda roupa, se senta na minha frente e me olha intrigado.

— Quero conversar, é rápido.

— Estou com tempo, Maria Clara.

— Eu estou um pouco... preocupada. Voltei para cá para com um proposito, mas acabou acontecendo outro.

— O Luís Henrique tem a ver com isso, não é mesmo?

— Sim. — Afirmo, envergonhada. — Nós estamos próximos novamente, eu ainda gosto dele e ele de mim, mas eu tenho medo do que possa vir acontecer.

— Você sabe que qualquer escolha que fizer, terá consequências. — Ele me lembra. — Eu quero você feliz, independente de qualquer coisa.

— Pai... — Calo-me tomando mais coragem para falar. —, o *LH* é casado...

— Quem acredita naquele casamento? Um casal mais sem sal do que qualquer coisa. Luís está com a Ingrid por conveniência e não por amor.

— O senhor quer dizer que o casamento é falso?

Não é possível que o meu pai saiba, o Luís me disse que apenas o meu irmão sabia e eu tenho certeza que ele não contaria.

— Eu acho que sim, não tenho certeza. Eles são estranhos juntos.

— Entendi. — Sussurro. — Ele vai assinar o divórcio daqui alguns dias, mas isso não tem nada a ver comigo ou sobre eu voltar com ele. Eu quero deixar que as coisas aconteçam do jeito que tem que acontecer, sabe, pai, eu não quero tomar nenhuma decisão que eu possa vir me arrepende.

— Faz muito bem. Você sabe que eu vou estar com você independente de sua escolha.

— Eu sei que sim, pai. — Sorrio com carinho. — Mas caso, a gente se envolva, um grande problema existe.

— A sua vida em Florença.

— Sim.

— Maria, deixa as coisas fluírem como devem ser e no final, cada um vai saber a melhor decisão tomar.

Eram essas palavras que eu precisava ouvir. Agradeço o meu pai o abraçando bem forte, ele beija a minha bochecha e avisa que precisa ir trabalhar. O acompanho até a porta do meu quarto, o observo descer a escada e eu fecho a porta do meu quarto. Deito-me na cama, abraço o meu travesseiro e volto a pensar no Luís Henrique.

A última frase do meu pai faz todo o sentido, eu e o *LH* vamos saber tomar a decisão certa assim que o meu prazo aqui em Florianópolis acabar. Enquanto isso não acontece, temos que aproveitar o tempo que temos. E eu quero aproveitar muito cada segundo de cada coisa que acontecer em minha vida a partir de hoje.

Capítulo

dois



Ouço o meu celular tocar freneticamente em algum lugar perto de mim, abro os meus olhos e bocejo. O toque para em seguida, me sento na cama e passo as mãos em meu rosto. Estava tão cansada, que acabei dormindo sem tomar banho. Passo a mão na cama em busca do meu celular e o encontro nos pés da cama. O pego e vejo que já são quase onze horas, pulo para fora da cama e corro para o banheiro. Retiro a minha roupa, a jogo dentro do cesto de roupa e entro debaixo do chuveiro. A água escorre pelo meu corpo me relaxando e me despertando.

Hoje terei uma tarde agitada, vou almoçar na casa dos meus ex-sogros e ainda pretendo conversar com a Ingrid. Não sei como vou conseguir isso, mas preciso muito conversar com ela e o Luís não pode estar junto. Preciso ter uma conversa de mulher para mulher, que seja a mais verdadeira possível e extremamente esclarecedora.

Termino o meu banho, enrolo a toalha em meu corpo e saio do banheiro. Deito a minha mala no chão antes de abri-la, pego uma calça jeans e uma camiseta de manga longa de cor bege com pequenos brilhos. Me visto rapidamente, prendo o meu cabelo num rabo de cavalo e deixo a minha franja perfeitamente no lugar.

Calço a minha bota novamente, pego a minha bolsa e saio do meu quarto. Assim que chego à cozinha encontro a minha mãe e cunhada já fazendo as encomendas e a minha avó está sentada a mesa, as observando. Dou um abraço apertado na minha segunda mãe, acaricio o seu cabelo branco e ela sorri de forma doce para mim. Abraço a minha cunhada e me sirvo um copo de água.

— Sua mãe contou a novidade, Clarinha. Fico tão feliz em saber que você vai passar algum tempo aqui. — Minha avó fala chamando a minha atenção.

— Quero ficar mais tempo com a minha família. — Informa antes de beijar o topo de sua cabeça.

— Acho bom que tenha tomado essa decisão.

— Vai sair? — Minha mãe me pergunta.

— Vou ir almoçar na casa dos pais do Luís.

— Vá mesmo. Você é como uma filha para eles, mesmo que não tenha mais nada com o Luís.

— Mas eles se gostam. — Debora comenta.

Nenhuma palavra sai da minha boca, mas escapa um pequeno sorriso que chama a atenção das três mulheres na minha frente. Deixo o copo em cima da mesa, aceno para elas e saio de casa. Não quero ficar dando motivo e nem assunto sobre a minha aproximação com o Luís. Os pais dele não moram muito longe da minha casa, são mais ou menos sete quadras de distância e dá para ir caminhando.

Também vou aproveitar esse pequeno tempo de caminhada para pensar em como eu posso encontrar a Ingrid, mas não consigo descobrir como isso pode acontecer. Eu simplesmente não posso sair caçando a garota pela cidade, bater na casa dos pais dela ou simplesmente ir até o apartamento do Luís. Aliás, eu nem sei se ela trabalha, o que faz da vida ou aonde ela deve ficar.

Durante o caminho encontro algumas pessoas conhecidas, eu aceno para elas e apresso os meus passos por causa da ansiedade. Não sei o porquê desse convite para esse almoço, mas sei que será maravilhoso. Talvez o Luís apareça... e em falar nele, quero saber quais são os seus planos para mais tarde, pois à noite eu vou ver a minha sobrinha e entregar o quadro tão esperado.

Paro diante do portão branco, toco a campainha e fico aguardando. Observo a rua e vejo que nada mudou. Nos anos que eu namorei o Luís, eu vivia entre a minha casa e essa daqui. O portão se abre e eu sorrio antes de abraçar a Judith.

— Você está mais linda. — Ela me elogia.

— Modéstia sua, Judi.

Ela se afasta de mim me dando espaço para adentrar e assim eu faço. O pequeno caminho de pedras em cima da grama verde nos leva diretamente para a porta de madeira aberta. Judith avisa para eu ficar a vontade, eu deixo a minha bolsa em cima do sofá e a sigo em direção da cozinha.

Ela é uma mulher bela, seu cabelo cor bordo sempre está liso, mas tem pequenas ondulações nas pontas, seus olhos escuros e pele sem nenhuma ruga. Ela deve ter a idade da minha mãe ou mais, sempre teve muito cuidado com a pele e por isso não tem rugas.

Meu sogro não fica muito atrás. Ele é muito parecido com o Luís, cabelo escuro, olhos claros e sua pele têm pouquíssimas rugas. Ainda não o vi, talvez ele não tenha chegado do trabalho ainda. Talvez ele esteja com o filho resolvendo alguma coisa do restaurante.

— Henrique já deve estar chegando, ele saiu para comprar um refrigerante para nós.

— Pensei que ele estivesse ajudando o Luís no restaurante. — Comento me apoiando no balcão que divide a cozinha da sala de jantar.

— Luís foi apenas reabastecer alguns ingredientes que estavam em falta no restaurante, não precisava da ajuda do pai.

— Entendi. — Sussurro. — E a senhora precisa de ajuda?

— Não, filha. Você é de casa, mas te quero ai, agindo como visita.

— Se a senhora prefere assim. — Dou de ombros.

Judith me entrega um copo de suco, agradeço com um sorriso e bebo um gole. A casa continua a mesma de sempre, as paradas brancas, poucos quadros de fotografia e o meu quadro na parede do corredor que dá acesso aos demais cômodos da casa. A mesa de madeira escura já está com a linda louça francesa e os copos de cristais. A cozinha lindamente de inox em perfeito estado e as lembranças do Luís cozinhando bem aqui invade a minha mente.

— Você e o Luís já se viram? — A pergunta da minha ex-sogra me surpreende.

— Sim.

— Então já deve estar sabendo da decisão que ele tomou.

— O divórcio? — Questiono a fazendo assenti. — Estou e fiquei surpresa.

— Creio que não ficou mais surpresa que eu, quando soube que eles iriam se casar.

— Não posso medir a minha surpresa, mas eu fiquei muito quando soube do casamento. Isso foi no Natal, quando eu vim para cá.

— Eu sempre imaginei você se casando com o meu filho, mas nem por isso eu achei ruim o casamento com a Ingrid.

— As nossas escolhas nos separaram, mas continuamos próximos desde o Natal.

— Então, a decisão que ele tomou tem a ver com vocês? — Ela questiona ao prender a sua atenção totalmente em mim.

— Não, pelo menos é isso que eu acho e espero.

— Vocês se gostam...

— Todo mundo está dizendo isso. — Comento com o cenho franzido. — A gente se gosta, isso é bem claro, mas eu não voltei para ser a destruidora de um casamento.

— Você jamais faria isso, eu sei disso. — Ela desliga a panela que estava mexendo e segura a minha mão quando se aproxima de mim. — Se for para o caminho de vocês se entrelaçarem novamente, eu sou a primeira a torcer para que dê certo.

— Obrigada. — Agradeço. — O que for para acontecer, irá acontecer. No final vamos saber tomar a decisão certa.

— Sábias palavras. — Ela elogia e seca os olhos marejados. — Só não leve o meu filho para longe de mim. Lá para Florença.

— Não pretendo levar ninguém daqui. — Informo divertida.

Ouçõ o barulho de um carro, Judith avisa que o marido chegou e eu ajeito a minha postura. Ouçõ os passos de alguém, olho para a porta da cozinha e o meu sorriso morre ao ver a Ingrid entrando. Ela para bruscamente quando percebe a minha presença, me direciona um sorriso forçado e coloca duas sacolas em cima da pia após cumprimentar a sogra. Não esperava encontrá-la aqui e eu nem vou conversar com ela bem aqui.

— Veio com o Henrique ou com o Luís? — Judith a questiona.

— Henrique. Nos encontramos no mercado e eu não vejo o Luís desde ontem à noite. — Ingrid informa e olha novamente para mim. — Não sabia que estava de volta.

— Cheguei de madrugada.

— Luís não foi para casa depois que fechou o restaurante? — Judith a questiona.

— Não. — Ela responde e olha para mim já sabendo a resposta da questão.

— Fica até quando aqui na cidade? — Judith me pergunta.

— Tempo indeterminado.

A minha resposta a faz franzir o cenho e a Judith me olha mais atentamente. Antes que elas possam falar algo, Henrique entra na cozinha e eu o abraço. Esse casal é como um segundo pai para mim. Sempre foram presentes em minha vida, no meu crescimento e apoiaram a minha escolha de carreira.

— Não pretende voltar para Florença?

— Pretendo, mas por enquanto quero ficar perto da minha família. Meus avós podem partir em breve e eu quero aproveitar o tempo que tivermos.

— Faz certo, Maria. — Henrique elogia e olha para a nora. — Judith, separou algumas caixas para você usar.

— Obrigada. — Ingrid agradece, um pouco sem graça. — Hoje vou retirar as últimas coisas que estão no apartamento.

— Você precisa de ajuda? — Henrique a questiona.

— Não, tio. O Luís ficou de me ajudar a levar tudo para a casa dos meus pais ainda hoje.

— Se precisar de mim, me avise. — Ele informa a fazendo assenti.

Bebo mais um gole do suco escapando do olhar da Judith, eu sinto que ela questionar sobre o Luís, mas não me sinto confortável. Eu me sentia tão à vontade aqui nessa casa e na presença deles, mas hoje eu não estou assim e sei que é por causa do divórcio. Henrique avisa que precisa fazer uma ligação, sai da cozinha e a Judith vai atrás do marido. Termino de beber o suco, lavo o copo na

pia e engulo em seco ao perceber a Ingrid perto de mim.

— Podemos conversar? — Ela me questiona.

— Sobre? — Questiono ao olhar para ela.

— Você sabe sobre o que.

Respiro fundo e acabo concordando. Seco as minhas mãos no pano de prato que estava em cima do micro-ondas e sigo a Ingrid. Saímos pela porta da cozinha que dá acesso ao vasto quintal de grama verde e eu sorrio ao ver o balanço bem ao fundo. Eu adorava ficar aqui, principalmente junto com o Luís. Sentamo-nos no balanço amplo de madeira, impulsiono os meus pés no chão e olho para o céu.

Estamos em pleno inverno, mas hoje está uma temperatura agradável de mais ou menos vinte graus e não está ventado, mas o céu está limpo. Essa situação é desconfortável, devemos conversar para colocar tudo a limpo, mas não sabemos como e nem quando começar. Ingrid sabe que ela errou comigo no passado, então ela deve se sentir envergonhada e ainda mais por ter um casamento falso só por causa de uma herança.

Tudo bem que não é só uma herança, ela também deu uma última alegria para a madrinha. Por essa parte, anula qualquer outra, mas quando paramos para analisar, é péssimo. Ingrid é uma mulher que poderia escolher e casar com qualquer homem, mas foi escolher logo o *LH*. Ela é uma mulher bonita, tem a minha idade e tem o poder de ter um homem aos seus pés. Seu cabelo escuro é na altura dos ombros, pele bronzeada e tem a mesma altura que eu.

Na época da escola, Ingrid não chamava a atenção dos rapazes e ela se sentia feia, pois usava aparelho, não sabia se maquiar muito bem e era um pouco gordinha, além de sempre andar com o cabelo preso. Ela era considerada uma D.U.F. F – Uma amiga feia que anda com pessoas bonitas e ela era insignificante.

— É tão desconfortável isso, né? — Ingrid solta um risinho de nervoso. — Eu sei que você estava com raiva de mim no Natal, aliás, você teve raiva de mim desde quando eu errei em dar em cima do Luís. Fui uma vaca e te despeço desculpas.

— Ainda bem que você sabe que foi uma vaca! — Exclamo a fazendo ri.

— Fui mesmo e não tenho vergonha de assumir. — Ela encolhe os ombros em sinal de desculpas. — Com certeza você sabe que Luís e eu vamos assinar o divórcio semana que vem, na segunda e você sabe de verdade como é o nosso casamento.

— Eu sei e quando fiquei sabendo, na esperava tal coisa.

— Eu imagino.

— Não tenho o que falar sobre vocês, mas eu quero te fazer uma pergunta

muito importante.

— Pode fazer.

— O que você sente pelo Luís?

A minha pergunta a pega de surpresa, ela engole em seco e sorri sem graça.

— Por que essa pergunta?

— Me responde. — Peço.

— Ele é uma pessoa muito importante na minha vida, me ajudou muito assim como eu o ajudei, então eu tenho um grande amor por ele, mas não é como você tem por ele.

— Me explique melhor isso.

— Não é um amor de mulher para um homem, tipo algo muito mais que uma amizade e cumplicidade.

— Se você gostar dele, pode ser sincera. Eu não estou de volta para destruir um casamento e fazer vocês se separarem.

— Eu sei que você não faria isso, *Macla*.

— Faz anos ninguém me chama assim. — Comento ao deixar escapar um sorriso. — Enfim, eu não quero ser o mal no casamento de vocês, por mais falso que seja.

— Nunca existiu um casamento real, eu nunca gostei do Luís de forma sexual ou de atração e... o que eu te disse no Natal, era verdade.

— Desde o Natal estamos próximos, digo, como amigos...

— Vocês estavam juntos na madrugada, por isso ele não foi para casa.

— Estávamos, mas eu não quis contar isso para a Judith, ela acredita que o casamento de vocês era verdadeiro e eu não quero fazer o papel da amante.

— No fundo, a Judith sempre quis mesmo você como nora, mas ela sempre foi um amor comigo.

Apenas assinto, ela sorri e franze o cenho em seguida ao olhar para a nossa frente. Olho na mesma direção e vejo o Luís parado na porta da cozinha, nos olhando. Nenhuma palavra entre a gente precisa ser esclarecida, eu já entendi que ela não tem nada mesmo com o *LH* e eu não serei taxada como uma destruidora de casamento.

Luís anda em nossa direção com as mãos no bolso de sua calça jeans, um blazer preto está por cima de uma camisa branca e óculos escuros tampando os seus olhos. Ele para na nossa frente, eu lhe dou um pequeno sorriso e vou para o lado, permitindo que ele se sinta entre eu e a Ingrid.

— Estavam conversando? — Ele pergunta após nos impulsionar no balanço.

— Sim, conversando. — Ingrid afirma e toca na mão do Luís. — Me dá uma carona até o nosso... o seu apartamento.

— Minha mãe quer que você fique para almoçar conosco.

— Eu não acho que...

— Por favor. — Ele pede.

— Tudo bem. — Ela concorda e se levanta. — Então, vou ir ver se ela precisa de ajuda.

Observo a Ingrid ir rumo à cozinha, fico a sós com o *LH* e ele olha para mim após retirar os óculos. Ele passa o braço por trás do meu pescoço, me puxa para mais perto do seu corpo e eu deito a minha cabeça em seu ombro.

Percebo a Judith na pia da cozinha que é bem na janela e ela está olhando diretamente para nós. Aviso o Luís num sussurro, ele joga a cabeça para trás e ri levemente. A mãe dele deve estar desconfiada de algo entre nós ou está apenas com esperanças, mas no fundo ela sempre me quis aqui de volta.

— Você a Ingrid estavam conversando o que?

— Apenas esclarecemos algumas coisas.

— E a minha mãe, te questionou sobre algo?

— Não, mas ela está percebendo algo entre nós. — Comento o fazendo concordar. — Ela só me pediu para não te levar para Florença.

— Quando você volta para lá? — Ele questiona mudando de assunto.

— Então... — Me sento de frente para ele e observo a sua expressão, um pouco preocupada. —, eu não sei. Vou ficar aqui por tempo indeterminado, quero ficar mais com a minha família e com os meus avós.

— É sério que você vai ficar aqui por tempo indeterminado? — Ele pergunta surpreso.

— Sim.

— Só não te beijo agora porque não quero expectadores.

Rio.

— Vamos entrar e ajudar a sua mãe.

Saio do balanço e caminho na frente do Luís. Logo ele me alcança, entramos na cozinha e eu ajudo a Judith a colocar as travessas de vidro nas mesas. O cardápio é bem típico e eu amo, pois sinto falta quando eu estou longe daqui. Camarão ao creme, feijão tropeiro e arroz branco.

Henrique se senta na ponta da mesa, Judith ao seu lado esquerdo e Ingrid ao lado. Luís se senta ao lado esquerdo do pai e eu bem ao lado. Cada um se serve, *LH* serve um copo de refrigerante para cada um e começamos a comer em silêncio. Os meus olhos passam por todos à mesa e se fixam na Judith que me observa intrigada. Ela é mãe, já percebeu o que está acontecendo entre eu e o Luís.

— Como estão os seus avós? — Ela me pergunta.

— Bem, na medida do possível.

— O que está acontecendo com eles, é normal para a idade deles. — Henrique comenta, me fazendo concordar. — Isso pode acontecer com qualquer um de nós, quando tivermos a idade deles.

— Sim, mas foi assustado quando eu soube. Hoje, a minha mãe disse que eles já estão assim há um tempo, mas ninguém quis me contar.

— Com fé em Deus, eles vão viver por anos.

— Então, eu ficarei anos aqui.

As palavras saem da minha boca sem que eu perceba e eu reflito sobre isso. Esse tempo indeterminado pode ser dias, semanas, meses e até anos. Pela minha família eu posso deixar a minha carreira parada por algum tempo. Encaro a comida em meu prato e respiro fundo antes de voltar a comer. Henrique e Luís engatam uma conversa sobre as questões do restaurante, enquanto ad demais apenas escutam. Luís fala de sua profissão e restaurante com tanto amor, é incrível e muito lindo. Eu sei que falo assim também, sei como é falar com amor de uma coisa tão importante.

Logo terminamos o almoço e me surpreendo ao ver a sobremesa. Luís Henrique fez questão de fazer a minha sobremesa favorita, strudel de maçã, e eu estou muito feliz, pois fazia tempo que eu não comia e ele cozinha muito bem. *LH* faz questão de me servir e em seguida serve os demais. Todos os elogiam pela sobremesa assim que terminamos de comer e os olhos dele brilham de gratidão. Eu conheço o Luís e sei que ele reagirá assim, a cada elogio. Ele pode ser o chefe de cozinha desconhecido ou o mais renomado do mundo, mas isso nunca irá mudar.

— Eu posso lavar a louça, Judi. — Me ofereço.

— Não, filha. Eu quero que você vá ver a reforma que aconteceu na sala de cima, tem aquele quadro que você me deu antes de ir embora. — Judith informa. — A acompanhe, Luís.

Sigo o *LH* indo rumo a escada a cima, viramos para a esquerda e seguimos no corredor que leva a sala de leitura. Judith sempre amou ler e ter um canto para os livros, então ela criou essa sala que dá vista para os fundos da casa. A sala é ampla, cheia de luz natural que entra pela porta da varanda e tem estante grande em duas paredes, duas poltronas perto de cada uma das estantes e um sofá bem embaixo da janela no meio das estantes. Olho para a parede atrás de mim e vejo o meu quadro. É uma pintura do pôr do sol numa praia.

— Aqui está lindo.

— Minha mãe se empenhou em deixar aqui do jeito dela e exigiu que o seu quadro estivesse aqui. — Luís informa ao se encostar ao batente da porta, na varanda. — Vem aqui.

— Sua mãe fez maravilhosa escolha em deixar o meu quadro aqui. —

Comento irônica ao parar na sua frente. — Sua sobremesa estava deliciosa.

— Eu me lembro perfeitamente dos seus gostos e desgostos.

— Isso não é nenhuma surpresa.

Sou puxada para perto do seu corpo pelos seus braços, acaricio o seu tórax e olho em seus olhos. Seu rosto se aproxima do meu, sua boca está próxima a minha e eu me esqueço de tudo ao nosso redor.

Esqueço-me que estou na casa dos pais do Luís, esqueço que a *esposa* dele está nessa casa e me esqueço de qualquer raciocínio lógico. Fecho os meus olhos quando os seus lábios raspam nos meus, mas somos interrompidos com uma tossida falsa. Afasto-me do Luís e olho para a causadora da interrupção.

— Me desculpem atrapalhar, mas combinamos que você iria me ajudar, Luís. — Ingrid o lembra.

— É, eu vou. — Ele murmura um tanto desconfortável e olha para mim. — Nos vemos daqui a pouco...

— Vou te esperar lá embaixo. — Ela avisa o interrompendo e sorri para mim. — Até mais, *Macla*.

— Até. — Sorrio levemente.

Ingrid desce a escada, voltando a me deixar a sós com o Luís e ele beija suavemente os meus lábios.

— Daqui a pouco eu volto para te buscar.

— Para aonde vamos?

— Vou te levar para a casa dos seus pais, mas à noite vamos sair.

Ele se despede de mim com um beijo casto, o vejo descer a escada rapidamente e eu me sento no sofá em frente à janela. Observo o balanço lá embaixo e deixo a minha mente me levar. Essa casa me dá um conforto de alma incrível, eu me sinto bem e a vontade.

Eu me lembro que eu sempre ficava aqui nessa sala – antes da reforma – com a Judith e passávamos a tarde toda lendo algum livro ou conversando. Luís sempre nos observava com os olhos cheios de orgulho, ele sempre amou a minha amizade com a mãe dele e o respeito com o pai. Se passou anos e nada mudou, nunca irá mudar. Levanto-me do sofá e vou até a estante a minha direita.

Aqui tem títulos vários de gêneros e países. Têm clássicos internacionais e nacionais. Meus olhos acompanham os meus dedos por cada fileira e eu sorrio ao encontrar o livro que eu li umas mil vezes junto com a Judith. Orgulho e Preconceito de Jane Austin, uma escritora clichê, pois é a queridinha de todos que amam livros, mas eu a amo de um jeito bem especial. Judith nos apresentou durante uma tarde chuvosa e fria.

Luís e eu tínhamos brigado – não me lembro do porque – no caminho da escola para cá e estávamos molhados por causa da chuva. Quando chegamos

aqui, Luís foi para o quarto dele e eu me sentei na casa antes de desabar a chorar.

Judith foi conversar comigo e entender o que tinha acontecido, então quando ela soube da história, disse que eu lembrava um pouco a personagem de um livro e tinha uma frase que eu precisava ler naquele momento. Então, eu fui apresentada a Jane Austin e Elizabeth. Folheio as páginas procurando pela marcação feita anos atrás e a leio quando encontro.

— São muitos os meus defeitos, mas nenhum de compreensão, espero. Quanto a meu temperamento, não respondo por ele. É, segundo creio, um pouco ríspido demais... para a conveniência das pessoas. Não esqueço com facilidade tanto os disparates e vícios dos outros como as ofensas praticadas contra mim. Meus sentimentos não se manifestam por qualquer coisa. Meu temperamento poderia talvez ser classificado de vingativo. Minha opinião, uma vez perdida, fica perdida para sempre.

— Você se lembra quando eu te mostrei esse trecho? — Ouço Judith me perguntar.

— Luís e eu tínhamos brigado em meio a chuva quando a gente voltava da escola. — Respondo fechando o livro e a olho. — Daquele dia para cá, eu sempre leio esse livro. Todo mês praticamente.

— Eu o sempre leio também, mas desde que você foi embora, eu nunca tive um leitura gostosa, como tínhamos.

— Concordo. A gente lia um trecho e parava para discutir a atitude dos personagens.

Sento-me de volta no sofá segurando o livro, Judith pega o outro exemplar e se senta na poltrona perto de mim. Abrimos na primeira página e começamos a ler.

[...]

— Eu sabia que vocês estariam fazendo exatamente isso. — A voz do Luís nos desperta da leitura e, eu sorrio ao olhar para ele. — Vim te buscar.

— Já? — Pergunto fechando o livro.

— Já são quase seis da tarde.

— Nos prendemos demais na leitura e nos esquecemos do tempo. — Judith comenta.

— Estava incrível.

— Sim! — Ela afirma. — Volte para a gente terminar a leitura.

— Volto assim que possível.

Coloco o livro de volta na estante, me despeço da Judith com um abraço apertado e sigo o Luís. Descemos a escada em silêncio, saímos da casa e ele abre

a porta do carro para mim. Eu nem percebi o tempo passar, pois estava tendo uma tarde maravilhosa com a Judith e nem me lembrei que o Luís estava com a Ingrid.

Eu não sinto ciúme e nem fico incomodada. Depois da minha conversa com a Ingrid, eu entendi que, o que existe entre eles são cumplicidade e amizade. Não existe nada, além disso. Olho para o Luís assim que ele se senta ao meu lado e ele sorri para mim.

— Estava tendo uma de suas tardes com a dona Judith.

— Eu senti muita falta de tardes assim.

— Eu gosto de vê-las juntas. Aliás, eu sempre gostei.

— Eu adoro a Judi. Sempre adorei e sempre vou, independente do que aconteça com nós.

Esse nós representa Luís e eu, e ele sabe disso. Recebo o silêncio de sua parte, mas isso não é uma coisa ruim. *LH* é centrado, bem tranquilo e sabe quando o certo a fazer, é pensar e não falar. O caminho até a minha casa é percorrido rapidamente, logo o carro é estacionado em frente ao grande portão de madeira cercado pelos muros altos. Viro-me para o Luís, ele se vira para mim e acaricia a minha bochecha. Sua boca se aproxima da minha, espalmo as minhas mãos em seu tórax e olho em seus olhos.

— Venho te buscar á noite, lá para às dez e meia.

— Para aonde vamos?

— Ainda não sei, mas quero sair com você.

— Tudo bem. — Concordo.

Olho para a sua boca e volto o meu olhar para os seus olhos. Enfim a sua boca toca na minha, um beijo ardente se inicia e nos agarramos. Seguro firme na camisa da Luís, ele passa os braços pela minha cintura e me puxa para o seu colo. É início da noite, a rua levemente movimentada e eu nem quero saber de nada disso.

Cada uma das minhas pernas fica ao lado de sua cintura, seguro em seu pescoço e ele deixa as mãos em minha lombar, antes da gente aprofundar ainda mais o beijo. Sua língua dança com a minha de forma sensual, nossos corpos se colam ainda mais e sinto as suas mãos descenderem ainda mais, tocando em meu bumbum.

De início suas mãos ficam paradas e isso me incomoda, então, eu mexo levemente a minha cintura o provocando e sinto a sua ereção crescer. Suas mãos apertam a minha bunda, me afasto rapidamente para recuperar o ar e em segundos a boca do Luís já está na minha novamente.

A calma e toques vergonhosos já não existem mais. As mãos do Luís me apertam cheio de vontade, sinto ainda mais a sua ereção e eu ofego contra a sua

boca. Devemos ter calma, estamos dentro do carro e em pleno início da noite, então aqui não é lugar e nem hora para isso.

— Luís... — Sussurro contra os seus lábios.

— O que? — Ele questiona num sussurro, também.

— Você precisa ir.

— Eu sei.

Mas não é isso que os nossos corpos querem, pois as nossas bocas voltam a se grudar. Passo as minhas mãos em seu tórax, desço para a barra e cóis de sua calça o fazendo arfar contra a minha boca. Afasto-me bruscamente recobrando o raciocínio lógico e sorrio de forma sapeca.

— Nos vamos às dez?

— Será uma tortura essa demora. — Ele murmura.

Rio levemente, pego a minha bolsa e beijo os seus lábios suavemente. Antes que ele possa me segurar para aprofundar o beijo, eu abro a porta do carro e saio pelo lado do motorista mesmo. Zelda, a nossa vizinha está parada no portão de sua casa e me encara intrigada. Aceno para ela na maior cara de pau após fechar a porta do carro, Luís abaixa o vidro do carro e eu me apoio na janela.

— Não quer adiantar a nossa saída e me esperar no meu apartamento?

— Não. Vá trabalhar e se controle. Logo vamos nos ver.

— Será difícil trabalhar. — Ele sussurra me fazendo ri. — Judiando de mim, Maria Clara? É feio!

— Não estou judiando. Estou apenas nos deixando mais ansiosos pela noite.

Beijo novamente os seus lábios e vou rumo ao portão de casa. Olho para trás por cima do meu ombro, observo o Luís ir embora e eu sorrio satisfeita. Gosto disso que está acontecendo entre nós. Não estamos dando uma de namorados e nem ficantes.

Somos apenas duas pessoas que se gostam, têm desejos e não querem rotular nada. Entro em casa dando de cara com o meu avô sentado no sofá, o abraço demoradamente e me sento no outro sofá. Minha mãe entra na sala usando um avental e tem um pouco de farinha em seu rosto.

— Estava até agora na casa da Judith?

— Sim. Perdi a noção do tempo.

— Henrique que te trouxe?

— Luís. — Corrijo-a e ela me olhando intrigada. — Wallace virá aqui que horas?

— A Debora disse que eles virão assim que o seu irmão chegar do trabalho.

— Tudo bem, então. — Olho para o meu avô e seguro em sua mão. —

Como o senhor está?

— Bem, como Deus quer.

— Eu acho que o senhor já está sabendo que eu vou ficar aqui por muito tempo, não é?

— Sim e tenho algo muito importante para te falar.

— O que?

— Não largue a sua carreira por dois velhos, você ainda tem muito que conquistar e viver, então não se prive por causa de mim e de sua avó.

— Vovô, eu estou fazendo algo bem melhor do que a minha carreira. Ficando com a minha família e vocês estão em primeiro lugar.

Meu avô fica sem palavras, eu beijo o dorso de sua mão e vou para a cozinha atrás da minha mãe. A encontro retirando uma torta do forno, eu vejo que o jantar está quase pronto e eu paro na porta que dá acesso ao quintal. Dona Zuleica me olha por alguns segundos e volta a sua atenção para a forma em suas mãos.

— Você está tão sorridente.

— É? — Pergunto surpresa.

— É, e algo me diz que esse sorriso tem a ver com o Luís.

— Mãe...

— Ele está se separando da Ingrid, vocês estão muito próximos e...

— E, o que, mãe? Sempre fui amiga do Luís! Nós estamos próximos, como todo mundo sempre quis e se for para a gente ficar juntos nesse tempo que eu ficar aqui... Ótimo.

— Maria Clara, eu não estou reclamando de vocês, eu apenas me preocupo com você.

— Independente do que aconteça, no final eu e o Luís vamos saber fazer a escolha certa.

— Eu seja que sim, Clarinha. Eu sempre o quis como genro, pois o trato como filho e sei que vocês são feitos um para o outro.

— Talvez. — Dou de ombros e vou rumo a escada. — Vou sair á noite.

— Pra aonde e com quem?

— Não sei para aonde o Luís quer me levar.

Não dou tempo que ela diga algo, subo os degraus correndo e logo entro no meu quarto. Deixo a minha bolsa em cima da penteadeira, retiro a minha bota e me jogo na cama. Paixão, ansiedade e excitação estão me dominado muito, e isso me deixa louca para esse encontro. Preciso parecer uma pessoa calma e tranquila, mas será difícil.

Independente para aonde formos, sabemos como a noite irá terminar. Luís e eu nus em alguma cama ou até mesmo dentro do seu carro. A porta do meu

quarto se abre, minha mãe avisa que o jantar está pronto e pede para eu ir tomar banho rápido, pois o meu irmão está chegando.

Retiro a minha roupa enquanto caminho para o banheiro, encosto a porta e entro debaixo do chuveiro. A água quente escorre pelo meu corpo me trazendo um pouco de tranquilidade e abaixando a minha ansiedade. Rio levemente quando me lembro que o Luís disse que ia ser difícil trabalhar e sem que eu perceba, toco em meus lábios sentindo ainda o toque de sua boca.

— Aquarela? — Ouço o meu irmão me chamar.

— Eu já vou.

Desligo o chuveiro, seco o meu corpo e visto o roupão. Saio do banheiro de cara com o meu irmão colocando diversas sacolas no canto vazio – a não ser pelo meu cavalete – do meu quarto e ele sorri ao olhar para mim. Dou um beijo em sua bochecha e me sento na cama.

— O que é tudo isso?

— Comprei algumas coisas para você trabalhar. — Ele informa ao se sentar ao meu lado. — Tem duas palhetas, cinco telas, pinceis e tintas.

— Obrigada. Eu ainda ia comprar. — Informo. — Amanhã eu arrumo tudo.

— Eu jurava que você já ia querer arrumar agora. — Ele debocha.

— Queria, mas eu vou sair mais tarde.

— Me deixa adivinhar com quem? Luís Henrique, com certeza.

— Acertou! — Ironizo.

— Nossa mãe comentou sobre vocês estarem próximos.

— Sabe o que é engraçado? No Natal todo mundo estava nos aproximando e tal, aí agora, estão receosos.

— Não é bem assim.

— É como então? — Questiono com os braços cruzados em frente ao corpo.

— No Natal todos estavam afoitos com a sua presença aqui, queriam ver como seria vocês dois juntos e sabiam que vocês se aproximaram, mas não daria nada, pois você iria embora. Só que você voltou e vocês já estão muito próximos, ninguém esperava que fosse tão rápido.

— Eu fico confusa com isso tudo. — Confesso.

— Por quê?

— A gente se gosta, estamos juntos novamente, mas não é serio e nem rotulado. Não queremos fazer escolhas e sim, deixar acontecer. Luís e eu temos vidas diferentes, digo, ele aqui e eu em Florença, então independente de tudo o que acontecer, no final vamos saber a fazer a escolha certa. — Apoio o meu queixo em minhas mãos e suspiro. — Eu apenas quero o apoio e que todos fiquem felizes.

— Já estamos e sempre vamos te apoiar. — Ele avisa me abraçando. — Todos só ficaram surpresos com a relação repentina.

— Eu acho que entendo.

Ele deposita um beijo demorado no topo da minha cabeça, avisa que vai me esperar lá embaixo e sai do meu quarto. Como já era de se esperar, alguém já colocou as roupas que estavam dentro da minha mala, no guarda roupa e eu vou até o mesmo. Pego uma calça legging e uma camiseta preta que tem escrito “keep Calm - I am an artist”.

Penteio o meu cabelo, calço o chinelo e desço para o primeiro andar. Assim que eu piso no ultimo degrau da escada, a Clarita me grita e corre na minha direção. A pego no colo e a encho de beijos. Ela é um doce de menina.

— Eu senti a sua falta, tia.

— Eu também, pequena. — Confesso. — Trouxe um presente para você.

— O que? — Ela pergunta, curiosa.

Olho para o meu irmão pedindo ajuda, pois preciso que ele pegue a tela em algum canto dessa casa e logo atrás dele aparece o meu pai segundo a tela embrulhada. Viro a minha sobrinha na direção dele, ela me olha sorridente e corre para rasgar o embrulho. A ajudo retirar o embrulho e ela coloca a mão na boca quando se vê representada na tela.

— Você gostou?

— É lindo, tia! — Ela exclama baixinho, extasiada.

— Então eu mereço um abraço bem apertado e um beijo?

— Merece um abraço de urso e dois beijos.

Clarita se joga em meus braços, a aperto contra o meu corpo e eu recebo um beijo em cada lado do meu rosto. Debora elogia a minha pintura e eu vejo os seus olhos marejados. Agora temos a Clarita em dose dupla, uma viva e a outra na tela. Wallace avisa que vai colocar a tela no carro enquanto vamos para a mesa.

Meus pais na ponta da mesa, meus avós na outra ponta, eu ao lado direito do meu pai e a minha sobrinha ao meu lado. Em segundos, Wallace se junta a nós com a sua esposa, cada um se serve e comemos enquanto ouço a Clarita me contar sobre a sua escola.

Wallace e Debora são maravilhosos pais para essa menina, ela é educada, gentil, doce, amorosa e linda. Sabe falar quando é permitido, ouve quando é necessário e sempre tenta mostrar o seu melhor. Meu irmão dá uma criação magnífica para a filha e é um maravilhoso pai.

Às vezes ele parece distante, mas é ele a analisando como ela é, sem ter a vigilância dele por perto. Levo o meu olhar para o outro lado da mesa e vejo o meu irmão olhando fixamente para a filha. Quando a Clarita nasceu, o meu

irmão estava passando por um momento complicado. Ele estava sem emprego, morava aqui com a Debora e ela também não trabalhava.

Precisávamos comprar as coisas que faltava para a minha sobrinha, então eu fiz uma pequena exposição e vendi todos os quadros por um preço acessível a muitas pessoas. Consegui um bom dinheiro e enviei todo para o meu irmão. No início ele não quis aceitar, mas acabou aceitando e um mês após o nascimento dela, ele conseguiu um bom emprego e me devolveu o dinheiro poucos meses depois.

— Já ligou para Florença? — Meu pai pergunta, chamando a minha atenção.

— Ainda não tive tempo, mas pretendo ligar para o Augusto daqui a pouco.

— Em falar em terceiros... você e a Ingrid já conversaram? — Meu irmão, me questiona.

— Fizemos isso hoje. Nos entendemos e esclarecemos tudo.

— Ela não te culpou pela separação, né? — Agora é a vez da minha mãe, me questionar.

— Mãe, ela e o Luís não se gostam e decidiram essa separação há meses. E nem tinha o porquê dela me culpar, pois eu nem estava aqui.

— Eu sei, mas vai que ela dá uma de louca.

— Não se preocupe com essa minha aproximação com o Luís.

— Tia, você está namorando com o tio Luís? — Clarita me pergunta.

— *Hum...* não é um namoro.

— Não?

— Clarita, vamos terminar de jantar e depois a sua tia explica o que você quiser saber. — Debora avisa a filha.

[...]

Arrumo a tela do meu MacBook, olho para o espelho e retiro o bob da minha franja antes de passar os dedos nos fios. Estou numa vídeo-chamada com o Augusto há alguns minutos, mas ele teve que desligar o áudio para atender uma ligação.

Já o avisei da minha decisão em ficar aqui, pedi para ele resolver o que for preciso e me avisar sobre a decisão da galeria sobre os meus quadros. Volto a minha atenção para o espelho, passo um batom claro em meus lábios e me assusto quando a chuva forte começa a chicotear a minha janela. Não creio que começou a chover logo agora.

— Voltei! Me desculpe fazer você esperar. — Gus pede.

— Estava falando com o pessoal da galeria?

— Sim, apesar de ser bem cedo... Ou tarde. Só amanhã eu consigo dar uma resposta para você.

— Eu espero. — Murmuro. Me levanto da cadeira e vou para longe da tela, pois quero mostrar o meu look para o Gus. — O que acha?

— Romântica. Vai sair?

— Vou.

— Eu nem preciso adivinhar com quem é.

Eu estou usando um vestido preto justo ao meu corpo, um quimono branco com preto e a minha longa bota. Não sei para aonde vou com o *LH*, então esse conjunto se adequa a qualquer lugar. A porta do meu quarto se abre, eu olho assustada para o Luís e ele entra sem pedir.

Sua jaqueta está molhada, assim como o seu rosto e cabelo. Pego a minha toalha que estava em cima da minha cama e o entrego. Ele retira a jaqueta, a deixa pendurada na cadeira bem em frente ao MacBook e volta a olhar para mim antes de secar o seu cabelo.

— Não veio de carro?

— Vim, mas a chuva caiu bem no segundo que eu saí dele, então eu me molhei. — Luís dá de ombros e olha para o Gus por alguns segundos, antes de olhar para mim. — Estou atrapalhando?

— Não! — Nego e vou até a tela. — Gus, tenta resolver essas pendências para mim e me avise assim que puder. Se precisar, eu vou até aí.

— Não se preocupe, vou resolver tudo e fique tranquila em relação ao transporte das telas.

— Obrigada.

— Boa noite e se divirta.

— Amanhã conversamos mais. — Informo o fazendo assentir. — Te amo.

— Te amo, Clarinha.

Fecho a tela e olho para o Luís. Ele passa a toalha em sua jaqueta e enfim me devolve a toalha. Jogo-a em cima do cesto de roupa no banheiro, Luís se aproxima de mim e acaricia o meu rosto. Ele está tão... Tentador.

— A chuva vai atrapalhar o nosso passeio. — Ele reclama.

— Então não vamos sair?

— Vamos, se você quiser.

— Eu quero... — Seguro em sua camisa após colar os nossos corpos e deixo as nossas bocas próximas. — ir para aonde você quiser me levar.

LH morde o meu lábio inferior, veste a jaqueta de volta e entrelaça as nossas mãos. Pego a minha bolsa, coloco a alça em meu ombro e aumento os meus passos sendo puxada pelo Luís. Assim que chegamos à sala de estar, os olhares de todos caem sobre nós e eu fico levemente envergonhada.

— Você vão sair nessa chuva? — Minha mãe nos questiona.

— Está tranquila por enquanto, tia. — Luís comenta.

Minha mãe mania a cabeça para os lados, eu pego o guarda-chuva atrás da porta e o Luís me abraça quando saímos de casa, pois os dois precisam caber debaixo. Meu irmão nos acompanha, pois ele irá pegar o guarda-chuva de volta, assim como o Luís pediu. Ele abre a porta para mim, eu entro e coloco a minha bolsa no banco de trás.

Luís entra no carro, meu irmão pega o guarda-chuva e volta para casa. *LH* olha para mim, sorri levemente e começa nos guiar para algum lugar longe daqui. Ele liga o rádio do carro, muda algumas faixas e quando encontra a qual deseja, volta a sua mão para o volante. Bato os meus dedos em minha perna no mesmo ritmo da música e preendo a minha atenção na letra cantada pelo Luís.

— Bastou só um toque pra gente lembrar, que marcas de amor não se podem apagar. É coisa de pele! Sempre nós dois rola um flashback...

— Isso entre a gente é amor? — Questiono, o surpreendendo.

— Quem vai nos julgar... não sabe o que é amar. Esquece e vem me amar.

— *LH*... — Chamo-o abaixo o volume foi rádio. — o que você acha?

— Se não for amor, então não sei o que é.

Eu ainda o amo, sei que ele me ama, mas em digo em relação a isso que está rolando entre a gente. Ainda é amor ou é atração, desejo? A chuva aperta um pouco mais, os limpadores do vidro do carro trabalham no máximo e eu olho para o Luís, concentrado. Olho para frente, vejo que estamos na orla da praia e um pequeno engarrafamento faz a gente parar.

— A chuva está muito forte e a minha intenção era ir num pub. Estamos perto do meu apartamento, você se importa em irmos para lá?

— Vamos. — Afirmo. — É melhor do que ficarmos aqui, nessa chuva.

Luís concorda e assim que o farol abre liberando o pequeno engarrafamento, ele consegue sair da avenida ao adentrar numa rua lateral e faz o contorno para conseguir entrar na garagem do condomínio.

*Capítulo
três*



Descemos do carro assim que paramos na vaga, aperto a minha mão em minha bolsa e tento parecer tranquila. Entramos no elevador, Luís retira a jaqueta e retorna passar os dedos nos fios do cabelo, agora um pouco mais secos. O elevador para no nono andar, Luís segura em minha mão e me guia pelo corredor. Ele abre a porta do número noventa e três, entramos no apartamento e eu olho ao redor.

Sala de estar com apenas um sofá cor vinho, uma estante em volta da tevê aonde tem diversos livros – a maioria de gastronomia – e também tem pequenos porta-retratos. Um pouco afastado tem a mesa de jantar, a porta da varanda bem atrás, onde a chuva está atingindo com violência.

Os dois cômodos são separados por um balcão que deixa a cozinha numa ilha separada e é muito bem equipada. Creio que o Luís fez questão de escolher cada detalhe desde lugar e os melhores equipamentos. Além disso, eu imagino o quanto caro foi esse apartamento ou ainda é, pois é na orla da praia.

— Você comprou esse apartamento?

— Não. Ingrid ganhou na herança, passou para o meu nome e disse que era um presente por eu aceitar o casamento.

— Ela te comprou.

— Não! Ela me deu de presente e para eu não ficar a deriva quando nos separasse.

— E o restaurante?

— Ele o esse apartamento são meus. — Luís informa e vai para a cozinha.
— Está com fome?

— Não estou, mas não vou negar se você me oferecer alguma coisa gostosa.

Encosto-me ao balcão da cozinha após deixar a minha bolsa no sofá, Luís olha para mim com um sorriso sacana e se aproxima.

— Eu tenho uma coisa bem gostosa para te oferecer.

— O que? — Pergunto baixinho.

— Eu. — Ele sussurra contra os meus lábios. — Mas por enquanto, você vai ter que se contentar com outra coisa.

— Quanto maior a espera, maior o clímax.

Os olhos do Luís estão cheio de chamadas de desejo e as nossas provocações aumentam a cada olhar, fazendo o desejo multiplicar. Rio levemente, ele balança a cabeça para os lados e se afasta de mim. Deixo os meus pés me guiarem pelo ambiente, paro diante da estante e começo a ver cada um dos porta-retratos.

Fotos com os pais, com a Ingrid, Luís com a doma em frente ao restaurante, ele diante do cristo redentor e... uma foto nossa. Eu me lembro dessa foto, foi quando completamos quatro anos de namoro e fomos para Campos do Jordão.

Não foi a nossa única viagem, mas esse tem um gosto especial, pois foi a primeira.

Coloco o porta-retratos de volta no lugar, abaixo diante da estante e franzo o meu cenho, ao ver mais uma foto nossa. Nós em Governador Celso Ramos um mês antes de eu ir embora para Florença. Os pais do Luís tem uma casa lá e fomos todos curtir um final de semana. Nessa viagem eu estava muito feliz, amando o Luís mais do que eu amo a arte, mas eu não iria abrir mão do meu sonho.

— Você estava muito feliz nessa viagem, eu tive a esperança que você iria ficar. — Luís confessa, chamando a minha atenção.

Deixo o porta-retratos no lugar, volto a minha postura e pego uma taça de vinho da mão do Luís. Bebo um longo gole mantendo o meu olhar no do lindo homem na minha frente e eu me sento no sofá. Tem duas fatias de torta especial do Luís.

— Torta de frango com queijo?

— Sim. Fiz hoje à tarde. — Luís se senta ao meu lado, me entrega um dos pratos e me observa. — Espero que goste.

Ele me puxa para perto do seu peito, me encosto e relaxo enquanto me delicio na torta. Luís se limita a apenas beber o vinho em sua taça, levo o meu olhar para a porta da varanda e a chuva continua forte. Os dedos da mão direita do *LH* entram nos fios do meu cabelo e massageia o meu couro cabeludo.

Isso me faz relaxar muito e esquecer tudo. Afasto-me do seu corpo, ele pega a sua fatia de torta e come em duas mordidas. Bebo um restante do vinho assim que termino a torta e deixo tudo em cima da mesa de centro. Meu olhar volta para a estante a nossa frente e eu mantenho o meu olhar na última foto que eu olhei.

— Você tem aquelas fotos bem ali, desde quando veio para cá?

— Sim. Ingrid também tinha outras fotos ali, até mesmo vocês juntas e ela nunca se incomodou com a minha escolha de ter aquelas duas fotos ali.

— Não foi estranho para as pessoas que vinham aqui visitar vocês, ver a minha foto ali?

— Não sei. — Ele dá de ombros. — A casa é minha, então ninguém têm o direito de opinar.

— Certo. — Sussurro e sai do sofá. — A chuva não parou e nem diminuiu, então acabou o nosso pub. O que vamos fazer?

— Eu tenho uma ideia muito boa em mente.

Como estou de costas para ele, não sei a sua movimentação, mas eu sinto quando ele se aproxima de mim. Suas mãos acariciam a lateral da minha cintura, sou virada de frete para ele e os seus olhos cheio de fofo encontram os meus

cheios de expectativas. Sua mão sobe pelo meu corpo, segura em minha nuca e aproxima as nossas bocas devagar.

Minhas mãos passeiam pelo seu tronco, param no seu tórax e as nossas bocas se chocam. O beijo demonstra muito amor e eu espero que seja isso mesmo rolando entre a gente, pois não quero sofrer ao ter um coração partido. É como eu disse antes, o amor entre nós é recíproco, o único problema é que eu não tenho certeza se isso que rola é apenas desejo ou amor mesmo.

O beijo se torna intenso, as mãos do Luís se apressam para retirar o meu quimono e em segundos a peça cai no chão. Suas mãos param em minha bunda, eu impulsiono o meu corpo e passo as minhas pernas por sua cintura. Ele me segura firme contra o seu corpo, sinto ele nos levando para algum canto desse apartamento e eu vou abrindo a sua camisa, sem desgrudar as nossas bocas.

Luís deita o meu corpo numa cama bem macia, nos separamos por alguns centímetros para recuperar o fôlego e ele fica sobre o meu corpo. Termino de retirar a camisa do seu corpo o fazendo ficar com o tronco nu diante dos meus olhos, recebo beijos molhados em meu colo e a fina alça foi meu vestido escorrega pelo meu ombro.

Enfio os meus dedos em seu cabelo, ele me olha e voltamos a colar as nossas bocas. Agora é um beijo profundo, mexe com o meu inteiro e sentimentos, além de me excitar. O faço se afastar, me sento na cama e retiro a minha boca. Luís fecha as cortinas do quarto, fecha a porta e anda na minha direção enquanto retira a calça.

Seu corpo está um pouco mais define, do que anos atrás, mas continua muito convidativo. Sento-me de joelhos na cama, ele faz a mesma coisa e enfia os dedos em meu cabelo, o penteando. Vou para o seu colo, sinto a sua ereção contra a minha intimidade e as mãos do Luís passeiam pelo meu corpo. Como o meu vestido está amontoado em minha cintura, a peça sai facilmente do meu corpo e eu fico diante do Luís apenas usando uma calcinha.

As suas mãos vão diretamente para os meus seios, recebo uma massagem gostosa e excitante. Sua língua passa pelo meu maxilar, desce pelo meu colo e chega no meu seio direito. Sua língua brinca com o meu mamilo antes de ser puxado pelos seus dentes e sugado com forte em seguida. Gemo alto e a sua respiração fica ainda mais irregular contra a minha pele.

Aperto os seus bíceps e o Luís olha para mim, já sabendo o que eu quero. Ele me deita na cama, puxa a minha calcinha devagar para fora do meu corpo e assim que sai pelos meus pés, eu fico nua diante dos seus olhos. Não me sinto envergonhada e nem nada parecido, nós já nos vimos nus muitas vezes e não foram esses anos longes, que vai nos deixar acanhados. Luís retira a sua cueca, volta para a cama, bem no meio das minhas pernas e a sua boca toca no ponto

mais pulsante do meu corpo.

Agarro o lençol da cama e vejo estrelas enquanto recebo um maravilhoso oral. Desde a primeira vez foi delicioso e hoje, está mil vezes mais. Mordo o meu lábio inferior quando eu sinto os seus dedos em meu canal. Antes que eu possa ter um orgasmo, a boca do Luís sobe pelo meu ventre e dá uma forte sugada em meu seio esquerdo antes de beijar suavemente a minha boca. Ele se senta de joelhos na cama, pega uma camisinha no criado mudo e a coloca em cima da cama. Sento-me do mesmo modo que ele, eu passo as mãos pelo v em sua cintura e subo para o seu tórax.

Os seus olhos me dão a resposta da questão que me perturbava desde cedo. Sento sobre o seu colo novamente, tomo a sua boca para mim e mexo a minha cintura contra a sua. Luís passa um dos braços pela minha cintura, me suspende por alguns segundos e eu desço sentindo o seu membro dentro de mim. Subo e desço devagar, conforme o nosso beijo, Luís me abraça pela cintura e se mexe levemente contra o meu corpo.

Nossos movimentos são lentos, coreografados e cheio de sentimentos. A chuva é a única que presencia essa noite de amor e de uma volta completa entre nós. Isso é totalmente clichê, mas é a verdade. Luís deita os nossos corpos na cama sem sair de dentro de mim, o sinto ir bem fundo e volto a minha consciência quando sinto a camisinha em minha mão. Coloco a minha mão esquerda no seu peito, ele me olha com o cenho franzido e leva o olhar até o pacotinho em minha mão direita. Seu membro sai de dentro de mim, ele se senta na cama e veste a camisinha.

O seu corpo volta para cima do meu, seu membro para dentro de mim a sua boca cola na minha suavemente. Beijo o seu ombro, passo a minha língua pela pele do seu pescoço e mordo o lóbulo de sua orelha. Um gemido rouco escapa de sua boca, isso é como uma corrente elétrica que percorre o meu corpo e começo a me movimentar junto com o Luís. Somos um só.

Um só sentimento.

Um só desejo.

Um só corpo.

Um só amor.

O nosso ritmo aumenta conforme a nossa excitação, a boca dele vai para o meu seio e começa a me extinguir ainda mais. Arrepio-me por completa, meu olhar perde o foco e eu chego ao meu ápice. Luís aumenta ainda mais o seu ritmo enquanto eu ofego e a sua mão esquerda aperta a minha cintura contra ele, quando o seu ápice também é atingido.

A chuva já não está tão forte e sim suave, quase uma garoa despreocupada. Luís se deitado ao meu lado, ficamos um de frente para o outro e ambos estamos

suados, mas satisfeitos. Levo a minha mão até o seu cabelo, retiro os fios grudados no suor de sua testa e descanso a minha mão na lateral do seu pescoço. Sabe quando um olhar diz tudo e principalmente responde questões? Então, é isso que o olhar do Luís faz nesse exato momento, responde a questão que tanto me preocupou nas últimas horas. É amor! Sempre foi amor e sempre vai ser.

Desvio o meu olhar do dele, deito a minha cabeça em seu ombro e ele joga o edredom para cima dos nossos corpos. Luís fica acariciando o meu cabelo, eu fecho os olhos e relaxo contra o seu corpo. Quando aqueles três palavras sai da boca, precisamos ser verdadeiras, ditas de coração e é quando não tem mais volta.

Quando vivemos um amor, a nossa vida fica mais plena, mais rica, mais leve. O amor pode transformar a vida. Muitas pessoas têm medo de amar, mas é preciso entender que o amor não mata. Se o amor, não fizer isso, então não é amor. A vida, às vezes, pode ser muito dura, e ter alguém que nos ama e com quem podemos contar, alivia muito tudo que é de ruim que estamos carregando no dia a dia.

Para amar é preciso querer amar... Eu o amo, mas não sei se é o momento para isso. Vim para Florianópolis com uma intenção, a minha família e eu já estou errando, pois o Luís está ficando a frente deles. Só que isso não quer dizer que eu vá abrir mão de algum deles, muito pelo ao contrário. Eu tenho que medir cada tempo para algum. Nenhum está a frente do outro e sim lado a lado.

— Gosto de ter você aqui. — *LH* sussurra.

— No seu apartamento?

— Ao meu lado... Novamente.

— Eu estou ao seu lado novamente.

Recebo um beijo demorado no topo da minha cabeça, apoio uma perna em cima das pernas do Luís e passo o meu braço esquerdo por sua cintura. É bom estar aqui e ter ele ao meu lado. Fecho os meus olhos e mato a saudade de ter esse homem em minha vida. Quando estou quase sendo engolida pela escuridão que vai me levar diretamente para um sono profundo, ouço um sussurro sair da boca do Luís e apenas o ignoro momentaneamente.

— Eu amo... amar você.

[...]

Passo a mão na cama procurando o corpo gostoso que dormiu agarrado em mim, mas não o encontro. Abro os meus olhos encontrando a claridade o cheirinho de café invade as minhas narinas. Sento-me na cama, passo as mãos no meu cabelo e me espreguiço. Tive uma noite de sono tão gostosa, eu não tinha

uma assim há muito tempo.

Olho a minha volta com os olhos pequenos e analiso o ambiente. A cama é baixa, pois está numa madeira escura dando modernidade, atrás da cama a parede é cinza escura e o restante mais claro. Tem uma janela grande, parecida com uma porta, ao lado um divã cor vinho combinado com os lençóis da cama. Os criados-mudos ao lado da teta tem mais alguns livros, um meu quadro na parede bem a cima da cama e em frente a cama, na parede ao lado da porta do banheiro, tem a tevê. É um quarto simples, mas bem moderno.

Saio da cama como eu vim ao mundo, entro no banheiro e tomo um banho rápido, apenas para retirar o suor e eu escovo os meus dentes com uma escova que estava dentro da embalagem fechada em cima da pia. Saio do banheiro após pentear o meu cabelo e visto a camisa do Luís após pega-la do chão. Saio do quarto nas pontas dos pés, ouço o Luís conversar com alguém e eu fico aliviada ao ver que é no celular. No seu corpo existe apenas uma bermuda escura e seu cabelo está bagunçado. Entro na cozinha chamando a sua atenção, ele limpa as mãos no pano de prato e me abraça pela cintura.

— Bom dia, *raggio di colore*.

— *Buon giorno*.

— Dormiu bem? — Ele pergunta após beijar os meus lábios.

— Muito bem, como eu não dormia há anos.

Ele me observa intrigado, me beija suavemente mais uma vez e volta para o fogão, além de voltar a sua atenção para o celular em seu ouvido. Pego uma caneca dentro do armário, me sirvo com um pouco de café e bebo um pequeno gole. Luís termina os ovos mexidos, coloca num prato e coloca o prato em cima da mesa. Ele para diante de mim, ajeita a minha franja e deposita um beijo em minha testa.

— Eu tenho certeza. Não é preciso pedir isso e nem citar no dia do divórcio. — Luís informa voltando a falar no celular. — Sim, o apartamento é meu e o restaurante também. Tenho as escrituras, Xerox do contrato de casamento...

Ele suspira e avisa que já volta, antes de marchar rumo ao seu quarto. Sento-me na mesa e dispenso tudo que o Luís fez hoje, pois quero mesmo é a torta que ele fez ontem. Sirvo-me um pedaço e como enquanto bebo o café em minha caneca. Luís volta já sem o celular, se senta ao meu lado e beija a minha mão livre.

— Algum problema?

— O meu advogado fazendo algumas perguntas e pedindo alguns documentos.

— Resolveu?

— Sim. — Ele afirma. — Ele queria saber se tem alguma possibilidade da Ingrid estar grávida.

Engasgo com um pequeno pedaço de torta e bebo o café de uma vez. Respiro fundo após engolir a torta, olho para o Luís e ele está me olhando assustado. Eu que estou assustada com esse assunto!

— O que?

— Ele queria saber se existe possí...

— Essa parte eu entendi, Luís.

— A Ingrid não está grávida, pelo menos não de um filho meu. Nós não transamos.

— Não? — Questiono, levemente surpresa.

— Não. — Ele responde olhando nos meus olhos. — Mais alguma pergunta? Eu não me importo em responder as suas questões.

— Eu acho que não. — Murmuro.

Logo terminamos o nosso café da manhã, ajudo o Luís com a louça mesmo com ele reclamando. Seco cada utensílio, deixo em cima do balcão e vou até a porta da varanda. O tempo está limpo e o sol divide espaço com o céu azul, mas não está calor. O mar está um pouco agitado por causa do forte vento e alguns surfistas se arriscam. O corpo do Luís gruda no meu, seus braços circulam a minha cintura e ele apoia o queixo em meu ombro. O relógio em seu pulso marca um pouco mais de dez e meia da manhã e eu preciso ir para casa. Preciso ligar para o Gus, saber se ele resolveu com o pessoal da galeria e como será nesse tempo que eu vou estar afastada.

— Está pensativa.

— Eu estou apenas pensando no tanto de coisas que tenho que fazer hoje.

— Hoje o restaurante vai estar cheio. — Ele comenta se afastando de mim e cruza os braços em frente ao tórax, após encostar-se à parede ao lado da porta da varanda. — Até terça feira está sem reservas.

— Ainda bem, né?!

Terça feira é dia doze de junho, conseqüentemente dia dos namorados.

— Por um lado é maravilhoso.

— E por outro?

— Ruim, pois cozinheiro para casais apaixonados e eu fico lá na cozinha, com as minhas panelas.

— Não é ruim! Se lembra, daquilo que eu te falei no Natal sobre a receita de família?

— Que era receita de amor?

— Sim. Todas as suas receitas tem esse toque especial e vai deixar ainda mais á noite maravilhosa dos casais presentes em seu restaurante.

Luís me olhar surpreso, mas sorri com as minhas palavras. Às vezes as pessoas ao nosso redor precisam ouvir palavras motivadoras, mesmo que seja da mais simples á a mais elaborada, mas que sejam verdadeiras e tenham um proposito certo. Aproximo-me devagar, ele deita a cabeça levemente para o lado e abre os braços.

Encaixo o meu corpo no seu, deito a minha cabeça em seu peito e ele me abraça apertado. Eu me lembro das suas palavras da noite anterior, eu estava quase dormindo, mas ouvi perfeitamente. A boca do *LH* encosta-se a minha testa, levanto a minha cabeça para olhar em seus olhos e vejo o amor. Seguro o seu rosto em minhas mãos, beijo suavemente os seus lábios e volto a abraça-lo.

O que é o abraço do Luís Henrique? É o conforto, amor, compaixão, força e cuidado. Se um cara não te abraça assim e não te olha com paixão ou amor, ele não é o certo. Toda mulher merece um amor digno de filmes de romance, daqueles bem clichês mesmo e um mocinho que te leva até as nuvens, seja com palavras, toques ou olhares. Luís faz isso comigo e eu sou grata por tudo. Só que isso não pode parar a minha vida e eu preciso ir para casa.

— Está maravilhoso aqui, mas preciso ir para casa.

— Eu acho que consigo concordar com isso, por hoje. — Ele resmunga, divertido.

— Ah, é? E se acontecer outra vez?

— Eu tenho ideias muito boas. — A ameaça sedutora em sua voz me faz suspirar. — Posso te mostrar agora, s quiser.

— Prefiro ver no dia.

Rio contra os seus lábios, sinto as suas mãos passarem pela minha cintura e descem para a minha bunda. Meu corpo é impulsionado para cima, circulo a sua cintura com as minhas pernas e em poucos passos Luís me coloca sentada em cima da mesa, onde o café ainda está posto.

— Maria Clara, você não vai escapar de mim tão cedo.

— Eu preciso ir para casa. — O lembro rindo, pois eu gosto dessa sensação gostosa em meu corpo.

— Eu sei, mas podemos ter mais alguns minutos para nós.

— Meu corpo para o seu bel prazer?

— E o meu corpo para o seu bel prazer. — Ele ironiza. — Isso entre a gente não é apenas prazer, desejo sexual. Você sabe.

— Sim! Eu sei.

É amor! E nós sussurramos isso junto, antes de nos entregarmos ao prazer e juntar os nossos corpos num só.

[...]

— Oi *famiglia*.

Fecho a porta atrás de mim e um sorriso enorme toma conta dos meus lábios quando eu vejo o meu irmão mais novo parado na porta que divide a sala da cozinha. Vou em sua direção e ele me puxa para os seus braços. Juan é um rapaz de vinte e dois anos, se alistou no exército no ano passado e faz parte da marinha.

A última vez que eu o vi, foi no ano novo e depois disso não, pois ela precisava servir. Ele não se parece com Wallace e sim comigo. Seus olhos também são claro – herança do nosso pai –, ele é alto e forte. Seu cabelo é ralo, não existe barba e nem bigode em seu rosto.

— A italiana postiça da família. — Juan ironiza e recebe um tapa em seu braço. — Estou brincando, aquarela.

Só os homens da minha família me chamam assim. É um apelido fofo e especial. Deito a minha cabeça em seu ombro, meus braços ficam ao redor de sua cintura e ele deixa um dos seus braços ao redor do meu pescoço. Vovó e vovô estão sentados no mesmo sofá lendo a bíblia, meu pai não está em casa, pois é hora dele estar trabalhando e mamãe está limpando a estante.

— Passou a noite aonde, Maria Clara? — Minha mãe questiona.

— Eu estava com o Luís, mãe.

— Você e o Henrique estão juntos novamente? — Juan me pergunta.

— Não estamos namorando.

— Estão tran...

— Eu sei que vocês estão se entendendo, mas vão devagar, Clarinha. — Minha mãe pede.

— Eles são jovens, o deixem se divertirem. — Vovô fala chamando a atenção da minha mãe. — Maria Clara sabe o que faz.

— Sim, e eu estou feliz com a minha escolha de me reaproximar do Luís. — Informo e olho para o meu irmão. — Sobe comigo? Vamos conversar.

Juan concorda com um aceno de cabeça e subimos a escada, abraçados. Logo entramos no meu quarto, ele se senta na minha cama e eu deixo minha bolsa em cima da escrivaninha. Abro o guarda-roupa e mexo nas peças. Luís não sai da minha cabeça, a nossa noite também não e o meu corpo ainda continua sentindo o toque de suas mãos.

— Maria Clara... — Ouço Juan me chamar e eu olho para ele. — Está no mundo da lua?

— Estava. — Afirmo debochada e me sento na cadeira da escrivaninha. — Como está na marinha?

— Estou aprendendo diversas coisas e sinto que achei a minha profissão.

— Fico feliz por você. É muito bom quando estamos na nossa profissão por realização e amor.

— É magnífico. — Ele fala ao sorri de uma forma muito linda. — E em falar em amor... Você e o Luís?

— Estamos nos relacionando novamente.

— Eu acho que ele deveria conversar comigo e com o Wallace.

— Não inventa coisa, Juan.

— Não estou inventando nada.

Reviro os olhos para ele e maneo a cabeça para os lados. Quando eu comecei a namorar o Luís, o meu irmão era um pirralho ainda e então não tinha opinião sobre nada. Quando eu fui embora, ela tinha apenas dez anos e eu fiquei com muita dor no coração de deixa-lo, pois perdi muitas coisas na vida dele. Agora Juan já é um homem e sente a necessidade de fazer aquilo que não pode fazer, ter uma conversa séria com o *namorado* da irmã. Na época que eu comecei a namorar, o Wallace que conversou com o Luís, além do meu pai já ter feito às *honras*.

— Já somos adultos, não é necessário conversa nenhuma.

— Você que pensa, Maria Clara.

Sem me dar a chance de falar, meu irmão se levanta e sai do meu quarto. Balanço a cabeça novamente para os lados, olho para o meu guarda roupa e vou para a cama. Abraço o travesseiro ao meu lado e volto a pensar no Luís. As suas palavras de ontem a noite retornam a minha mente e eu fico sem saber como agir. Eu não sei o que irá acontecer entre a gente ao longo dos dias, a única certeza que eu tenho é que, qualquer coisa que acontecer entre a gente vai ser intenso e profundo.

Arrasto-me pela cama, estico os meus braços para o chão e procuro o meu *ipad* dentro da minha bolsa. A essa hora – aqui uma e pouco da tarde e em Florença seis e pouco da tarde – o Gus já deve estar no nosso apartamento, eu queria muito falar com ele, mas não quero pressiona-lo em relação a conversa com o pessoal da galeria. Suspiro, cansada, eu deixo o *ipad* em cima da cama e decido ir trocar de roupa.

Visto uma calça jeans que tem aberturas em meus joelhos, uma camiseta preta larga em meu corpo e ombro a ombro. Antes de eu sair do apartamento do Luís, a gente tomou banho – separados –, pois era melhor para nós dois e a cada segundo que estamos separados, parece que conseguimos enxergar melhor a situação que está entre a gente. Temos que ir devagar, literalmente, andar pisando em ovos. A porta do meu quarto se abre enquanto estou prendendo o meu cabelo e eu sorrio para a minha mãe.

— O almoço está pronto.

— Não estou com fome, mãe. Eu vou ficar aqui mesmo, vou organizar o meu cantinho de trabalho.

— Se precisar de qualquer coisa, me avise.

Lhe mando um sorriso e ela sai do meu quarto, fechando a porta. Olho para o canto do meu quarto e observo o jeito que Wallace organizou as minhas coisas. Eu tenho certeza que ele fez isso ontem a noite, eu sou muito grata, mas preciso organizar do meu jeito. Puxo o cavalete até o canto, o fazendo ficar entre as duas janelas e deixo as cortinas um pouco fechadas.

Coloco uma das telas sobre o cavalete, deixo os potes de tintas organizados no chão e as demais coisas na pequena mesinha bem ao lado. Percebo que está faltando alguns pincéis, pego a minha bolsa e saio do meu quarto, após calçar uma sandália baixa. Desço para o primeiro andar e vou direto para a cozinha. Minha mãe, irmão e avós estão sentados a mesa, almoçando.

— Vou sair. Preciso comprar alguns pincéis.

— Quer que eu vá junto? — Minha mãe me pergunta.

— Não precisa. Eu não irei me perder. — Garanto a fazendo revirar os olhos. — Ainda tem aquela lojinha na avenida?

— Têm, Clarinha. — Vovô afirma.

— Então, eu irei lá.

Aceno para eles e saio de casa. É bom saber que a lojinha que eu sempre comprei coisas de pintura continua no mesmo lugar e é perto, na mesma avenida do restaurante do Luís. Ele não me disse nada se vamos nos ver hoje, mas eu acho um pouco difícil, pois ele disse que hoje o restaurante estaria muito cheio. É bom para ele, pois mostra que as pessoas gostam do restaurante dele, principalmente da comida dele. Sinto o meu celular vibrar dentro da minha bolsa, o pego rapidamente e vejo o nome do Augusto piscando no visor. É apenas uma mensagem, e antes que eu possa abri-la, o nome do Luís preenche a tela e eu sorrio, involuntariamente.

— Oi *LH*.

— Oi. Está aonde? — Ele questiona.

— Estou indo comprar pincéis.

— Já vai começar a trabalhar? — Ouço o riso no final de sua frase. — Deveria descansar alguns dias.

— E eu vou, mas eu preciso ir comprar esses pincéis.

— Eu entendo, você sempre foi assim. Comprando, organizando, admirando.

— Você me conhece.

— Por inteira e detalhadamente. — Arrepio-me com a sua voz e foco a minha atenção aos meus passos. — Quando você terminar a sua compra, venha

aqui no restaurante.

— Tá, eu vou.

— Estou te esperando.

Encerro a ligação após me despedir e guardo o celular de volta na minha bolsa. Tento tirar o sorriso do rosto e foco em meu caminho. Luís é muito especial em minha vida e sempre será. Eu sei que devemos viver ciente que em algum momento que eu vou voltar para Florença, eu sempre repito isso, pois eu mais que qualquer pessoa, eu tenho que estar ciente. Quando eu penso em voltar para Florença meu coração se aperta e eu ignoro esse sentimento.

Por mais que eu goste daqui – da minha cidade natal –, a minha vida não é aqui. Logo adentro na loja, o dono é o senhor Sebastian e ele sorri quando me vê. Eu o cumprimento e vou direto para a ala dos pincéis. Observo cada um, pois as minhas escolhas são bem minuciosas e levo o meu olhar até a vitrine, que dá vista a rua. Vejo a Ingrid parada na calçada, ela está com roupa de ginástica e conversando com um homem alto. Pego os pincéis que desejo e sigo para o caixa.

— Voltou para a cidade? — Sebastian me questiona.

— Definitivamente ainda não, mas vou ficar muito tempo por aqui, eu acho.

— Então seja bem vinda novamente.

— Obrigada.

Pego a sacola de sua mão após efetuar o pagamento e saio da loja. Ando na direção do restaurante, consequentemente é na mesma direção da Ingrid. O seu olhar cruza com o meu, eu sorrio e paro para cumprimentá-la. O homem olha para mim e eu o não o reconheço de imediato.

— Veio comprar pincéis? — Ela me pergunta.

— Sim.

Sorrio com os ombros encolhidos e ela olha para o homem por alguns segundos, antes de voltar a sua atenção a mim. Olho para o homem e tento lembrar. Ele é alto, sua pele é bronzeada e o cabelo negro é quase ralo. Os seus olhos eu não consigo ver por causa dos seus óculos escuros e ele tem um lindo sorriso. Busco em minha memória e acabo me lembrando vagamente do Carlos.

— Você se lembra do Carlos Henrique? Ele é amigo do Luís.

— Sim! Não estava te reconhecendo. Você está bem diferente.

— Eu espero que eu esteja diferente para o lado bom. — Ele ironiza me fazendo sorrir.

— Está sim.

— Você também está diferente, mas reconhecível. — Ele comenta. — Como foi na Itália?

—Maravilhoso.

— Irá voltar para lá?

— Sim.

— Só espero que não leve o meu amigo.

Olho para a Ingrid que ri e eu fico sem saber o que falar, pois todos estão me dizendo isso e eu sempre fico com uma dorzinha no peito. O momento de eu ir para Itália vai chegar em breve, mas eu não quero e nem quero pensar nisso.

— Não sei o que pode acontecer nessa minha passagem por aqui, mas eu não tenho planos de levar o Luís comigo. Ele tem uma vida aqui.

— Tem que ser uma decisão muito bem pensada.

— Sim. — Concordo após suspirar e olho na direção do restaurante. — Tenho que ir, Luís está me esperando.

Despeço-me deles e vou em direção ao meu destino. Não sabia que Ingrid e Carlos eram próximos, pois na época de escola eles nem se falavam. Talvez eles tenham se aproximado durante o casamento do Luís com ela. Atravesso a avenida na faixa de pedestres, dou mais alguns passos e logo chego a frente ao restaurante. Têm alguns rapazes carregando mercadorias, eu passo por eles e sigo para o segundo andar. Termino de subir a escada e olhares se voltam para mim. Luís está conversando com cinco funcionários e ele sorri para mim ao parar de falar.

— É apenas isso, pessoal. Nos vemos mais tarde. — Luís fala.

Todos saem da sala nos deixando a sós e ando na direção do Luís. Ele está encostado à lareira, eu deixo os meus pertences em cima do sofá e ele me puxa para os seus braços. Beijo suavemente os seus lábios e parece que não nos vemos faz tempo. Sinto saudade do seu corpo, do seu beijo e de estar com ele.

— Por que quis que eu viesse aqui?

— Porque eu queria te ver e aproveitar cada segundo com você.

— Nos vimos hoje mais cedo, *LH*.

— Eu sei. — Ele dá de ombros. — Sou egoísta, quero cada segundo seu, comigo.

— É egoísmo. — Afirmo o fazendo ri.

— Vai fazer o que hoje?

— Ficar com a minha família e você trabalhar, senhor Luís Henrique.

— Senhorita Maria Clara, você está abusada.

— Estou sendo realista. Você é chefe do restaurante e as pessoas precisam de você.

— Não queria, mas tenho que concordar com você. — Um sorriso triste toma conta de seus lábios. — Pelo menos, eu posso te dar uma carona para a sua casa?

— Sim, eu aceito.

Combinamos ir devagar, mas não é isso que está acontecendo e o medo volta a bater contra o meu peito. Subir um degrau de cada vez é seguro, mas correr nesses degraus, é perigoso e temos noção disso. Mordo o meu lábio inferior controlando a dor em meu peito, pego os meus pertences e saio da sala sendo seguida pela Luís. O quão difícil é para nós essa situação? Eu não tenho resposta para essa pergunta. Saímos do restaurante, entramos em seu carro e eu suspiro de olhos fechados.

— O que foi, Maria? — Luís me questiona.

— Eu tenho medo disso do que está acontecendo entre a gente. Combinamos que iríamos devagar e não é assim que estamos fazendo.

— Você nunca foi de ter medo.

— Mas agora é diferente e você sabe.

— Não, eu não sei. — Ele murmura. — A sua vida em Florença não é o nosso impedimento, Maria Clara.

— É sim e é o único impedimento.

— É aquilo que você disse, no final vamos saber tomar a decisão certa.

— Se formos devagar.

Ele fica em silêncio e foca a sua atenção no trânsito. Assim que ele entra a esquerda, já estamos na rua da minha casa e eu sei que essa conversa já está se encerrando ou será adiada. Luís estaciona o carro em frente a minha casa e eu olho para o ele, que já está de frente para mim.

— Nós sabemos que não vamos conseguir irmos devagar, a gente já se relacionou, nos amamos no passado e... — Ele balança a cabeça de forma negativa e segura em minhas mãos. — eu não queria dizer isso, mas é a verdade entre a gente.

— O que?

— A gente ainda se ama. Se ama como no passado, ou quase igual e até mesmo, ainda mais do que no passado.

— Eu... — Calo-me sem saber o que falar, além das três palavras que acabam com qualquer um. — Eu amo você, amo mesmo.

— Para de ter medo e mergulhe nesse amor, Maria Clara. — Ele pede. — Eu te amo muito e amo em ter você novamente em minha vida. Eu não vou abrir mão de você, não mesmo. Fiz isso no passado e não vou repetir a mesma escolha.

— E eu não vou aceitar que você abra mão do seu sonho e de sua vida aqui.

— Quando chegar o momento nós vamos ter que conversar sobre isso, mas agora temos apenas que aproveitar esse tempo entre a gente.

— Você está malditamente certo. — Resmungo o fazendo ri levemente. —

Eu ouvi as suas palavras ontem à noite.

— Que eu amo amar você?

— Sim. E eu, amo amar você também.

Sua mão esquerda acariciando a minha bochecha, seu rosto se aproxima do meu e os nossos lábios se selam suavemente. Arrumo os fios bagunçados do seu cabelo e ele me observa cheio de amor. Eu sou feliz com ele, muito feliz e eu sei que sempre eu serei assim. Luís é o meu grande amor e eu tenho certeza disso. Ontem, quando eu cheguei aqui em Florianópolis, eu pedi a Deus para me dar uma resposta se o Luís é mesmo o homem da minha vida e Deus me respondeu através do meu coração. Não é engano e nem imaginação da minha cabeça. Eu sinto a resposta e o amor é muito presente.

— Eu queria poder passar o dia e a noite com você, mas hoje será complicado.

— Eu sei, Luís. — Sorrio após beijar os seus lábios. — Fique feliz pela grande procura em seu restaurante.

— E eu estou.

— Certo. — Murmuro. — Nos vemos depois.

— Eu te ligo ou te mando mensagem para combinarmos algo.

Concordo com um aceno de cabeça, nos beijamos mais uma vez e eu saio do carro. Assim que abro o portão, minha mãe sai segurando uma grande embalagem e eu sei que ali está o bolo encomendado pela Zelda. Minha cunhada está bem atrás da minha mãe segurando outra embalagem e elas atravessam a rua. A casa está decorada para uma bela festa, mas simples ao mesmo tempo.

Eu não irei me surpreender se a dona Zelda contar para a minha mãe sobre ela ter me visto saindo do carro Luís pelo lado do motorista. Entro em casa após deixar o portão destacado, minha sobrinha está dormindo no sofá e eu vou direto para a cozinha. Juan está sentado à mesa comendo algo numa taça de sobremesa e nem se quer, olha para mim. Pego um copo no armário, me sirvo com um pouco de água gelada e bebo um pequeno gole.

— Tem mais alguém aqui em casa?

— Os nossos avós estão lá em cima e o Wallace deve aparecer por aqui mais tarde. — Juan responde e enfim olha para mim. — Demorou a voltar.

— Estava com o Luís.

— Vocês voltaram a namorar?

— Não, já disse que não estamos namorando.

— Eu achei que isso já tinha mudado.

— Não vai. A minha vida não é aqui, Juan.

— Você pode continuar com a sua carreira morando aqui, você sabe disso.

— Sim, mas será complicado.

Juan se levanta da mesa, coloca a taça dentro da pia e leva as mãos. Ele está com a expressão pensativa e eu sei que virá algo que me fará repensar em tudo. Meu irmão sempre foi assim, de dizer coisas para nos fazer repensar e analisar tudo. Observo ele secar as mãos calmamente no pano de prato e encosta-se a pia antes de cruzar os braços em frente ao corpo.

— Será complicado você abrir mão novamente de uma pessoa que te ama.

— Eu amo a minha carreira.

— Então não ama o Luís?

— Amo também.

— Os dois não dá, aquarela. Eu me refiro a sua vida em Florença e ele aqui.

Eu sei que vocês vão saber tomar a decisão certa, mas eu não quero ver você sofrer.

— Eu não irei.

Dou um beijo em sua bochecha, deixo o copo em cima da pia e vou rumo a escada. Eu não quero sofrer e nem fazer o Luís sofrer na nossa escolha final, eu quero o nosso bem seja juntos ou separados. Só que o coração grita para que a nossa escolha final seja *juntos*, eu quero o *nós*. Ouço o meu irmão me chamar, paro no meio da escada e olho para ele.

— Você não comprou os pincéis?

Oh, droga!

— Comprei e esqueci no carro do Luís.

Juan balança a cabeça para os lados e me direciona um sorriso debochado. Reviro os olhos e termino de subir a escada. Vou rumo ao meu quarto, entro e fecho a porta. Por causa daquela conversa um pouco tensa, mas cheia de sentimentos, eu acabei esquecendo os meus pincéis no carro do *LH* e eu terei que avisá-lo. Isso não foi um pretexto para a gente se ver hoje, pois não temos planos e eu sei que será bem complicado. Meus olhos viajam pelo quarto inteiro, passam pela cama e vão diretamente para a tela no cavalete. Eu irei pintar, mesmo que eu não esteja com alguns pincéis, mas os que o Wallace me trouxe, servem para eu realizar uma linda pintura.

Capítulo

quatro



Flexiono as minhas pernas, olho para o céu escuro e deixo os meus braços esticados para os lados. Meus olhos passeiam por cada estrela que ilumina a noite e eu suspiro. Desde pequena eu sempre ouvi que as pessoas viram estralas, quando eu cresci parei de acreditar um pouco nisso, mesmo que ninguém comprove para aonde vão as almas, já que o corpo fica embaixo da terra. Hoje durante a tarde fiz uma linda pintura e muito significativa para mim, aliás, sei que será para a minha família também. É uma pintura linda dos meus avós, eu fiz conforme o meu coração pediu e minhas mãos ficaram livres para fazer lindos traços.

Ainda não mostrei para ninguém e nem vou, pois eu sei que o momento certo irá chegar e será para trazer algum tipo de felicidade. Passei a tarde pintando esse quadro, fiquei muito feliz com o resultado e chorei também, mas foi por causa de saudade e medo do momento de despedida chegar. Assim que eu me aliviei de tanto chorar, eu fui atrás da minha família e fiquei na sala de estar com eles. Conversamos bastante, rimos e tive um momento que eu apenas observei a minha família. Eu vivi uma coisa que eu não tinha em minha vida há anos e eu meio que me senti culpada por ficar tantos anos longe, além de perder diversas coisas.

Nove anos são: Mais ou menos quatrocentas e setenta semanas. Três mil duzentos e oitenta e cinco dias. Setenta e oito mil oitocentas e quarenta horas. Resultado: Muito tempo longe e muito tempo perdido. Não é um arrependimento amargo, apenas uma culpa. Eu deveria ter aproveitado mais o meu tempo em família, mesmo que o meu foco era a minha linda carreira. Eu tive muitas férias – dias e semanas – durante esses nove anos, mas nunca me preocupei em vir até aqui. Eu fui viajar, conheci diversos lugares e me divertir.

Hoje, eu estou aqui na casa dos meus pais tentando aproveitar o tempo que eu ainda tenho com os meus avós, que sempre foram importantes para mim, mas eu não dei a atenção merecida. Luís estava certo em me dizer que era melhor eu vir me despedir, do que chegar no velório e não vê-los com vida. Mesmo que

esteja passando muito tempo com o Luís, eu estou presente com os meus avós. Eles não querem que eu me torne uma pessoa grudenta, eles querem que eu aproveite o meu tempo com o Luís e não com eles, algo que eu me esforço para dividir o tempo.

— Está querendo ser uma planta? — Ouço o Juan questionar.

— Eu acho que é ela quer ser uma árvore. — Wallace opina.

Viro a minha cabeça para o lado para olhá-los e sorrio ao observar os meus dois irmãos. Eles são importantes em minha vida e eu os amo muito. Os dois saíram para jogar bola depois do jantar e voltaram somente agora, que eu nem tenho a menor ideia de que horas seja. Wallace se deita ao meu lado esquerdo e o Juan ao meu lado direito.

— O que está fazendo aqui sozinha? Já está tarde. — Juan me pergunta.

— Estava aqui, pensando na vida.

— Aconteceu algo? — Wallace pergunta preocupado.

— Uma culpa tomou conta de mim. — Confesso. — Eu perdi muitas coisas da nossa família e agora eu estou aqui, justo num momento complicado.

— Você vai fazer a sua carreira. — Juan comenta.

— Eu sei, mas eu tive diversas férias e nem se quer me preocupei em estar em família. Eu apenas viajava.

— Não fique assim. Eles adoeceram e é coisa normal, e você estava vivendo a sua vida. Algo que todos da família, inclusive eles contribuíram para a sua vida e carreira lá. — Wallace informa.

— Eu sei que não deveria, mas é uma coisa normal acontecer.

— Não fique assim, aquarela. — Juan pede.

— Reunião do clã?

Gargalho com a frase e me sento ao olhar para o Luís Henrique. Ele está parado na porta da cozinha, sua roupa de moletom um pouco amassada, e o rosto mostra o seu cansaço.

— Sim, estávamos falando mal de você. — Wallace informa.

— Maria Clara não faria isso. — *LH* garante.

Meu irmão arqueia uma sobrancelha com deboche e eu percebo a dúvida tomar conta do olhar do Luís. Balanço a cabeça para os lados e fico em pé, sendo seguida pelos meus irmãos. Wallace se despede de mim com um abraço apertado, avisa que irá voltar amanhã e se vai após se despedir do Luís. O meu irmão caçula anda para dentro de casa calmamente, ele direciona um olhar sério para o *LH* e eu rio silenciosamente.

— Juan continua ciumento em relação a você.

— Ele acha que vocês deveriam conversar. — Encolho os ombros e me aproximo devagar. — Pensei que não fôssemos nos ver.

— Quase não consigo vir aqui. — Luís comenta e olha no relógio em seu pulso. — Eu achei de daria viagem perdida, pois pensei que você estivesse dormindo.

— Que horas são?

— Quase duas da manhã.

Não imaginava que já fosse tão tarde assim, passo o meu braço pela cintura do Luís e ele passa o seu pelo meu pescoço. Nós entramos em casa, eu fecho a porta da cozinha e vamos rumo ao segundo andar. Meus pais e avós já estão dormindo há algum tempo, então nem vou saber do Luís aqui, aliás, eles não ligam se ele dorme aqui ou não.

Na época que a gente namora o Luís dormia aqui em casa algumas vezes ou eu ia dormir na casa dos pais dele. Ambas as famílias sempre foram tranquilas em relação a isso e eles sempre falaram que era melhor a gente estar juntos debaixo do teto deles, do que em outro canto qualquer. Entramos no meu quarto, fecho a porta e deixo o meu chinelo no canto do quarto.

— Você está com a aparência cansada.

— E estou mesmo.

— Quer tomar um banho ou outra coisa?

— Tomei banho na casa dos meus pais antes de vir para cá. — Ele informa e se deita na minha cama após retirar a camisa. — Você está com a expressão triste.

Suspiro e me deito ao seu lado.

— Eu estou me sentindo um pouco culpada por ter me afastado por tanto tempo da minha família.

— Você estava construindo a sua carreira e realizando o seu sonho, algo que a sua família te ajudou a conquistar.

— Eu sei, mas olha a situação de agora... Meus avós podem partir a qualquer momento...

— Assim como qualquer pessoa. Nós não sabemos o que pode acontecer daqui uns minutos, horas, dias, meses, anos... Enfim, a qualquer momento. Não é porque eles estão com a saúde fragilizada, que isso só irá acontecer com eles.

— Eu sei, Luís, mas eu perdi muito tempo estando longe daqui.

— Não se sinta culpada. — Ele pede acariciando o meu cabelo. — Seus avós e pais irão odiar saber disso.

— Eles não podem nem sonhar com isso.

— Então pare de pensar essa bobagem.

Apenas aceno com a cabeça, encosto-me ao seu peito e fecho os olhos. Eu sei que eu não deveria me sentir assim, ainda mais com o que eu ouvi o dos meus irmãos e do Luís. Recebo um beijo molhado no topo da minha cabeça e

logo as nossas bocas se colam. O nosso beijo é calmo, cheio de amor e impossível de não querer a cada segundo do dia.

— Obrigada. — Agradeço o fazendo franzir o cenho. — Por você estar aqui comigo.

— Eu sempre vou estar com você.

Você seria capaz de abandonar o seu grande amor? Essa é a questão que bate contra o meu peito e pesa como uma tonelada em minha mente. Eu não sou capaz de abandona-lo uma terceira vez, mas eu também não sou capaz de abrir a mão da minha carreira. Eu terei que decidir muito bem e antes disso, pensar seriamente em cada possibilidade. Eu preciso de um pouco de ar agora, alguns segundos longe do Luís.

— Vou ir beber água.

Pulo para fora da cama, eu calço o meu chinelo e saio do meu quarto. Desço a escada bem devagar, pois cada segundo é precioso e isso irá se servir para me acalmar um pouco mais. Chego a cozinha, pego o copo de vidro dentro do armário e o seguro enquanto olho para o nada. Eu espero que o Luís não tenha percebido a minha mudança de humor repentina.

— Acordada, ainda? — Ouço a voz do meu pai e o vejo terminando de descer a escada.

— Sim, eu estava lá fora. — Encho o meu copo com água. — Os meninos estavam comigo, Wallace acabou de ir embora e o Luís chegou.

— Luís está aqui? — Meu pai pergunta colocando água em seu copo.

— Sim. Tem algum problema em ele...

— Não, aquela.

— Tudo bem, então. — Dou um beijo em seu rosto. — Boa noite, pai.

Subo a escada novamente, entro no meu quarto e coloco o copo em cima do criado mudo. Tranco a porta e olho para o Luís. Ele está deitado em minha cama, seus olhos pequenos, mas atentos em mim. Eu estou mais calma, já consigo ficar numa boa perto do Luís sem sentir aquele peso enorme. Ando em direção ao meu guarda-roupa, pego o conjunto de short de flanela com uma regata e vou para o banheiro. Troco de roupa rapidamente, eu saio do banheiro e vou para a cama. Bebo um longo gole de água, devolvo o copo vazio em cima do criado mudo e me deito de frente para o Luís.

A sua mão sobe pela minha cintura, para em minha nuca e sela os nossos lábios. O beijo é lento e profundo. Eu subo a minha perna direita pela sua e percebo que ele está apenas de cueca. Minhas mãos apertam os seus ombros, nossos corpos se colam ainda mais e a excitação toma conta de mim. Luís vai encerrando o nosso beijo com diversos selinhos, ele encosta a sua testa na minha e beija a ponta do meu nariz.

— Você sabe que eu adoraria, mas eu estou tão cansado. — Ele sussurra.

— Eu entendo, *LH*.

Deito a minha cabeça em seu peito, abraço a sua cintura e fecho os meus olhos. Nunca negamos fogo, mas quando o cansaço bate, ele vence a cima de tudo e principalmente sobre a excitação. Eu também estou um pouco cansada dia que se passou, mas eu não consigo dormir por enquanto. Minha mente está suave, mas meu coração a mil. Medo e amor juntos. Medo de amar tão profundamente que será incapaz de eu viver o meu sonho, medo também de escolher o meu sonho e acabar com o *nós* – Luís e eu – para sempre.

— O que está te incomodando, Maria? — Ouço o *LH* me questionar baixinho.

— Medo, Luís.

— Do que?

— De acabar com o *nós*.

— Isso nunca vai acontecer. — Ele garante. — Sempre irá existir o *nós*.

Luís me aperta contra o seu corpo e beija o topo da minha cabeça. Desde sempre eu tive uma confiança muito enorme nele, nunca tivemos desavenças por falta de confiança e eu espero que esse momento nunca chegue. Fecho os meus olhos e relaxo contra o seu corpo. Esse é o meu melhor lugar, nos braços do Luís e debaixo do teto que eu recebi muito amor. É aqui o meu lugar? Sim! E na Europa? Também! Mas por enquanto não devo pensar nisso, apenas em viver cada dia de cada vez.

[...]

Sinto o meu corpo tombar levemente para o lado, franzo o meu cenho ainda de olhos fechados e em seguida sorrio de um jeito preguiçoso ao sentir beijos em minha face. O corpo do Luís se cola no meu, seus beijos descem pelo meu pescoço e vão até o meu colo. Não estou nem um pouco preocupada com a minha aparência e eu sei que o Luís não liga para isso. Abro os meus olhos devagar, o rosto do *LH* está próximo ao meu e ele está bem desperto. Não tenho a menor ideia de que horas são, eu só sei que eu fui dormir muito tarde.

— Que horas são?

— Nove e pouco da manhã. — Ele responde ao torcer o nariz. — Bom dia, Maria Clara.

— Cedo. — Resmungo. — Bom dia, Luís Henrique.

— Vamos tomar um banho? Daqui a pouco já tenho que ir.

— Por que tão cedo?

— O restaurante irá abrir no almoço hoje.

— *Hum...* — Sussurro com um bico nos lábios. — A ideia do banho é maravilhosa.

Luís pula para fora da cama, me pega no colo e me coloca sobre os seus ombros. Aproveito para apalpar o seu corpo, encho as minhas mãos ao apertar a sua bunda e eu recebo uma mordida na lateral da minha coxa. Meus pés tocam o chão assim que o *LH* fecha a porta, suas mãos passeiam pelo meu corpo e o desejo brilha em seu olhar.

Meus dedos passeiam pelo elástico de sua cueca, mas sou impedida de continuar os meus movimentos, pois o Luís retira a camiseta do meu corpo. Eu não uso sutiã e nem calcinha para dormir, então meus seios estão expostos diante dos olhos dele e logo estarei completamente nua. Não aguento esperar, eu mesma retiro o meu short e o Luís sorri de lado.

Seguro em sua nuca com uma das minhas mãos, eu selo os nossos lábios e levo a minha outra mão até a sua cueca. Sua língua encontra a minha, meus dedos raspam em sua ereção e eu empurro o tecido para baixo. A peça escorrega por suas pernas, seus braços passam pela minha cintura e caminhamos em direção ao boxe. Fecho a porta de correr ao meu afastar do Luís, ligo o chuveiro e ele me abraça por trás.

Beijos molhados são depositados em meu ombro, arrepio-me por completa e a água começa a cair sobre o nosso corpo. Meu corpo é girado, meus seios se chocam contra o peito do *LH* e as nossas bocas voltam a se colarem. Uma de suas mãos fica em minha nuca, a outra explora as curvas do meu corpo e eu seguro em seus ombros.

Minhas pernas estão separadas por causa das suas, sinto o seu membro crescer ainda mais contra o meu ventre a minha intimidade fica ainda mais molhada. Luís leva as duas mãos para a minha bunda, me ajuda a impulsionar o meu corpo para cima e eu prendo as minhas pernas em sua cintura.

O membro dele pincela a minha entrada, me provocando ainda mais, vai deslizando aos poucos para dentro de mim e eu ofego. Mordo o seu ombro, enfio os meus dedos em seu cabelo e recebo suas investidas ávidas. Eu estou presa entre o seu corpo e a parede. A água continua a cair sobre nós, meu cabelo está grudado em meu corpo e rosto, assim como os fios do Luís estão grudados em sua testa.

— Luís! — Exclamo quando ele suga um dos meus seios.

— Te amo. — Ele declara com a boca próxima a minha e os olhos fixos nos meus.

— Eu também te amo.

Aproximo as nossas bocas, raspo os meus lábios nos seus e ele ri. Abro a boca num O perfeito quando o sinto ir bem fundo dentro de mim e aumentar o

seu ritmo. Acordar com esse lindo homem – praticamente – em cima de você e fazer sexo debaixo do chuveiro é para o dia começar extremamente bem. Mordo o seu lábio inferior e me entrego a esse prazer.

[...]

Observo através do espelho, o Luís terminar de se vestir, eu estou secador em minha franja e revezo entre olhar para mim mesma e para o Luís. O nosso *banho* foi demorado, prazeroso e deixou o gosto de quero mais, muito mais. Desligo o secador, o deixo em cima da escrivaninha e ando na direção do Luís. Ajeito a gola de sua camiseta polo, passo os meus dedos nos fios do seu cabelo e dou um passo para trás. Uma pergunta que ficou ficando em minha mente durante uma parte da madrugada, pois eu não estava conseguindo dormir era: Isso entre nós é um namoro ou apenas um romance? Mas eu não quero perguntar e nem colocar um nome nisso entre nós.

— Vamos descer para tomar café?

— Infelizmente não. Eu já estou atrasado, *raggio di colore*.

— Tudo bem. — Concordo com um bico nos lábios. — Mas vê se come algo, pois você terá um dia cheio hoje.

— Eu sei. — Ele concorda acariciando o meu rosto. — Eu acho que não vamos nos ver hoje.

— Eu entendo, *LH*.

Ele beija suavemente os meus lábios, pega os seus pertences no criado-mudo e saímos do meu quarto. Seu braço passa por trás do meu pescoço, eu o abraço pela cintura e descemos a escada. Meus pais e avós estão sentados a mesa tomando o café da manhã, a atenção de todos se voltam para nós e eu cumprimento cada um com um beijo no rosto.

— Sentam para tomar café conosco. — Minha mãe nos pede.

— Me desculpe, tia, mas não posso. Eu já estou atrasado para ir trabalhar.

— Vai abrir na hora do almoço? — Meu pai pergunta.

— Sim e todas as reservas preenchidas.

— Isso é bom.

— Sim. — Ele concorda e dá um beijo em minha têmpora. — Tenham um bom dia.

— Para você também. — Todos desejam.

Acompanho o Luís até o portão e percebo que o carro dele não está aqui.

— Cadê o seu carro?

— Eu deixei na casa dos meus pais.

— Ontem eu esqueci os meus pincéis no banco de trás.

— Eu vou deixar na casa dos meus pais e depois você pega, ou espera eu te trazer.

— Depois eu pego com você, não vou precisar deles por enquanto.

— Até mais tarde então.

Abraçamo-nos e nos despedimos com um beijo profundo. Observo o Luís ir rumo a cada dos seus pais, sorrio sozinha e resolvo voltar para dentro de casa. Vou diretamente para a cozinha, me sento ao lado da minha mãe e começo a comer. Eu sinto olhares sobre mim, mas não tenho nada para falar. Todos sabem que estamos juntos, sabem que eu estou feliz com a minha decisão e que eu ainda amo o Luís.

— Ele chegou aqui que horas? — Mamãe me pergunta.

— Depois que o Wallace foi embora, eram quase duas da manhã, se eu não me engano. — Respondo a olhando. — Tem algum problema?

— Claro que não, querida. — Ela nega. — Eu apoio vocês juntos, mas peço que sejam mais cautelosos.

— O que a senhora quer dizer com isso? — Questiono antes de enfiar um pedaço de pão na minha boca.

— Zelda estava fazendo fofoca sobre você.

Mas é claro, eu já esperava isso. Ela me viu descendo do carro do Luís pelo lado do motorista e entendeu o que quis sobre aquela imagem.

— Que eu estava *namorando* dentro do carro com o Luís? Eu faço o que bem entender e não fiz nada demais.

— E mesmo se fizesse, a vida é sua. — Papai entra na conversa.

— Eu acho que muitos assuntos vão surgir, ainda mais que o Luís está se separando e vocês já estão juntos. — Vovô opina.

— Mas vocês se gostam e não devem dar ouvidos a isso. — Vovó aconselha.

— Eu estou muito bem com as minhas escolhas, vontades e atitudes.

— E será feliz independente de qualquer coisa.

Concordo com um aceno de cabeça e todos sorriem para mim. Eu olho atentamente para os meus avós e lembro-me dos meus pensamentos da madrugada. Eles ficaram arrasados se soubessem e eu me sentiria ainda mais, mal com tudo. O que o Luís disse na madrugada é verdade, eles ajudaram no meu sonho e carreira. Direciono o meu melhor sorriso para cada um deles e me sinto ainda mais amada. Eu termino de tomar o meu café da manhã, peço licença e subo para o meu quarto.

Assim que entro no pequeno ambiente, eu ainda sinto a presença do Luís e o seu perfume ainda é marcante em cada canto. Como eu consegui viver nove anos longe dele? Nem eu mesma tenho resposta para essa pergunta. Os primeiros

meses foram muito difíceis, eu chorava muito com saudade de casa e do Luís principalmente. Eu ia estudar, chegava em casa e me insolava. Eu só comecei a viver depois de cinco meses, eu saía com os meus amigos, mas ainda me sentia vazia. Aos poucos eu fui me acostumando, pois eu não falava mais com o Luís para nem um de nós sofrer ainda mais e fui obrigada a me acostumar.

Eu nunca conversei com o *LH* sobre esses nove anos e prefiro não conversar, pois cada um viveu a sua vida conforme acharam certo e fizeram o que quiseram. Eu me sento no pequeno banco em frete a tela branca que está no cavalete, pego o pincel e o mergulho na tinta amarela. Passo sobre a tela, começando a dar cor e vida para o que os meus dedos desejam fazer. Pego um pouco de tinta laranja, a coloco perto da tinta amarela e elas começam a se misturarem.

Eu repito esse movimento de tintas diversas algumas vezes, quando eu me dou conta do que está se formando na tela bem na minha frente. Um pôr do sol, um mar calmo e a silhueta do casal sentado na areia. Pego mais um pouco de tinta preta, retoco a pintura do casal e suspiro ao me lembrar do Luís. Essa praia retratada na tela, me lembra a de Governador Celso Ramos e eu sinto uma enorme vontade de ir lá, mas será quase impossível. É a casa dos pais do *LH*, ele trabalha demais e não pode se afastar do restaurante.

Ouçõ a notificação do meu MacBook, corro até ele e o pego. Atendo a ligação de vídeo-chamada do Gus e em segundos o rosto do meu amigo preenche a tela. Eu acabei me esquecendo que ele tinha me mandando uma mensagem, eu estava tão ocupada e paranoica, que esqueci de Florença. Meu deito na cama de barriga para baixo, apoio o meu queixo em meus punhos e sorrio para o meu melhor amigo.

— Você já começou a quebrar as suas promessas. — Ele resmunga.

— O que?

— Disse que ia manter contato e sumiu por quase dois dias, Maria.

— Me desculpa. — Peço esfregando a minha testa. — Eu acabei surtando ontem a noite.

— Eu estava apenas te irritando. — Ele confessa me fazendo bufar. — O que aconteceu?

— Uma culpa, um peso ficou sobre mim, pois eu percebi o quanto eu perdi da minha família nesses anos que eu estive longe.

— Por que isso agora? Todos sempre cooperaram para você e sua carreira, não deveria se sentir culpada por ter ficado longe.

— Eu sei que não, mas pensa comigo, Gus. Eu perdi muitas coisas, momentos incríveis. Nós tivemos diversas férias e eu fui viajar, conhecer ao mundo. Eu nem se quer, me preocupei em vir para casa.

— Caraca! Você está me fazendo cair na mesma paranoia. — Ele resmunga.
— Eu faço a mesma coisa.

— Por que não caímos na real antes?

— Eu simplesmente não sei. — Ele resmunga e se reencosta na cadeira. — Temos que melhorar isso, você já começou.

— Mas o tempo está se encerrando. Meus avós vão partir...

— As pessoas podem partir em qualquer momento, independente do que ela está passando. Nunca sabemos o que pode acontecer daqui a pouco.

— Luís me disse algo parecido. — Comento pensativa.

Eles estão certos, mas os meus avós estão ainda mais perto do que qualquer outra pessoa.

— Mudando de assunto. — Ele pede ao chamar a minha atenção. — E como vocês estão?

— Tentando. — Dou de ombros.

— Então estão juntos?

— Sim, quero dizer, mais ou menos. Não temos algo sério, mas... — Suspiro e tombo levemente a minha cabeça para o lado. — a gente ainda se ama, muito, mas muitas coisas estão em jogo ainda.

— Ele ainda está casado?

— Amanhã vão assinar o divórcio, mas não é isso que eu estou me referindo.

— Como assim? Então, vão mesmo se divorciar?

— Vão e eu fiquei surpresa ao descobrir. Luís já não se sentia bem há algum tempo em ficar nessa mentira, eles são apenas bons amigos.

— Nunca tiveram nada? — Gus questiona incrédulo.

— Nada. Nunca. — Afirmo. — Nem beijos, sexo ou desejo um pelo o outro, pelo menos pela parte do *LH*.

— Inacreditável!

— É a verdade. — Dou de ombros. — Eu conversei com a Ingrid, nos entendemos e eu não sinto nada em relação a ela.

— Voltaram a serem amigas?

— Não e eu acho bem difícil isso acontecer.

— Sim, eu imagino. Se você e o Luís firmarem algo, ele jamais vai se sentir bem em eu estar perto de você.

— Ele não sabe o que aconteceu entre nós e eu não sei o que aconteceu com ele nesses nove anos. Eu prefiro que seja assim, cada um viveu do seu modo. O passado não vai interferir entre nós e você é o meu melhor amigo, ele terá que te aceitar.

— Eu te garanto que não me abalar com o olhar sério dele. — Ele resmunga

me fazendo ri. — Voltando ao assunto, o que impede vocês de firmarem algo?

— A minha vida ai, em Florença.

— Não e você sabe disso. Você pode morar ai, ter vínculo com a galeria e continuar expondo.

— Vai ser mais complicado...

— Sim, assim como foi aqui, mas com esforço e dedicação, as coisas vão se encaixar e começar a dar certo.

— Eu não sei, eu tenho que pensar muito sobre isso ainda. Não quero abrir mão da minha vida ai, mas eu também não quero que ele abra mão da vida dele aqui.

— Não dá para você escolher amá-lo e amar a sua pintura aqui. Apenas um tem que ser a sua prioridade.

— Eu não quero escolher, não quero me despedir dele mais uma vez.

— Complicada você, Maria Clara. — Ele resmunga. — Talvez eu diga algo que fará você começar a querer se decidir.

— O que? — Questiono cansada.

Eu odeio pensar numa possível despedida, me parte ao meio e o meu coração trinca.

— A galeria está fazendo alguns vínculos com outras, umas novas e por causa de sua ida até Florianópolis, eles fizeram vinculo uma galeria que irá abrir ai daqui algumas semanas.

— E o que eu tenho a ver com isso?

— Olga quer que você fique como a intermediária, entre as duas galerias, mas ela ainda vai falar com você e te explicar melhor.

— E-eu estou surpresa, Gus.

— Eu sei, mas eu quis dar essa informação já para te preparar quando ela te ligar. Talvez você vá precisar vir para cá, mas nada é certeza ainda.

— Tudo bem. — Concorde e acabo sorrindo de felicidade. — E ela disse algo sobre os meus quadros?

— Ainda tem alguns seus aqui em casa, então você não precisa se preocupar sobre a exposição.

— Você cuida de tudo para mim?

— Você sabe que sim, Maria.

Ouçõ a porta do meu quarto se abrir, olho na direção dela e sorrio para a minha mãe. Ela se aproxima devagar, olha para a tela do meu MacBook e fica surpresa ao ver o Augusto. Apenas acena para ele e ele a cumprimenta.

— Todos estão te esperando para almoçarmos.

— Eu já vou descer.

— Tudo bem. — Ela concorda e olha para o quadro recém-pronto. — Ficou

lindo e apaixonante.

— Lembra a praia de Governador Celso Ramos.

— Muito e o casal... — Ela semicerra os olhos. — lembra vocês.

— Eu e o...

— Luís. Naquela viagem que vocês fizeram.

— Sim e eu senti saudade de lá.

— Vocês deveriam ir viajar, precisam de um momento para vocês.

— Não, mãe. Eu vim para casa para ficar com vocês.

— Sua mãe está certa. — Gus concorda e eu o encaro. — Você precisa descansar e colocar a cabeça no lugar.

— Seus avós não vão se opor a isso. — Minha mãe comenta.

— Eu não sei, mãe. Luís está cheio de trabalho e o restaurante, precisa dele.

— Converse com ele e veja qual dia ele terá mais tranquilo.

— Talvez eu faça isso.

Ela concorda com um aceno de cabeça, me avisa novamente que todos estão me esperando e eu volto a minha atenção ao Gus, quando a minha mãe sai do meu quarto.

— Você precisa descansar um pouco e ficar mais tranquila, assim vai conseguir pintar três telas por dia.

— Eu estou bem, Gus e não quero me afastar daqui.

— Não vai acontecer nada e mesmo que aconteça, seus pais irão te avisar no minuto seguinte.

— Eu sei, mas...

— Sem desculpas. Converse com o Luís e vão viajar, se ele não puder, vá sozinha mesmo.

— Eu irei pensar sobre isso. — Informo o fazendo sorri. — Tenho que, nos falamos depois.

— Nos falamos depois. Se cuida.

Nos despedimos, eu fecho a tela do meu MacBook e saio da cama. Desço para o primeiro andar, encontro toda a minha família sentada em volta da mesa e eu me sento ao lado da minha sobrinha. Cada um se serve, a conversa rola solta e eu apenas observo cada um. Wallace me olha por longos segundos, eu encolho os meus ombros ao direcionar um sorriso amarelo e ele manea a cabeça para os lados. Todos estão certo em me dizer que eu não deveria me sentir mal por ter ficado longos anos longe daqui, todos contribuíram com a minha carreira e eu estou sendo uma grande idiota ao ficar mal por causa das minhas paranoias.

Meus avós adoraram quando souberam do meu vínculo com a grande galeria de Florença, mas se por acaso sonharem que eu me sinto culpada, será uma desilusão grande e eu não quero causar isso. Eu quero dar só alegria a

todos, principalmente aos meus avós.

Eu sei que a minha paranoia fez o Gus pensar a mesma coisa, pois ele cometeu os mesmo erros que eu, mas ele não está perdendo ninguém da família, como eu estou prestes a perder. Esses acontecimentos nos fizeram pensar, reavaliar as coisas e perceber que devemos estar mais em família do que qualquer outra coisa.

— Maria Clara? — Ouço a minha me chamar e eu olho para ele. — Você já se decidiu se vai conversar com o Luís?

— Ainda não.

— A nossa mãe está certa, você deve ir para algum lugar com ele, pois vocês precisam se entender e precisam de um momento para vocês. — Wallace comenta. — Você está precisando e não adianta negar.

— Eu só não sei se é certo eu me afastar daqui, pois eu vim para cá para ficar mais próximas a vocês.

— Você está errada, querida. — Vovó me informa.

— Por que estou errada?

— Porque você deve viver as suas vontades, viver a sua vida e tentar se acertar com o Luís.

— Mas antes de fazer isso, você tem que decidir qual vem em primeiro lugar. — Olho para o Juan e franzo o cenho diante de suas palavras. — A carreira ou o amor.

— Eu amo os dois.

— Mas apenas um tem uma taxa mais elevada.

Desvio o meu olhar do dele e encaro o meu prato. Eu simplesmente não sei. Eu sou feliz com os dois, mas cada um do seu modo diferente. Luís é o homem da minha vida, a minha carreira é o ar que eu respiro e... as palavras do Augusto volta a minha mente. Eu posso continuar a minha carreira, mesmo morando aqui e eu sei que o pessoal da galeria, principalmente a Olga não vai se opor a isso.

— Luís. — Respondo ao voltar ao olhar para o meu irmão.

— *Touché.*

Talvez a minha decisão já esteja tomada, mas eu só vou ter cem por cento de certeza quando a Olga conversar comigo e explicar tudo. Todos da minha família, Luís e a família dele só saberão a minha decisão após a tal conversa. Observo o meu pai sorrindo para mim, eu sorrio junto e eu vejo o apoio nos olhos de cada um presente.

Termino o almoço poucos minutos depois, Clarita pula em meu colo e subimos para o meu quarto, sendo seguidas pela Debora. Hoje está um dia tão bonito, digno de um passeio e eu quero ir em algum lugar, ter uma tarde em família. Entramos no meu quarto, coloco a Clarita no chão e ela se senta na

minha cama.

— Vamos a algum lugar, quero dar uma volta. — Comento olhando para a minha cunhada.

— Eu ia te chamar para irmos ao Parque da Luz. Leu os meus pensamentos? — Ela questiona debochada.

— É uma conexão. — Rio. — Vamos de bicicleta?

— Sim.

Abro o meu guarda roupa, pego a minha bolsa e coloco alguns pertences dentro. Não preciso trocar de roupa, pois estou de calça legging e uma camiseta preta, então eu apenas calço um tênis e saímos do meu quarto. Verifico a hora em meu celular e tenho certeza que o Luís está muito ocupado, pois ele não me mandou nenhuma mensagem e muito menos fez alguma ligação.

Cada um pega a bicicleta na garagem, observo o Wallace colocar a filha na cadeirinha acoplada a sua bicicleta e o Juan para o meu lado. Ele também vai conosco, então será praticamente uma tarde de irmãos. Daqui de casa até o parque é bem rápido, coisa de cinco minutos mais ou menos.

Saímos um por vez pelo pequeno portão, Wallace vai pedalando ao lado da esposa e eu fico um pouco mais atrás com o Juan. O vento chicoteia o meu cabelo e eu me sinto tão leve. O medo da despedida já não está mais em mim, apenas o amor... muito amor por tudo e todos. Eu estou feliz, pois eu sei que estou me dando uma nova chance para amar e ser amada, não só pelo Luís, mas também por todos da minha família.

Eu não sei o que pode acontecer entre Luís e eu, mas eu estou aberta ao o que tiver que acontecer, eu sei que serão coisas boas, pois a gente se ama muito. Só que, independente disso, temos que ir com calma – ao nosso modo – mesmo que seja complicado. A minha decisão já está – oitenta por cento – decidida e eu estou feliz demais.

Luís e todos vão ficar tão felizes com a minha decisão, algumas coisas podem mudar e eu estou disposta mesmo, foi como eu disse antes. Talvez agora aconteça tudo o que era para ter acontecido nesses nove anos que ficamos separados. Volto a realidade quando eu sinto a minha bicicleta ser chutada, olho para o lado e o Juan ri.

Ele pedala mais rápido, me fazendo acompanhá-lo e eu abro os meus braços ao retirar as mãos do guidão. É indescritível a sensação que eu estou sentindo. Leveza e amor misturados.

Capítulo

cinco



Debruço-me na janela do meu quarto e suspiro. Hoje já é segunda feira, mais ou menos quatro horas da tarde e eu estou um pouco ansiosa. Não vejo o Luís desde ontem, ele apenas me mandou uma mensagem me desejando boa noite quase uma da manhã e hoje ele iria assinar o divórcio. Eu estou um pouco ansiosa para vê-lo e tocá-lo.

Mesmo que ontem tenha sido um dia tranquilo, principalmente uma tarde tranquila no parque e eu me senti muito bem. Brinquei com a minha sobrinha, conversei bastante com os meus irmãos e cunhada. Eu ri muito, sorri e me senti ainda mais viva, além de me sentir ainda mais amada.

Depois da tarde no parque, voltamos para casa e eu fiquei horas com os meus avós, pois os meus pais saíram e o Wallace tinha ido embora com a sua família. Conversei bastante com eles, eu contei diversas coisas sobre os últimos meses que eu fiquei em Florença, eles me disseram lindas palavras, mas uma em especial tocou profundamente em meu coração. Eles se sentem realizados por eu ter me tornado quem eu sou hoje.

Bufo, cansada, eu esfrego o meu rosto com uma das minhas mãos e bato os meus dedos na madeira da janela. Dou um passo para trás e bato num corpo. Sinto uma corrente elétrica percorrer o meu corpo, me aquecendo ao mesmo tempo e fazendo o meu coração pulsar mais rápido.

— Senti a sua falta. — Luís sussurra em meu ouvido.

O meu corpo é girado de frente para o dele, meus seios ficam colados em seu tórax e as suas mãos seguram firmem em minha cintura.

— Eu não estava te esperando aqui, mas estou feliz em ter você aqui.

— Novamente ao seu lado. — Ele fala contra a minha boca. — Já sou um homem divorciado.

— Então é o mais novo solteiro do pedaço? — Questiono com deboche.

— Não estou cem por cento, solteiro. — Ele aperta um pouco mais os nossos corpos. — Eu amo uma pintora.

— Que sortuda ela é.

O seu riso se mistura com o meu por alguns segundos, ele olha no fundo dos meus olhos e toma a minha boca para si. Eu passo os meus braços pelo seu pescoço, caminhamos para trás lentamente e logo sinto as minhas costas baterem contra a parede. Os seus dedos da mão direita entram embaixo da minha camiseta, raspam em meu umbigo e mexem com o elástico do meu short de moletom. Enfio os meus dedos em seu cabelo, gemo contra a sua boca e ele sorri antes de aprofundar o nosso beijo.

Mexo a minha cintura em sua direção, sua mão entram em meu short e ele afasta as nossas bocas. Nossas respirações estão irregulares, o amor evidente em nossos olhos... e eu me vejo ainda mais a mercê desse amor.

— Eu esqueço o que é calma e controle quando eu estou com você. — Luís confessa.

— Acontece o mesmo comigo.

— Então estamos quites. — Ele debocha me fazendo ri. — Você está bem? Como passou o dia ontem?

— Estou bem e ontem foi um dia incrível.

Ele franze o cenho e tomba a cabeça levemente para o lado.

— Por que incrível?

— Sai com os meus irmãos, fomos num parque com a Debora e a Clarita. Foi um momento incrível, me senti ainda mais amada e amo ficar com a minha família.

— Você é muito amada por todos e principalmente por mim.

— Obrigada. — Beijo suavemente os seus lábios. — E como foi lá na audiência do divórcio?

— Rápido e tranquilo. Ingrid assinou de imediato, abriu mão das separações de bens e eu também. Cada um tem os seus bens, o que ela queria me dar, ela me deu bem antes da separação.

— Então, o apartamento e o restaurante continuam sendo seu?

— Sim, como eu tinha te contado antes. Ela me deu como uma forma de agradecimento, mesmo que eu tenha negado.

— Opinando sem conhecer ela e principalmente você, parece que você foi comprado por ela, mas eu sei que não foi assim.

— Não mesmo.

— E você vai ir trabalhar hoje?

Lembro-me da conversa que tive com a minha mãe, mas eu não me sinto a vontade em conversar sobre isso com o Luís.

— Hoje sim, amanhã não.

— Mas as reservas estão cheias e amanhã é dia dos namorados.

— Eu sei, mas tem o subchefe que vai ficar no meu lugar.

- Por quê? — Pergunto intrigada.
- Porque eu quero ir num lugar com você.
- Ir a Governador Celso Ramos?
- Não tinha pensando em ir para lá, mas podemos ir sim.
- Não era lá? Foi o primeiro lugar que veio a minha mente.
- Eu pensei em irmos para a fazenda, mas tanto faz por mim.

Faz anos que eu não vou à fazenda que os meus pais tem e agora eu me sinto dividida, não sei para aonde quero e nem para aonde devemos ir. Ir para a fazenda é um lugar mais tranquilo, pacato e bem longe de qualquer problema. Ir para Governador Celso Ramos é algo mais agitado, mesmo que não esteja tão quente assim, mas é um lugar turístico e movimentado em qualquer época. Por enquanto, é melhor irmos para a fazenda.

- Eu acho melhor irmos para a fazenda.
- Sim, pois não está tão quente assim, e se formos para Governador, não vamos aproveitar nada, além de ficar em casa.
- Está certo.
- Vamos amanhã cedo e voltamos na quinta, tudo bem? Eu preciso voltar logo por causa do restaurante.
- Tudo bem, *LH*.

Eu volto a colar os nossos corpos, aperto os meus braços ao redor do seu pescoço e ele sorri sapeca. Eu o amo demais e eu jamais vou querer me afastar novamente. Eu estou tão ansiosa para conversar com a Olga, pois eu quero contar logo para o Luís a minha decisão. Sorrio apaixonada para ele e uma pequena emoção toma conta de mim.

- Por que está me olhando assim? — Ele me pergunta intrigado
- Por nada. — Dou de ombros.
- Então tá. — Ele sussurra.

Afasto-me do seu corpo, o Luís se senta parcialmente na janela e cruza os braços em frente ao corpo. Hoje, nós estamos diferentes, mas calmos em relação a sentimentos e mesmo que seja indiretamente, ele sabe que tem algo diferente. Não estou me referindo a ele ter assinado ao divórcio, mas em relação a isso, eu o percebo ainda mais neutro, mais sereno e leve. Eu imagino o tamanho do peso que eles – me refiro a Ingrid – também, pois era uma mentira que os dois carregavam nas costas.

- Você está mais leve?
- Sim, um peso saiu de cima de nós.
- E como será a partir de agora?
- Sobre?
- Vocês e tudo.

— Não existem *vocês*, nunca existiu. Sou apenas eu. Apenas ela, a Ingrid
— Ele murmura e eu me sento na cama. — Somos amigos, todos já estão ciente da separação e que nós estamos juntos.

— Nós somos o que? — Questiono o surpreendendo.

— Se depender de mim, nós já casávamos hoje mesmo e você se torna a minha esposa.

A minha boca se abre levemente e a minha expressão mostra a surpresa. Luís anda na minha direção, o seu corpo vem para cima do meu me fazendo deitar na cama e ele fica entre as minhas pernas. Suas mãos sobem pelas minhas pernas nuas, passam pelo meu ventre e pelo vale entre os meus seios antes de parar ao lado da minha cabeça. Eu me mexo inquieta debaixo do seu corpo, elevo o meu rosto em sua direção e colo as nossas bocas.

O peso do seu corpo prende o meu nossas colchão e as minhas mãos agarram a sua camiseta. A sua língua disputa espaço com a minha, uma de suas mãos desce pelo meu ombro e vai até o meu seio esquerdo. Seus dedos ágeis entram por debaixo do tecido da minha regata, ultrapassa o meu sutiã de renda e acaricia o meu mamilo. Ofego contra a sua boca, ele puxa o meu lábio inferior entre os seus dentes e desce os beijos pelo meu pescoço. Sobe em direção ao meu ouvido, arranhando a minha pele com os dentes e morde o lóbulo da minha orelha.

— Luís...

— O que acha da minha proposta? — Ele pergunta num sussurro.

— Qual? — Questiono no mesmo tom e, ele pressiona a sua ereção no meio das minhas pernas. — Proposta maravilhosa.

Ainda bem que não era sobre o assunto da sua frase que me impactou e sim sobre sexo. Eu puxo a camiseta para fora do seu corpo, ele desce a regata da minha camiseta pelo meu ombro e puxa com os dentes a alça do meu sutiã. Isso me excita ainda mais, pois é maravilhoso sentir ele todo viril sobre o meu corpo e ainda mais, me desejando fervorosamente.

A sua língua passeia pela pele do meu colo, sua boca suga a pele superior do meu seio e eu tenho certeza que ali vai ficar uma bela marca. Levo as minhas mãos para o cóis de sua calça, abro o cinto e em seguida o botão. Empurro a peça para baixo, enfio uma mão dentro de sua cueca e acaricio o seu membro ereto. Luís se afasta de mim, sai da cama e retira a sua roupa, eu faço a mesma coisa, mesmo deitada na cama e assim que estamos nus ele volta para cima de mim. Sua boca volta a colar na minha, seu membro pincela a minha entrada e eu mexo a minha cintura em sua direção.

Aos poucos ele vai entrando, se acomodando e me preenchendo por completa. Enquanto os seus movimentos são calmos e frenéticos, seus dentes

prendem o meu mamilo esquerdo e sua língua o provoca, passando de um lado para o outro. Enfio os meus dedos em seu cabelo, puxo a sua cabeça e ele me olha. Sua boca se arrasta na minha pele até chegar à minha boca e me dar aquele beijo que suga até a alma.

Passo as minhas pernas por sua cintura, o sinto ir ainda mais fundo em minha e jogo a minha cabeça para trás deixando gemido escapar da minha boca. Ele fica sentado entre as minhas pernas, me segura pela cintura e acelera seus movimentos. Mexo a minha cintura contra a dele, minhas mãos vão diretamente para os meus seios e eu os apertos. Mordo o meu lábio inferior quando sinto os seus dedos brincarem com o meu clitóris e rolo os meus olhos de prazer.

— Ei... — Ele sussurra chamando a minha atenção e eu olho para ele. — Vem comigo.

Seus dedos se mexem ainda mais rápido em meu sexo, eu seguro a sua mão e me movo em direção ao seu colo. Minhas pernas abraçam a sua cintura e os meus braços passam pelo pescoço dele. As nossas cinturas se mexem em sincronia, nossas bocas voltam a se colorem e um beijo doce é o que nos comanda. Isso daqui não é sexo, não mesmo. É amor, do mais puro e excitante possível. A boca do Luís volta a descer para o meu pescoço, eu jogo a minha cabeça para trás dando um pouco mais de acesso e o meu interior de desfazer.

O sinto jorrar dentro de mim, seus movimentos ficam mais suaves e eu olho em seus olhos. Respiro fundo recuperando o meu fôlego e tentando acalmar o meu interior. LH penteia o meu cabelo com os seus dedos, eu sorrio ao morder o meu lábio inferior e me arrasto para a cama, o fazendo sair de dentro de mim. Deitamos na cama, eu jogo o lençol sobre os nossos corpos ele passa o braço pela minha cintura.

— Maravilhosa a sua vinda aqui. — Comento o fazendo sorri.

— Sabe o que será maravilhoso? A nossa ida para a fazenda. Apenas nós dois num lugar longe de todos.

— E em falar nisso, eu tenho que perguntar para a minha mãe se é possível a gente ir para lá.

— Se não for possível, vamos para Governador Celso Ramos.

Concordo com um aceno de cabeça, saio da cama e vou até o banheiro. Visto o meu roupão, calço o meu chinelo e saio do meu quarto a procura da minha mãe. Não há ninguém aqui no segundo andar – a não ser Luís e eu –, então desço para o primeiro e não vejo ninguém na cozinha. Olho para o quintal, vazio também e vou rumo a sala de estar. Vazia também. O único lugar que me resta é a garagem e o pequeno quintal que dá acesso ao portão da rua, ela deve está lá conversando com alguém. Abro a porta, eu vejo o portão sendo segurado por um braço e eu ando na direção.

— Mãe?

Ela coloca a cabeça para dentro e sorri para mim.

— O que foi? Estou conversando com a Zelda.

— Luís e eu pensamos em ir para a fazenda, é possível?

— Sim. Wallace foi para lá na semana passada e tudo está em ordem. Eu só preciso avisar a Luana e o Fábio, pois eles precisam arrumar lá para vocês.

— Nós vamos amanhã e voltamos na quinta, o Luís não pode se afastar do restaurante.

— Eu entendo, mas pensei que vocês iam para Governador.

— Não está tão calor para irmos para lá.

— Bem pensado. — Ela murmura olhando o céu sobre as nossas cabeças.

— Daqui a pouco eu ligo para a Luana avisando da sua ida.

— Obrigada.

Volto para dentro de casa e subo a escada. Entro no meu quarto, Luís continua deitado em minha cama e zapeia os canais. Subo na cama, seus braços me agarraram e eu fico sentada sobre a sua pélvis. Sua pré-ereção tem contato direto com a minha intimidade e eu a sinto começar a se umedecer.

— Qual a resposta?

— Podemos ir, ela vai avisar a Luana que estamos indo. — Respondo e olho para a minha mala perto do guarda roupa. — Mais tarde eu arrumo minha mala, preciso ir comprar algumas roupas, pois eu trouxe poucas de Florença.

— Quando você estiver comigo, não precisa de nenhuma peça de roupa.

— Safado!

Rimos juntos e ele logo volta a ficar sério.

— Bom... — Ele sussurra. —, quando voltar a esquentar o clima, nós vamos para Governador.

— Eu quero mesmo, pois estava pensando naquele lugar ontem.

— O seu quadro me fez lembrar, de lá.

Olho na mesma direção que ele e observo o meu quadro ainda no cavalete. Eu não sei se vou coloca-lo na galeria ou se vou ficar com ele, pois mesmo que seja uma pintura, é importante para mim, porque lembra, *nós*. Volto a minha atenção para o *LH*, o seu olhar cruza com o meu e ele sorri. Os dedos de sua mão esquerda deslizam para minha pele, entram por debaixo do meu roupão e vão diretamente para o meio das minhas pernas. Meu clitóris é pinçado pelas pontas dos seus dedos, minha intimidade se molha ainda mais e começa a escorrer para a sua ereção, agora ainda maior.

Recebo uma tortuosa massagem no ponto pulsante, abro a minha boca para puxar um pouco mais de ar e ele me provoca mexendo o seu membro contra a minha entrada. A sua glândula me cutuca, eu abro um pouco mais as minhas

pernas e fecho os meus olhos sentindo tudo o que ele tem a me oferecer.

[...]

Fecho a mala, a retiro de cima da cama e a deixo bem ao lado da mala do Luís. Eu estou no apartamento dele desde o início da noite, viemos para cá após a nossa deliciosa tarde e depois de um bom banho. Ele apenas me deixou aqui e voou para o restaurante, pois já estava atrasado e eu fui até o shopping. Comprei algumas peças essenciais, voltei para cá e arrumei as duas malas. Luís não teve tempo de fazer a dele e não me custava nada fazer para ele.

Antes de eu sair de casa, minha mãe garantiu que qualquer mínima coisa que acontecer, ela irá me avisar no minuto seguinte e eu estou mais tranquila. Despedi-me dos meus avós, da minha mãe e antes que eu pudesse entrar no carro do Luís, meu pai chegou do serviço e me deu um beijo. Mesmo que estamos indo para a fazenda para descansarmos, eu estou levando o meu MacBook, pois ainda espero a ligação da Olga. Ouço a campainha tocar, eu ando em direção a sala de estar e logo abro a porta. Ingrid sorri para mim e eu franzo o meu cenho ao vê-la.

— Luís me avisou que você estaria aqui e disse que eu podia vir.

— É... — Murmuro sem saber o que fazer e ela me encara, pois estamos paradas na porta. — Me desculpe. Você pode entrar.

— Obrigada. — Ela agradece e adentra no apartamento. — Me desculpe pelo horário, mas eu tinha que vir aqui hoje.

— Para que?

— Eu não acho a minha jaqueta e eu acho que eu esqueci aqui, eu posso procurar?

— Pode.

Ingrid acena com a cabeça e vai rumo ao quarto do Luís. Uma dúvida toma conta de mim e o ciúme também. Porque ela vai procurar no quarto dele, se os dois dormiam em quartos separados? Ela deveria ir procurar no quarto aonde ela dormia. Suspiro com esses pensamentos idiotas e a sigo. Entramos no quarto do Luís, ela olha para as malas e vai rumo ao pequeno closet. Sento-me na cama, cruzo os meus braços em frente ao corpo e fico em silêncio.

Não quero dar ouvidos a esses sentimentos ruins dentro de mim, eles são proibidos de existir. Luís nunca teve nada com a Ingrid, ele nem se quer gosta dela mais que um amigo e sim de mim. Ele me ama, assim como eu o amo. Simples entendimento. Ingrid aparece na minha frente, em suas mãos tem uma jaqueta vermelha e ela encolhe os ombros a olhar para mim.

— Você está bem?

— Sim, só um pouco cansada.

— *Hum...* — Ela volta a olhar para as malas e me dá um sorriso amarelo. — Vocês vão viajar?

— Sim, aliás, nem é uma viagem. Só vamos para a fazenda descansar um dia e meio.

— Luís precisa descansar mesmo, só fica naquele restaurante.

— Mas ele adora. — Dou de ombros. — Achou a jaqueta.

— Sim, achei. — Ela balança a peça em suas mãos. — Obrigada e... bom descanso para vocês.

— Obrigada.

Acompanho-a até a porta, ela dá uma última olhada ao redor e sai do apartamento. No mesmo que ela me afirmou que não sente, eu acreditei, mas hoje, agora, me bateu uma dúvida. O seu olhar, algo de diferente existia nele assim como em seu comportamento. Não sei explicar o que era, mas que tinha, tinha.

Fecho a porta, olho para o relógio na parede e ainda faltam algum tempo para o Luís chegar. Eu ando em direção ao quarto, deito na cama e jogo o edredom em meu corpo. Estou com preguiça em ir trocar de roupa, pois assim que o LH chegar, eu tenho certeza que ficarei nua, então terei que retirar as roupas duas vezes, por isso prefiro continuar com a minha legging e uma regata.

Confiro a hora mais uma vez – onze e quinze da noite – e saio da cama. Meus pés me guiam para a cozinha, mexo nos armários até achar a pequena adega e pego um vinho tinto. Sirvo-me uma taça, vou até a varanda e me sento na cadeira. O céu está estrelado, o mar calmo e diversas pessoas correm pela orla, fazendo os seus exercícios noturnos.

Nesses anos que eu morei em Florença, eu ia com o Gus fazer exercícios noturnos e depois passávamos a madrugada pintando, na maioria das vezes, apenas eu, sozinha. E agora eu terei que me acostumar a voltar a morar aqui, ter uma nova rotina e fazer um novo cronograma para tudo. Assim que voltarmos da fazenda, eu vou começar a organizar tudo e decidir se eu vou continuar a morar com os meus pais ou se vou procurar um lugar para mim.

Por mais que eu ame morar com eles, estar sempre com a minha família, eu gosto de privacidade e gosto de ter o meu canto, aliás, ter o meu ateliê também. Eu ainda não sei como vai ser a reação deles, caso eu decida ir morar em outro lugar, nós nunca conversamos sobre isso. Apenas conversamos sobre eu ir morar com o Luís assim que a gente noivasse.

Mas os planos mudaram assim que a oportunidade de ir para Florença surgiu e eu simplesmente fui. Eu amo muito aqui, também amo muito Florença e independente da onde eu esteja, eu sempre sinto saudade do outro país. Suspiro e

bebo um longo gole do meu vinho.

— Sabe... — Ouço a voz do Luís e eu sorrio, ainda continuando de costas para aonde quer que ele esteja. —, eu sou muito rápido para novas adaptações e ter você aqui, me deixa mal acostumado.

— Não se acostume comigo aqui.

— Não me lembre que você vai voltar para Florença. — Ele pede num resmungo.

Me dói saber que ele sofre com a minha possível partida, mas eu por enquanto não posso contar a minha possível decisão, pois eu sei que vai ter um momento certo para a revelação de tal novidade. Sempre há um momento certo para tudo, principalmente para contar um assunto tão importante assim.

Olho para trás por cima do meu ombro, observo o Luís colocar uma travessa em cima da mesa e retira o casaco logo em seguida. Ele coloca os pertences bem ao lado da travessa, anda na minha direção e beija suavemente os meus lábios.

— Chegou cedo.

— Dia de hoje, segunda feira, o restaurante fecha mais cedo. — Ele comenta e se senta no chão a minha frente. — Ingrid veio aqui?

— Sim, agora a pouco.

— Ela me ligou e eu avisei que você estava aqui.

Lembro-me do acontecido a pouco e suspiro ao decidir me abrir com o Luís Henrique.

— Ela deixava as roupas no seu closet?

— Não, por quê?

— A jaqueta estava lá, Luís.

— Eu sei te explicar sobre esse assunto. — Ela murmura ao encolher os ombros. — Eu posso dar mil e uma possibilidades, mas sem ter certeza de nenhuma.

— Naquele dia que eu conversei com ela na casa dos seus pais, ela me disse que gostava de você somente como um amigo e no momento eu acreditei isso, mas hoje eu não consegui continuar acreditando naquilo.

— Eu e ela nunca tivemos nada, além de um casamento falso.

— Eu sei e acredito em você, pois te conheço muito, mas ela... sempre deu em cima de você, eu dizia isso e você não acreditava.

— Me desculpe, mas eu não percebia isso e sempre achava que você estava imaginando coisas demais...

— E agora? Será que eu estou mesmo ou estou certa, como da outra vez?

— Eu simplesmente não sei e não me importa, pois é você que eu amo e quero para o resto da minha vida.

Que declaração! Involuntariamente eu sorrio e desvio o meu olhar do dele, eu simplesmente não consigo mais esconder a minha decisão e preciso contar para ele. Depois de perceber o seu sofrimento da minha possível partida e essas palavras cheias de amor, eu sou uma idiota em continuar a esconder. Coloco a minha taça no chão, chamo o Luís com a mão e eu me levanto para ele se sentar. Ele me puxa para o seu colo, fico de frente para ele e acaricio o seu tórax por cima de sua camisa.

— Eu já tomei uma decisão sobre a minha passagem por aqui e ela já é oitenta por cento, certa.

— Por que não cem por cento?

— Porque eu estou esperando algo.

— Se for sobre eu te pedir para ficar aqui ou te pedir em casamento, eu peço, pois é a minha maior vontade.

— Para de ser afobado e me escuta. — Peço tentando acalma-lo. — Olga, ela é da galeria de Florença e ela quer fazer um vínculo entre as galerias, a de Florença e a daqui de Florianópolis...

— E isso quer dizer o que? — Ele questiona ao me interromper.

Reviro os olhos com a sua pressa e acabo rindo, ao lembrar que ele sempre foi assim e sempre vai ser.

— E ela quer que eu seja a intermediaria, com isso eu continuaria aqui. Só que, antes de eu saber disso tudo, eu já estava tentando tomar a minha decisão, pois o Juan voltou a me questionar sobre o meu maior amor. Você ou a minha carreira.

— Você ama muito os dois e não estou com o ego elevado ao dizer isso, pois é a verdade em sua vida.

— Sim, eu amo muito vocês dois, mas um sempre é que está acima. — Eu percebo um temor toma conta do seu corpo e dos seus olhos ao esperar a minha continuidade. — Você está acima da minha carreira. Eu simplesmente não sei como aguentamos ficarmos tantos anos separados.

— É possível eu me apaixonar ainda mais por você? — A sua pergunta sai num sussurro.

— Sim, todos os dias. — Afirmo sorridente. — Eu escolhi ficar, Luís, por mais que eu ame a minha carreira, eu amo você e quero ter a chance de ser feliz, realizarmos tudo aquilo que não podemos nesses nove, quase dez anos.

— Dez anos, ao certo. — Ele me corrige.

— Talvez esse tempo tenha sido bom para nós e será ainda mais, pois nós amadurecemos ainda mais e vivemos outros ares e cada um achar o seu eixo, antes de nos encontrarmos novamente um no outro.

— Enfim, eu quero estar com você para o que houver... para o que tiver que

acontecer e para me dar a chance de ser feliz com você novamente, e além de amar e ser amada.

— Muito amada, isso eu posso garantir.

Seu rosto se aproxima do meu, nossas bocas ficam próximas e eu ainda estou em sã consciência, então eu me afasto, pois estamos conversando. Luís franze o cenho e tomba a cabeça para o lado.

— Eu vou ficar aqui, mas o nosso combinado continua.

— Eu posso concordar com isso, por enquanto.

— Por que por enquanto? — Pergunto intrigada.

— Porque a minha vontade era continuar da onde paramos.

— Por enquanto não. Vamos com calma, por favor, *LH*.

— Tudo bem e entendo esse pedido, é bom para nós.

— Que bom que você concorda. — Beijo suavemente os seus lábios e eu volto a me afastar. — Você se lembra do nosso primeiro combinado? O fizemos na sexta feira.

— Não.

— Se envolver sem esperar pelo amanhã, foi o nosso maior perdido bobo, pois sempre soubemos que não iríamos conseguir.

Ele ri e concorda comigo.

— Me responde uma coisa, com muita sinceridade. — Ele pede me fazendo assentir. — Se te pedirem para voltar para Florença ou ter uma nova oportunidade, você vai?

— Eu não sou capaz de me despedir de você novamente.

— E isso quer dizer?

— Que se eu tiver que ir, será por pouco tempo e terei a certeza que voltarei para você... ou até mesmo, você vai comigo. Vou ter o prazer de te apresentar a Florença, mas não pode olhar para nenhuma italiana.

— Eu só tenho olhos para uma mulher e é como o seu irmão diz, a italiana postiça da família.

Reviro os olhos e ele ri. Sua mão direita sobe para o meu pescoço, o segura e aproxima as nossas bocas. Eu acaricio a sua bochecha, sua barba raspa em minha mão fazendo cócegas e eu enfio os dedos em seu cabelo. Acho que o meu maior fetiche no *LH* é esse cabelo. Sedoso... cheiroso... macio... é lindo. Bem penteado, cuidado e tem um leve topete, mas algo bem discreta.

— Qual o segredo para esse cabelo sedoso? — Questiono o surpreendendo.

— Sério isso? — Ele questiona me fazendo gargalhar.

— Sedoso, brilhoso, macio e cheiroso.

— Não tenho segredo, apenas lavo.

— Não é apenas isso! Se eu apenas lavar o meu, vai ficar uma coisa sem

explicação. Eu tenho que passar diversas coisas para ficar razoável.

— Para de bobagem. — Ele resmunga antes de ri. — Você é linda por inteira.

— Você fala isso porque me ama.

— Amo mesmo e se quiser, eu mando passar aquele avião que carrega uma faixa escrita; Maria Clara, eu te amo. O meu amor por você é maior que o tamanho do universo.

— Não cabe isso tudo numa faixa.

— Eu aqui me declarando e você debochando?! Feio, Maria Clara.

Gargalho e me surpreendo quando a sua boca cola na minha, me interrompendo. Esse é o Luís Henrique. Romântico, simpático, lindo, educada e incrível. Sempre me faz ri, me apaixonar ainda mais por ele e por mim mesma. Às vezes ele fala coisas sobre eu, que nunca reparei antes. Luís me leva ao céu, me apresenta sensações novas e gostosas, além de me amar infinitamente. Nos afastamos para recuperarmos o fôlego e o Luís me abraça.

— Obrigada por ainda me amar.

— Eu que tenho que agradecer, ainda mais depois de tudo.

— *LH...*

— Eu nunca mais vou abrir mão de você, nunca mais.

— E nem eu de você.

Nos beijamos mais uma vez, eu saio do seu colo e pego a taça no chão. Entramos no apartamento, sento-me à mesa e sinto um cheiro maravilhoso de algo que está vindo da travessa. Luís me serve mais vinho, se serve também e coloca a louça na mesa. A tampa da travessa é retirada e eu gemo de satisfação ao ver o que ele trouxe.

— Ainda gosta de macarrão? — Ele me pergunta.

— Amo! E esse está com a aparência incrível.

Eu gosto do macarrão praticamente nadando no molho, eu amo muito mesmo e nem ligo para aqueles que dizem que assim é ruim. *LH* faz menção de me servir, eu nego e me sirvo sozinha. Comemos em silêncio, Luís se reveza entre comer e digitar no celular. O assunto da Ingrid ainda me incomoda um pouco, não estou tão tranquila com a situação. Eu sou muito segura de mim mesma, mas o passado está batendo a minha porta. Ingrid dando em cima do meu namorado, ele nem se quer olhava para ela e eu louca para voar no pescoço dela.

Hoje em dia eu não faria isso, mas no fundo dá uma vontade se ela se insinuar para o Luís, só que ao mesmo tempo eu acho pouco improvável. Ela teve a oportunidade nesses anos que eu estive longe, principalmente quando era *casada* com o Luís e eles não tiveram absolutamente nada. Volto a olhar para

o Luís e ele continua no celular. Ele acaba percebendo e olha para mim.

— O meu pai estava me avisando sobre o fechamento do restaurante. Estamos indo bem.

— Você vai crescer ainda mais e o restaurante vai ganhar mais estrelas. — Desejo e, ele sorri. — Eu só não quero virar uma bola de tão gorda, pois você cozinha bem e me entope de comida.

— Você é gostosa e nada que uma academia não resolva.

Lhe mando um beijo e volto a comer. Luís sempre me elogiando e me fazendo ser ainda mais apaixonada por ele. Enfio uma grande garfada na boca, Luís está me olhando fixamente e eu me sinto constrangida.

— O que foi? — Questiono com a boca cheia.

— Você vai morar aonde?

— Ainda não sei se vou continuar com os meus pais ou se vou procurar o meu canto.

— Vem morar aqui, comigo.

Engulo o macarrão e bebo um longo gole do vinho. Eu não esperava uma proposta dessas, ainda mais, assim do nada. Olho surpresa para o LH, ele ri levemente e se inclina em minha direção. Acabamos de combinar que continuaríamos o nosso combinado, que devemos ir com calma e que isso é melhor para nós.

— Luís, acabamos de concordar em...

— Eu sei, eu sei. — Ele suspira e coça a sua barba. — Só que eu simplesmente não consigo ir com calma, Maria. Você me conhece.

— Isso é um defeito seu.

— Uma grande merda de defeito, mas esse sou eu.

Seus ombros caem e eu suspiro. É uma proposta tentadora, eu adoraria morar com o Luís Henrique, mas precisamos de um tempo separados, pois precisamos nos acostumar novamente, mesmo que a gente se sinta um do outro.

— Eu adoraria, mas...

— A resposta é não. — Ele resmunga se afastando de mim.

— Por enquanto não. Você acabou de se separar, a gente está se envolvendo e não queremos ir rápido, pois queremos que o *nós* dê certo novamente.

— Tudo bem. — Ele concorda antes de suspirar.

— Daqui alguns meses nós podemos voltar a conversar sobre isso e decidimos o que será melhor.

— Eu vou cobrar. — Ele garante e volta a se inclinar em minha direção. — Eu te quero para mim logo.

— Eu sou sua.

— Mas não cem por cento.

Reviro os olhos e ele volta para o seu lugar após me beijar. Eu sou acostumada com esse lado apressado e grudento do Luís, nunca reclamei e nunca vou reclamar. Às vezes é chato? Sim, mas eu suporto e a gente se molda um no outro.

[...]

Desço do carro, espreguiço-me e respiro esse ar ainda mais puro. O relógio em meu pulso marca um pouco mais de dez da manhã e eu percebo que levamos um pouco mais de duas horas do apartamento do Luís até aqui, a fazenda. Olho a minha volta e me sinto em casa. Para chegarmos até aqui, passamos por um portão alto em cor amarela cercado de muros e percorremos um caminho de pedras cercados por uma área verde, bem cuidada mesmo que seja inverno.

Muitas árvores no clima da estação, um lindo gramado cerca a grande casa de dois andares, construída com tijolinhos vermelhos e de dois andares. Se eu lembro-me muito bem, na parte de trás da casa tem um vasto campo que compõe uma piscina e bem perto dela, tem uma trilha. O caminho leva até uma linda cachoeira, de águas claras e não é tão fundo.

Voltando a parte de trás da casa, tem uma varanda dando visão para a bela área que nos cerca e mais ao fundo – no lado direito – tem um estábulo onde ficam os quatro cavalos, duas gêmeas e dois machos. Luís passa ao meu lado carregando as nossas malas, eu respiro fundo mais uma vez e o sigo. Assim que subimos os três degraus da entrada da casa, a porta se abre e a Luana sorri para nós. Ela mora aqui perto e cuida da fazenda para a minha família.

— Sejam bem-vindos.

— Obrigada. — Agradeço e a cumprimento com um abraço.

— Eu fiquei surpresa quando a sua mãe avisou que vocês estavam vindo para cá, eu não imaginava que você tinha voltado e que vocês estão juntos novamente.

— Deus está nos dando essa nova oportunidade. — Luís fala após cumprimentá-la. — E eu sou apaixonado por essa pintora.

Sorrio boba e o observo entrar na casa. Luana me avisa que ela fez compras, limpou a casa e tudo está disponível para nós. Despeço-me dela, a observo ir rumo a saída da propriedade e eu entro na sala de estar. Tudo continua do mesmo jeito, paredes e teto branco, mas tem madeiras transpassadas no teto dar uma decoração e eu sempre gostei delas assim, não sei o motivo.

A lareira ao meu lado direito, fundida a parede e ela tem um revestimento que lembra tijolinhos de madeira. O sofá e as duas poltronas são na cor marrom, a mesa de centro é de dois andares e pura madeira. Bem ao lado da sala de estar,

mas afastado tem a sala de jantar, com a mesa de madeira rustica e logo atrás dela tem uma porta dupla de correr que dá acesso a área externa. Bem mais ao fundo do ambiente tem a cozinha, armários brancos e fogão de lenha, além de ter um a gás. No canto, ao lado esquerdo tem a escada de madeira que leva para o segundo andar e na parede dessa escada tem algumas fotografias.

— Tudo continua a mesma coisa. — Luís comenta descendo a escada.

— Isso é maravilhoso. Me trás segurança e conforto.

— Tenho que concordar. — Ele fala. — O que quer fazer?

— Ir cavalgar. O que acha?

— Ótimo.

Voltamos a subir para o segundo andar e eu vou diretamente para o quarto que eu sempre fico. Aqui tem nove suítes e é uma construção antiga, os meus bisavós paternos as construíram. Nem olho para canto nenhum, apenas calço a minha bota e desço apressada para o primeiro andar. Saio pela porta da sala de jantar corro em direção ao estábulo e paro bruscamente quando vejo o Fábio cuidando dos cavalos. Eu o cumprimento e acaricio a clina do cavalo marrom, todos são da mesma cor, mas cada um com a sua marca. O manchinha tem uma mancha preta entre os olhos, a Luna tem as clinas pretas com apenas uma mecha marrom e ela é a minha.

— Eu vim prepara-la, pois sabia que você iria querer cavalgar.

— E quero mesmo.

— Eu também, Fábio. — Luís anuncia entrando no estábulo.

— Eu preparei o Rex para você, tudo bem? — Fábio questiona.

Rex é o único de uma cor só, ele é muito dócil e veloz quando quer correr. Luís concorda e me ajuda a montar na Luna. Eu a abraço como posso, seguro nas rédeas e, ela sai andando calmamente. A faço se acostumar comigo enquanto dou uma volta pela casa, Luís faz a mesma coisa com o Rex e de repente começa ir rumo a trilha. Faço a Luna segui-lo e assim ela faz.

A trilha é curta, cerca de dois minutos de cavalgada e já chegamos a linda cachoeira. O vento frio nos atinge com violência, aperto a minha jaqueta contra o meu corpo e desço da Luna. Caminho até a margem, eu molho as minhas mãos e as esfrego uma na outra. Luís se senta na grama seca ao meu lado, abraça os joelhos e observa a água a nossa frente. Vou para perto do seu corpo, ele sorri para mim e volta a olhar para frente.

— Aqui trás paz.

— Sim. — Concordo.

O barulho da água caindo se mistura a alguns passarinhos cantando. No caminho para cá, eu recebi uma mensagem da assistente da Olga, dizendo que eu devo ir para Florença, para uma reunião e eu não tive coragem de contar para o

Luís. Eu tenho medo de sua reação, de achar que eu vou abandoná-lo e nunca mais voltar, mas não é isso que vai acontecer.

— O que foi? — Ele me questiona.

Respiro fundo e entrelaço o meu braço no seu.

— Eu preciso ir para Florença, mas eu vou voltar.

— É isso o que você acha, né?! — A sua voz sai carregada de tristeza e isso quebra o meu interior.

Epílogo



Luís Henrique

24 de dezembro de 2018...

Observo pela fresta da porta a cozinha, o ambiente já se esvaziando e sorrio satisfeito. Eu coloco muito amor e dedicação a cada prato que faço, pois eu sou assim. Eu sempre quero me doar por inteiro e a minha melhor parte, que é todo o amor que existe dentro de mim. Volto a minha atenção para a cozinha movimentada por conta da limpeza e respiro fundo.

Hoje eu abri o restaurante apenas no horário do almoço, pois não irei abrir no jantar, já que hoje é véspera de Natal e teremos a ceia na casa dos meus pais. Todos irão para lá, os meus sogros, cunhados e avós da Maria Clara. Nós estamos juntos, sim ela voltou de Florença, mas nós não rotulámos a namoro ou qualquer outra coisa. Os avós da Maria estão bem, mesmo com a saúde variando diariamente.

Os meus dias ao lado da Maria Clara têm sido incríveis, ela é uma mulher incrível e a mulher da minha vida. Nos amamos mais a cada dia, nos compreendemos e ajudamos um ou outro. Nós não moramos juntos, mas estamos quase, pois um dia sim e o outro não, ela dorme no meu apartamento ou

eu vou para a casa dos pais dela.

Mesmo que ela goste e queira ter a privacidade, ela preferiu continuar com os pais e avós, pois assim que voltamos da fazenda, a vó dela voltou a ser internada e a Maria ficou desesperada. O meu *raggio di colore* teve medo, muito medo mesmo e eu me mantive ao lado dela. Maneio a cabeça para os lados e me despeço de cada um dos funcionários.

Retiro a minha doma, a dobro e vou rumo ao segundo andar. Assim que piso no ultimo degrau me surpreendo ao ver *ela* deitada no sofá-cama. Ando em sua direção, subo em cima do seu corpo e ela se assusta, pois estava com o olhar fixo no celular.

— Que susto, *LH*.

— Que surpresa, *MC*. — Debocho.

— Já encerrou o expediente?

— Sim e nós podemos ir para casa.

— Seu apartamento.

— Nosso, pois você mora lá, mas ainda não assumiu isso.

Maria Clara revira os olhos, mas acaba rindo. Mordo o seu lábio inferior, beijo o seu colo nu, pois ela está usando uma regata que deixa os ombros junto com o colo nus.

— Vamos para aonde você acha que devemos ir, eu só vim te ver e praticamente te buscar. — Ela fala e acaba franzindo o cenho. — Você tem que até a casa dos seus pais.

— Bem lembrado.

Saio de cima do seu corpo, coloco a minha doma dentro da minha mochila e descemos para o primeiro andar. Confiro a cozinha mais uma vez, desligo o gás e saímos do restaurante. Nós decidimos fazer exercícios físicos, então deixamos o meu carro de lado e só andamos de bicicleta. Isso não faz somente bem a nós, mas ao meio ambiente também.

Maria sobe em sua bicicleta azul água, eu subo na minha preta e vamos rumo a casa dos meus pais. Ela pedala na minha frente e eu a sigo mantendo um bom ritmo. Nesses seis meses que se passaram, não tivemos nenhuma briga ou nos afastamos por mais de seis horas. Ela não voltou a implicar sobre a Ingrid querer ser próxima a nós, mas eu vejo o incomodo nela.

Pelo menos a Ingrid é um pouco sensata, não vai ao meu apartamento ou na casa da Maria Clara, ela só conversa com a gente quando nos encontramos casualmente. Não conversamos muito, mesmo que ela tenta puxar assunto. Esses dias atrás ela foi até o restaurante com o meu melhor amigo e eu fiz questão de ir até a mesa deles. Quando eu estava junto com a Ingrid, ela nunca tinha ido lá, digo, como cliente. Eu estranhei a aparição deles, mas tentei agir normalmente.

Desço da bicicleta, Maria abre o portão e nós entramos. Deixo as bicicletas na garagem e sigo para dentro da casa dos meus pais. Como ano passado, o Natal foi na casa dos meus sogros, esse ano será aqui, pois eles fazem revezamento desde quando eu comecei a namorar o meu *raggio di colore*.

— Oi minha linda! — Dona Judith exclama ao ver a Maria Clara.

— Oi tia... barra sogra. — Maria ri.

— Eu adoro ouvir isso; sogra. — Minha mãe comenta sorridente e enfim olha para mim. — Oi meu amor.

— Oi mãe.

Beijo o topo de sua cabeça e sigo para a cozinha. Percebo a mesa cheia de ingredientes, assim como o balcão e parte da pia. Minha mãe vai preparar a sua típica ceia, a minha sogra vai trazer algumas coisas e eu estou responsável pelo lombo recheado. Pego uma maçã, mordo um pedaço e leio os planos da minha mãe. Antes de ela cozinhar, ela escreve tudo que deve cozinhar numa folha e separar a receita de cada um. Sinto os braços da Maria, passarem pela minha cintura, ela apoia o queixo no meu ombro e morde o lóbulo da minha orelha.

— E como está a galeria? — Ouço a minha mãe perguntar.

— Ótima, Judi. — Maria responde.

Há seis meses, quando ela decidiu ficar aqui, eu sempre acordei com medo dela ter que ir embora novamente, mesmo que ela me prometeu que isso não aconteceria, mas é impossível não ter medo, ainda mais depois da repentina ida dela até Florença. A gente está somente juntos, nada tão firme e certo ainda, me refiro a sua vida fica aqui. Volta ao assunto da galeria, ela está trabalhando como gerente além de ser a intermediária entre as duas galerias, com isso tudo, ainda sobre tempo para ela pintar e enviar os seus quadros para Florença.

— Vai precisar de ajuda, mãe? — Pergunto.

— Não, você apenas precisa fazer o lombo.

— Tudo bem. Os ingredientes já estão lá em casa e eu vou fazer o lombo daquele jeito que todos adoram.

— É maravilhoso ter um filho chefe de cozinha. — Ela finge que sussurra, mas fala num tom que eu possa ouvir. — Concorde comigo, Clarinha?

— Oh, se concordo. — Maria responde e acaba rindo. — Por isso que eu só ando de bicicleta, pois ele me entope de comida.

— Se isso for uma reclamação, eu japa cozinheiro mais. — Dou de ombros.

— Foi apenas uma brincadeira. — Ela logo se apressa a dizer e beija a minha nuca. — Já podemos ir? Mais tarde eu vou buscar o Gus no aeroporto.

Apenas aceno com a cabeça e a sinto se afastar de mim. Eu sei que eles são melhores amigos, mas sinto ciúme quando ela está com o Augusto. Não sei se já rolou algo entre os dois e prefiro não saber. Eu quero ser um bom companheiro

para a Maria, tentar não demonstrar o meu ciúme e ser uma pessoa tranquila.

Ano passado, quando eu vi os dois juntos e ela me provocava ao dizer – não diretamente e nem com todas as palavras – que ela tinha algo com o Augusto, eu me corroía por dentro. Sentia vontade de segurar ele pelo colarinho e dizer que ela era minha namorada, noiva, esposa ou qualquer outra coisa. Eu via os dois juntos e não conseguia esquecer aquela vez que eu fui até Florença e ele abriu a porta daquele jeito, eu fiquei cego de raiva.

Eu estava sofrendo com a partida dela e com isso, eu tive a ideia de ir até lá, pedi-la em casamento. Eu até estava com a aliança em meu bolso, mas quando eu o vi... balanço a cabeça para os lados me livrando dessa lembrança ruim, me despeço da minha mãe e saímos da casa.

Maria volta a pedalar na minha frente indo rumo ao meu apartamento e eu a sigo com cuidado, pois as ruas estão bem movimentadas. A aliança está guardada até hoje, mas por mim já estaria no dedo dela. Só que eu estou tentando ir com calma, mesmo que seja bem complicado, pois eu quero diversas coisas e ela é muito tranquila com o nós.

[...]

— Luís, me ajuda a fechar o vestido.

Ouçõ a Maria Clara me pedir e eu vou rumo ao meu quarto. Eu estava na cozinha, terminando de embalar o lombo, pois daqui a pouco já vamos para a casa dos meus pais. Entro no quarto, vejo a porta do closet aberta e sigo até lá. Maria está em frente ao espelho, em seu corpo tem um vestido ombro a ombro, mas tem mangas até os seus cotovelos, o pano é de veludo e na cor preta.

Seu comprimento é até os joelhos, mas a sua coxa direita fica toda exposta, por causa da abertura e um pinçado perto da cintura. Aproximo-me devagar, seguro o pequeno zíper que fica no meio das costas e o subo até perto de sua nuca. Ela sorri para mim através do espelho, passa os dedos na franja e morde o lábio inferior.

— Você está linda.

— Obrigada.

Beijo o seu ombro nu, viro as costa para ela e começo a me afastar, mas ela me chama.

— O que? — Questiono a olhar para ela.

Em sua mão está a caixinha do anel de noivado que eu comprei há anos e nesse tal caixinha tem o nome dela.

— Vamos nos casar?

— Você está me perguntando se nós vamos casar ou se eu quero me casar

com você?

Ela ri e se aproxima de mim, se equilibrando em cima do salto alto.

— Eu estou te perguntando se você quer casar comigo?

— Esse deveria ser o meu papel e não o seu.

— Me responde.

Tombo a cabeça para o lado, semicerro os olhos e retiro o seu lábio inferior de entre os seus dentes.

— Você quer casar comigo, Maria Clara?

— Eu quero.

A abraço pela cintura e colo os nossos corpos.

— A minha maior vontade desde que eu te vi pela primeira vez foi querer me casar com você, eu sabia que você era a mulher da minha vida.

— E você o homem da minha vida.

Seus braços passam pelo meu pescoço e nos beijamos profundamente. Minhas mãos apertam a sua cintura, desço uma pelo seu corpo e aperto a sua bunda. Empurro o seu corpo para trás, com a ajuda do meu e a encosto no espelho. Levo as minhas mãos para o seu rosto, o seguro e olho em seus olhos.

— Você vai mesmo se casar comigo?

— É o que eu mais quero. Eu te amo e nunca mais vou embora.

— Não mesmo.

Ela sorri emocionada, me abraça apertado e acaba se afastando. Eu pego a caixinha de sua mão, abro-a e pego o anel com um pequeno brilhante. Deslizo a joia pela seu dedo anelar da esquerda e deposito um pequeno beijo.

— Precisamos ir, o Natal só está começando.

— O papai Noel já me deu o melhor presente.

Abraço-a pela cintura e saímos do closet. Maria se afasta de mim, pega a sua bolsa e vamos rumo a cozinha. Eu pego a travessa com o lombo, saímos do apartamento e vamos rumo ao elevador. Olho a minha noiva e ela está digitando freneticamente em seu celular.

Quando nós voltamos da casa dos meus pais, ela me ajudou a temperar o lombo e em seguida fomos para o meu quarto, ficamos lá por deliciosas horas. De repente ela se levantou e lembrou que tinha que ir buscar o Gus no aeroporto, então se arrumou e saiu então disparada. Eu fiquei deitado em minha cama, olhando para o teto. Como eu disse antes para ela e para mim mesmo, tenho que me acostumar com a presença dele.

Entramos no meu carro, entrego a travessa para a Maria Clara e nos levo rumo a casa dos meus pais. As ruas estão um pouco movimentadas, mas nada que nos faça levar mais tempo que o costume. Ela liga o rádio e eu bato os meus dedos no mesmo ritmo da música. A letra representa muito como eu estava no

dia que ela chegou de Florença, foi de surpresa, pois ela não avisou quantos dias iria ficar longe, mas ainda bem que foi apenas uma semana.

— Mas de repente a campainha toca, tem alguém batendo na minha porta. É você, é você! Dizendo que estava com saudade, que o celular não pegou na viagem. É você, é você! Que bom que é você. Entra logo que o meu abraço tá querendo o seu.

— Foi assim? — A ouço me questionar ao abaixar um pouco o som do carro.

— Exatamente assim. Eu estava louco de saudade e queria que você voltasse logo, ainda mais que você não disse quando voltaria. Ai você chegou de surpresa.

Foram dias difíceis, mas eu tinha a esperança dela voltar e ela voltou para mim. Mesmo que a gente tenha conversado todos os dias, eu sempre reforçava o meu pedido para ela voltar.

— Mas era para ser surpresa mesmo e você gostou, pois fizemos tudo aquilo depois.

— Não se faça de rogada. — Peço a fazendo ri.

Estaciono o meu carro em frente a casa dos meus pais, descemos do automóvel e eu entrelaço a minha mão na da Maria Clara depois que eu pego a travessa. Ela abre o portão para nós, vamos rumo a porta de entrada que está aberta e nós entramos chamando a atenção de todos. Minha mãe vem ao nosso encontro, no cumprimenta e eu entrego a travessa.

Cumprimento os demais sem largar a Maria nem por um segundo e o meu pai nos entrega duas taças de vinho. Precisamos anunciar para a nossa família que estamos noivos, mesmo que não conversamos nada sobre o casamento em si. Paramos no meio da sala todos ficam ao nosso redor e o meu amor, *raggio di colore*.

— Temos um comunicado a fazer. — Ela comenta fazendo todos ficarem em silêncio.

— Vamos nos casar! — Anuncio e ela mostra o anel em seu dedo.

Todos comemoram conosco e começam a nos parabenizar, mesmo que eles já esperassem por isso. Abraços, palavras de carinho e felicidade é o que eu mais ouço por longos segundos, até ouvir algo que me surpreende, assim como a Maria Clara.

— O próximo passo, após o casamento são os bebês.

Não sei quem falou, mas talvez seja esse o plano. Olho para Maria Clara, ela olha para mim e nos beijamos suavemente. Eu a amo com todo o meu ser, com todo o meu interior, com todo o meu coração e... ela é simplesmente a mulher da minha vida. Sussurro que eu a amo contra os seus lábios e ouço a

mesma coisa de volta. Que esse nosso amor seja eterno.

Fim.

Agradecimentos



E mais um conto chegou ao fim...

Primeiramente eu tenho que agradecer a Deus, por me permitir a escrever mais uma história. Obrigada por você tirar um tempinho para ler esse conto e conhecer mais um casal incrível. Eu sei que esse conto demorou a chegar a seu kindle, mas chegou. Eu espero que você tenha gostado e se apaixonado por eles, como eu me apaixonei ao escrever cada letrinha. Luís Henrique e Maria Clara são personagens de um conto único, não tenho planos de escrever mais nada sobre eles ou de algum outro personagem. Muitas histórias estão por vir, muitas paixões novas e casais igualmente maravilhosos. Aguardem, pois o ano de 2019 será um ano de conhecimento. Conhecer novos personagens e, eu espero a todos vocês.

*Muito obrigada.
Com amor,
Autora Gislaine Souza*

Autora



Gislaine Alessandra de Souza nasceu em 1998 e mora em Guarulhos - São Paulo. Começou a escrever quando tinha dezesseis anos e daí em diante nunca mais parou. Além de seguir a carreira como autora, ela também quer ser psicóloga. Formada em Designer Gráfico e amante do cinema, além de viver mergulhada nos livros dia a dia. Seu primeiro livro publicado em físico foi de forma independente e já tem outros livros lançados na amazon.

Email: gislainealessandra2015@hotmail.com

[Instagram:](#)

[Facebook](#)